



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Pedro Henrique Lessa Torres

**A Estratégia Política do Correio da Manhã na campanha presidencial de 1922**

Rio de Janeiro

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

2010

Pedro Henrique Lessa Torres

**A Estratégia Política do Correio da Manhã na campanha presidencial de 1922**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: História Política.

Orientador: Edgard Leite

Rio de Janeiro

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/CCS/A

T688	Torres, Pedro Henrique Lessa A estratégia política do correio da manhã na campanha presidencial de 1922 / Pedro Henrique Lessa Torres – 2010. 256 f.  Orientador: Edgar Leite . Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Bibliografia. 1. Correio da manhã (Jornal) – Teses. 2. Imprensa e política - Teses. 3. Estratégia – Teses. I. Leite, Edgar. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título. CDU 981 “1921/1922”
------	---

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

---

Assinatura

---

Data

Pedro Henrique Lessa Torres

**A Estratégia Política do Correio da Manhã na campanha presidencial de 1922**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Aprovada em:

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Edgard Leite (Orientador)  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

---

Prof. Dr Ricardo Salles  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr André Luiz Vieira Campos  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

Rio de Janeiro

2010

### **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha família, a Anny, ao meu orientador e aos professores que me auxiliaram durante a realização das disciplinas cursadas.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador, Edgard Leite, por toda a atenção dedicada, pelos conselhos, e especialmente, por todo o incentivo concedido ao longo dos anos de trabalho. Agradeço as professoras Marilene Rosa e Maria Fernanda Cândido pelos conselhos dados a respeito de algumas complexas questões metodológicas. Agradeço também a professora Lúcia Guimarães pelo conhecimento transmitido acerca da historiografia. E por fim, agradeço a Anny e a minha família pela paciência que tiveram para lidar comigo mesmo nos momentos mais difíceis.

## RESUMO

TORRES, Pedro Henrique Lessa. *A estratégia política do Correio da Manhã na campanha presidencial de 1922*. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado em História ) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

De abril de 1921 a julho de 1922, o Correio da Manhã empreendeu uma campanha cujo objetivo principal era impedir a chegada de Arthur Bernardes à presidência da República. Através da análise do discurso observamos que esta campanha obedeceu a uma estratégia e táticas bem definidas que, em linhas gerais, procuraram demonstrar que Arthur Bernardes era impopular, corrupto, e inimigo do exército, o que, segundo o jornal, justificaria a execução de um golpe militar para impedir a sua chegada ao poder e salvar o País.

Palavras-chave: Correio da Manhã. Imprensa. Estratégia. Golpe militar



### **ABSTRACT**

From April of 1921 to July of 1922, the *Correio da Manhã* did a campaign whose main goals were to avoid Arthur Bernardes' presidential elections. Using speech analysis, it was observed that the campaign obeyed strategies and tactics well defined, that in general tried to demonstrate that Arthur Bernardes was unpopular, corrupt, and the army's enemy. This would justify, according to the journal, a military coup to avoid his election and to save the country.

Keywords: Press. *Correio da Manhã*. Military Coup. Strategy

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1	<b>A CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 1922 E O CORREIO DA MANHÃ NO CONTEXTO DA CRISE DOS ANOS 20</b> .....	16
1.1	<b>A crise dos anos vinte</b> .....	16
1.2	<b>Eixo alternativo: a campanha presidencial de 1922</b> .....	16
1.3	<b>Historiografia</b> .....	17
1.4	<b>A questão militar</b> .....	19
1.5	<b>O significado de ser oposição na 1ª república</b> .....	20
1.6	<b>A imprensa e a crise dos anos vinte</b> .....	24
1.7	<b>O Correio da manhã</b> .....	25
1.8	<b>Edmundo Bittencourt</b> .....	29
1.9	<b>Os protagonistas</b> .....	30
1.10	<b>Nilo Peçanha</b> .....	30
1.11	<b>Arthur Bernardes</b> .....	34
1.12	<b>Hermes da Fonseca</b> .....	36
1.13	<b>Conclusão</b> .....	38
2	<b>A CAMPANHA ANTI-BERNARDES</b> .....	39
2.1	<b>Abril de 1921</b> .....	39
2.2	<b>Mai de 1921</b> .....	40
2.3	<b>O Correio da Manhã está contra Bernardes, mas não está contra Minas...</b>	41

2.4	<b>Políticos versus Nação: isolando Arthur Bernardes</b> .....	43
2.5	<b>Candidaturas Alternativas</b> .....	44
2.6	<b>O impacto da rejeição do Rio Grande do Sul</b> .....	45
2.7	<b>Epitácio Pessoa e Arthur Bernardes: água e vinho</b> .....	46
2.8	<b>O Correio da Manhã e a imprensa pró-Bernardes</b> .....	47
2.9	<b>Arthur Bernardes e a crise econômica</b> .....	48
2.10	<b>Arthur Bernardes: o inimigo do exército</b> .....	49
2.11	<b>As eleições para o clube militar</b> .....	50
2.12	<b>O Correio da Manhã e o uso da idéia de golpe</b> .....	51
2.13	<b>Consulta aos mineiros</b> .....	53
2.14	<b>Francisco Salles</b> .....	54
2.15	<b>Sintomas da Reação: a queda de Leão Veloso e o fim do plebiscito ao povo de Minas</b> .....	56
2.16	<b>Junho de 1921</b> .....	60
2.16.1	<b>Candidaturas alternativas</b> .....	60
2.17	<b>A disputa pela vice-presidência</b> .....	61
2.18	<b>Pressão sobre Nilo Peçanha</b> .....	64
2.19	<b>A candidatura de Nilo Peçanha</b> .....	66
2.20	<b>Conclusão</b> .....	66
3	<b>O CORREIO DA MANHÃ E A SUA DUPLA CAMPANHA: ANTI-BENARDES E PRÓ-REAÇÃO REPUBLICANA</b> .....	69
3.1	<b>Contexto</b> .....	69
3.2	<b>A idéia de golpe</b> .....	70
3.3	<b>Aproximação com o exército</b> .....	71
3.4	<b>A preferência do Correio da Manhã</b> .....	72
3.5	<b>Luta simbólica: rebatendo os discursos pró-Bernardes</b> .....	73
3.6	<b>Dissidência parlamentar</b> .....	74
3.7	<b>Epitácio Pessoa</b> .....	76
3.8	<b>Diversificação econômica</b> .....	76
3.9	<b>O Correio da Manhã , o funcionalismo público e o operariado</b> .....	77

3.10	<b>Ruy Barbosa</b> .....	78
3.11	<b>J.J.Seabra</b> .....	79
3.12	<b>As excursões da Reação Republicana</b> .....	81
3.13	<b>A Reação Republicana e a Igreja católica</b> .....	81
3.14	<b>Desvio de exemplares</b> .....	81
3.15	<b>Conclusão</b> .....	82
4	<b>O CORREIO DA MANHÃ E O CASO DAS CARTAS</b>	
	<b>FALSAS</b> .....	85
4.1	<b>Contexto</b> .....	85
4.2	<b>Criando um clima anti-Bernardes</b> .....	86
4.3	<b>As Cartas</b> .....	87
4.4	<b>A estadia de Arthur Bernardes na capital do Brasil</b> .....	92
4.5	<b>A imprensa Bernardista</b> .....	94
4.6	<b>Gil Blas</b> .....	96
4.7	<b>Correio da Manhã: Procedimentos complementares</b> .....	97
4.8	<b>O retorno de Nilo Peçanha</b> .....	98
4.9	<b>A idéia de Golpe</b> .....	99
4.10	<b>A manutenção e Pressão no caso das cartas</b> .....	100
4.11	<b>Conclusão</b> .....	101
5	<b>O CORREIO DA MANHÃ E O DESFECHO</b>	
	<b>DA CAMPANHA</b> .....	103
5.1	<b>Introdução</b> .....	103
5.2	<b>A manutenção da campanha</b> .....	103
5.2.1	<b>Contexto</b> .....	103
5.3	<b>As eleições</b> .....	106
5.4	<b>Tribunal de honra: o ultimato</b> .....	106
5.5	<b>O caso das cartas</b> .....	110
5.6	<b>O esvaziamento</b> .....	111
5.7	<b>Conclusão</b> .....	111
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	113
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	115

## INTRODUÇÃO

A campanha de 1922 envolveu uma disputa entre Arthur Bernardes e Nilo Peçanha pela presidência da república. Nilo Peçanha era o representante da candidatura da dissidência, mais conhecida como Reação Republicana. Sua base de apoio se assentava no estado do Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e no Distrito Federal. Enquanto Arthur Bernardes representava uma candidatura que contava com o apoio político de Minas Gerais, São Paulo e o restante dos estados da federação.

Ao observarmos o percentual de votos obtidos pela chapa dissidente (Nilo Peçanha para presidente e J. Seabra para vice), podemos verificar o maior grau de competitividade da Primeira República.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> PIRES, Aloildo Gomes. *Eleições presidenciais na Primeira República: uma abordagem estatística*. Salvador : São Judas Tadeu, 1995. Cf. Anexos.

Esta disputa envolveu vários segmentos da sociedade, inclusive a imprensa. Ao observarmos os jornais e as revistas do período, podemos encontrar discursos severamente inflamados por parte de vários órgãos da imprensa, incluindo aqueles de grande tiragem.

Dentro deste contexto de grande envolvimento da imprensa com as eleições, aparece com grande destaque o Correio da Manhã. E este destaque foi visível sob diversos aspectos, pois tanto nos jornais de apoio a Arthur Bernardes, quanto nos jornais de apoio a Nilo Peçanha, o Correio da Manhã é amplamente citado. Nos jornais pró-Bernardes ele é duramente criticado, enquanto nos jornais pró-Nilo Peçanha ele é frequentemente reverenciado por sua campanha Anti-Bernardes.<sup>2</sup>

Fora do campo da imprensa a atuação do Correio da Manhã também provocou reações. Podemos ver tentativas de passeatas com o intuito de prestar solidariedade para com Arthur Bernardes, que estaria sendo gravemente ofendido pelo Correio da Manhã.<sup>3</sup> Assim como também podemos encontrar elogios públicos de políticos e militares que concordariam com as atitudes deste órgão de imprensa.

### **Objetivos, Teoria e Metodologia**

Tendo em vista a relevância da campanha de 1922 e a ampla participação da imprensa na mesma, resolvemos estudar essa relação. Mas para não perdermos o foco reduzimos a nossa escala de observação e elegemos, por causa do seu protagonismo, o Correio da Manhã como o nosso objeto de estudo.

Desde o lançamento da candidatura de Arthur Bernardes o Correio da Manhã levantou uma campanha ininterrupta com o objetivo de impedir que este se tornasse presidente. Ao observar os exemplares do jornal elaborou-se a hipótese de que havia toda uma estratégia para a obtenção do êxito, isto é, dentre os ataques desferidos pode ser observada uma regularidade e a existência de objetivos no âmbito do curto e longo prazo. Em outros termos, no contexto da luta simbólica travada contra a candidatura de Bernardes, o Correio da

---

<sup>2</sup> Cf. O Imparcial e a revista Gil Blas durante o mês de outubro de 1921.

<sup>3</sup> Cf. O Correio da Manhã, 15-05-1921. P.2

Manhã tinha como base uma estratégia política coordenando as suas atitudes. Entendendo que a estratégia se voltava para que a longo prazo Arthur Bernardes fracassasse, também defendemos que o jornal possuía táticas voltadas para o objetivo de enfraquecer o mineiro no curto prazo.

Continuando no terreno das hipóteses, acreditamos que o Correio da Manhã foi, especialmente após o caso das cartas falsas, o interlocutor de uma corrente política que defendia um golpe como meio de salvar o País. Ao mesmo tempo, o Correio da Manhã também representou a luta por uma maior “democratização” na escolha dos candidatos à presidência, isto é, combateu a hegemonia de São Paulo e Minas Gerais como centro das decisões integrando-se assim na luta pela formação de um eixo alternativo de poder. E por fim, pensamos que o Correio da Manhã, como representante das camadas médias urbanas decepcionadas com os rumos da república, encampou um teor moralizante para atingir os seus fins defendendo que sem uma moralização não se salvaria a República.

A partir de então, delimitamos como objetivo deste trabalho analisar a estratégia política do Correio da Manhã observando a validade ou não das hipóteses traçadas. Mais especificamente, estudaremos as táticas por ele empregadas visando compreender: como que estas se articulavam com a sua estratégia, o contexto e a cultura política<sup>4</sup> da época, qual a intencionalidade do periódico ao publicar determinadas colunas e cartas, quais as transformações na sua linha de comportamento e como era o seu relacionamento com os diferentes atores sociais envolvidos neste embate político, ou seja, estudaremos a atuação do Correio da Manhã na campanha de 1922 e assim verificaremos nossas premissas.

Porém, ter a mídia como objeto de estudo requer cuidado. Jean Noel Jeanneney, ao comentar sobre a história política renovada na França, assinala que os estudos sobre os meios de comunicação não têm sido os mais ardorosamente produzidos. E tal atraso da pesquisa neste setor, não seria resultado de um reduzido interesse e atração.

O que justificaria este atraso seria a presença de alguns obstáculos específicos deste campo de pesquisa. Os principais obstáculos mencionados por Jeanneney seriam: a

---

<sup>4</sup> Entendemos cultura política como o conjunto das representações que solda um grupo humano no plano político. (Cf. Berstein, 1992:67-77)

diversidade dos objetos de estudo, a sua dispersão, e a grande massa documental que precisaria ser analisada.<sup>5</sup>

E as dificuldades existentes para trabalhar com a mídia também aparecem como consenso na historiografia nacional. Uma recente publicação sobre a história da imprensa e do pensamento político no Brasil iniciou sua apresentação da seguinte forma:

Às vésperas das comemorações do bicentenário da imprensa no Brasil, esta coletânea representa mais um avanço nos estudos sobre tema tão importante, ainda que pouco explorado pela historiografia nacional. Cabe destacar, entretanto, que esse fenômeno não é tipicamente brasileiro, uma vez que se inscreve num contexto mais amplo dos estudos políticos e culturais na grande área da história: os estudos sobre a imprensa publicados no início do século XX, tanto alhures quanto no Brasil, somente encontraram seguidores sistemáticos na segunda metade do século.

Talvez porque a história da imprensa, como assinala Pierre Albert em *Histoire de la presse* (1993), ao ser uma espécie de eco das atividades humanas e agente de influências de todas as forças políticas, econômicas, sociais e intelectuais, exija, para ser analisada, uma “competência enciclopédica”. Talvez porque, enquanto objeto de estudo, ela se apresente, invariavelmente, em grandes coleções que constituem um volume enorme a ser consultado e analisado, resultando daí longos períodos de pesquisa e esforço. Ciências auxiliar ou objeto de estudo, a história da imprensa representa sempre um desafio pela complexidade da heterogeneidade da própria imprensa. (FONSECA, 2005, p. 7)

E foi para lidar com este desafio que se tornou necessário recortar o nosso objeto, para que este se tornasse operacionalizável. Por isso, escolhemos tratar da estratégia política do *Correio da Manhã* no contexto da luta simbólica entre as candidaturas.

Desta forma, podemos nos concentrar em delimitar as suas ações principais e explicá-las a luz das nossas referências teóricas e metodológicas. Assim, por exemplo, estamos excluindo do nosso foco de atenções, o estudo aprofundado das repercussões das ações deste periódico que podem até ser investigadas, em algumas ocasiões, quando isto for construtivo para a nossa análise. Mas estudar como a opinião pública (entendida aqui como a opinião da maioria) percebeu as ações do *Correio da Manhã* não é nosso objetivo.

Vejamos então, quais serão os nossos referenciais no que diz respeito à teoria e metodologia. Durante a nossa investigação, utilizaremos primordialmente, duas metodologias. Para facilitar o nosso trabalho com os textos, utilizaremos o método da abordagem dos campos semânticos.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> JEANNENEY, Jean-Noel. *A mídia*. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p.213-220.

<sup>6</sup> ROBIN, Régine. *História e Linguística*. São Paulo, Editora Cultrix, 1977. P. 153-157.



A abordagem que faremos sobre os campos semânticos se baseia numa metodologia desenvolvida pelo Centro de Lexicologia Política de Saint-Cloud. Nossos procedimentos no âmbito desta abordagem consistirão na busca das redes de relações estabelecidas entre determinadas palavras-chave. Por exemplo, num dos textos analisados, selecionaremos como palavras-chave os nomes: “Nilo Peçanha” e “Arthur Bernardes”. A partir de então, observaremos as relações de oposição entre “Nilo Peçanha” e “Arthur Bernardes”, as redes de associações traçadas para cada candidato, dentre outras possíveis relações semânticas ali presentes.

Desta forma, poderemos identificar melhor as ações do periódico. Isto é, escolhendo determinadas palavras-centrais dentro do texto e identificando o universo de sentidos a elas associados, poderemos efetuar uma interpretação mais profunda.

Entretanto, o trabalho com os textos não é suficiente para uma compreensão ampla das nossas fontes. Por isso, entendendo a necessidade de trabalharmos com outros elementos, como o contexto e o intertexto, utilizaremos, em conjunto com a abordagem dos campos semânticos, alguns princípios e procedimentos da análise do discurso.<sup>7</sup> Instrumental este que será esclarecido conforme as necessidades.

E sendo nosso estudo inserido no campo de uma história política renovada que considera a mídia como um agente histórico, buscamos compreender não apenas o textos, os contextos e os intertextos que atravessaram os discursos destacados para análise, mas também tentamos entender qual era a identidade da instituição emissora destes discursos. Isto porque a auto-imagem que a instituição tem de si e dos seus leitores, o modo como esta elabora a sua memória e as suas maneiras de se relacionar com os atores políticos e sociais, interferem na sua elaboração da estratégia e táticas políticas.

Outro aspecto que gostaríamos de registrar, é que considerando a nossa formação, optamos por não utilizar uma abordagem quantitativa. Como já disse Ciro Flamarion, o uso destes métodos, quando não há familiaridade por parte do aplicador, pode nos levar a erros e distorções. Portanto, escolhemos uma abordagem qualitativa sobre o nosso periódico,

---

<sup>7</sup> ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: Princípios e Procedimentos*. Sp, Editora fontes, 2001. P.59-62.

VERÓN, Eliséo. “ *Quand lire, c' est faire: l'enonciation dans le discours de la presse écrite*”, Institut de Recherches et d'etudes Publicitaires (IREP), Paris, 1983.

utilizando o método de abordagem dos campos semânticos, a análise do discurso e a hermenêutica.

Enfim, feita a apresentação do nosso tema e realizados os devidos esclarecimentos no que diz respeito aos nossos objetivos, teoria e metodologia, sigamos com a nossa investigação. Começaremos realizando no capítulo a seguir a devida contextualização onde apresentaremos o Correio da Manhã, a política dos governadores, a crise dos anos vinte, as principais divergências interoligárquicas e as mais relevantes discussões historiográficas.

# 1 A CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 1922 E O CORREIO DA MANHÃ NO CONTEXTO DA CRISE DOS ANOS 20

## 1.1 A crise dos anos vinte

### Um novo cenário

Na década de 20 identificamos que o perfil do Brasil difere de maneira significativa daquele existente nas primeiras décadas da Primeira República. Desta forma, vemos que a presença do capital inglês agora contava com a forte concorrência dos Estados Unidos e que a industrialização obteve um razoável avanço desde o acontecimento da Primeira Guerra Mundial. Embora a grande maioria da população brasileira vivesse no campo (algo em torno de 70%), algumas cidades já apresentavam uma grande concentração populacional como São Paulo e o Rio de Janeiro que possuíam respectivamente, 580 mil e 1 157 873 habitantes. Em 1920, o Brasil possuía 265 cidades com mais de 30 mil habitantes.<sup>8</sup>

Neste novo quadro, o Brasil enfrentou crises econômicas, cisão entre as oligarquias, reivindicações de maior participação política e movimentos trabalhistas que lutavam pela regulamentação das relações de trabalho. E como reflexo do quadro internacional o País ainda teve que lidar com os impactos do fim da Primeira Guerra Mundial como a penetração do modernismo e o crescimento do socialismo.

## 1.2 Eixo Alternativo: a campanha presidencial de 1922

Durante a Primeira República, a aliança entre São Paulo e Minas Gerais gerou insatisfação em alguns estados que ansiavam por uma maior participação. Em 1919, por exemplo, aconteceu algo atípico nas eleições presidenciais: foi eleito um político proveniente do estado da Paraíba. Fator importante para tal acontecimento teria sido a oposição de Borges de Medeiros a qualquer candidatura que viesse de Minas Gerais ou São Paulo.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> RODRIGUES, Marly. *O Brasil na década de 1920: os anos que mudaram tudo*. São Paulo, Ed. Ática. P.21-22.

<sup>9</sup> COSTA, Cruz. *Pequena História da República*. São Paulo, Editora Brasiliense. P. 81.

Nesta ocasião, o Rio de Janeiro também apresentou uma postura de independência diante dos interesses de São Paulo e Minas Gerais ao apoiar até o fim a candidatura de Rui Barbosa.

Nestas eleições, isolado politicamente, Rui Barbosa foi derrotado. Entretanto, obteve uma votação razoável e venceu no distrito federal, o que demonstra que era menor o controle oligárquico nos setores mais urbanizados e também atesta a força do sentimento reformista durante os últimos anos da Primeira República.<sup>10</sup>

Para campanha de 1922, o cenário se demonstrou ainda mais complicado. Nesta ocasião, acabaram se unindo Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro foram estados que tiveram importância significativa na sustentação do estado imperial, mas com a proclamação da república e o agravamento da crise das suas economias acabaram relegados a um papel secundário. O Rio Grande do Sul, apesar de ter uma maior proeminência, ressentia-se da dominação mineiro-paulista, pois teria tido os seus interesses inúmeras vezes prejudicados.<sup>11</sup>

As elites destes estados tinham como objetivo uma maior participação no sistema federalista e assim a obtenção de uma maior parcela das benesses clientelísticas federais.<sup>12</sup> É por essa razão que uma das bandeiras da campanha da Reação Republicana foi a luta contra o imperialismo dos grandes estados da federação.

A Reação Republicana teria representado um esforço das oligarquias secundárias para formar um eixo alternativo de poder que pudesse se contrapor aos interesses das oligarquias hegemônicas.<sup>13</sup>

### 1.3 **Historiografia**

O ano de 1922 aparece, na maioria das vezes, com grande destaque entre os estudos a respeito da década de 20. Entretanto, o papel da campanha presidencial de 1922 foi, durante muito tempo, ignorado como algo não muito relevante.

---

<sup>10</sup> PENNA, Lincoln de Abreu. *Uma história da República*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira. P. 117

<sup>11</sup> PENNA, Lincoln de Abreu. *Uma história da República*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira. P. 118

<sup>12</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. *Conflito regional e crise política: a Reação Republicana no rio de Janeiro*. 2ª ED. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e documentação em história contemporânea do Brasil, 1990. P.1-2.

<sup>13</sup> Idem. *Ibidem* P.1-2.

Esta posição que desconsidera o valor da campanha de 1922, se alicerçou principalmente na visão de alguns contemporâneos de que a disputa política teria ocorrido unicamente em função de divergências em torno da escolha do vice-presidente. De acordo com esta perspectiva, a campanha teria sido um embate superficial ligado a questões conjunturais cujo estudo não poderia esclarecer muitos aspectos da Primeira República.<sup>14</sup>

Porém este posicionamento foi contestado pela historiografia mais recente. Bóris Fausto apontou, na década de 80, que a campanha de 1922 teria acontecido em função de divergências mais profundas. Este autor enxergou no surgimento da Reação Republicana um acirramento das divergências interoligárquicas.

Isto por que alguns setores não ligados a cafeicultura não estariam de acordo com a política de desvalorização cambial e endividamento externo, cujo intuito era valorizar o café. Ou seja, a campanha de 1922 refletiria uma incompatibilidade de interesses econômicos dentro das oligarquias.<sup>15</sup>

Outra recente contribuição da historiografia acerca da campanha presidencial de 1922 foi realizada por Marieta Ferreira de Moraes. De acordo com seus estudos, a campanha de 1922 também não aconteceu em função da disputa pela vice-presidência. Sua argumentação afirma que as pretensões presidenciais de Nilo Peçanha eram muito antigas e que no período antecedente à campanha, a sua base de apoio político teria agido constantemente com o intuito de viabilizar a sua candidatura.<sup>16</sup>

Além disso, ao pesquisar no arquivo pessoal deste político, a autora não haveria encontrado indícios do seu comprometimento com a candidatura Bernardes. Antes do embate pela vice-presidência Arthur Bernardes já vinha encontrando dificuldades para formar um consenso. Então, na sua visão, a acirrada disputa pela vice-presidência provavelmente teria se dado, em grande parte, com o intuito de inviabilizar a candidatura de Arthur Bernardes.<sup>17</sup>

Entretanto, também há diferenças entre este estudo e o de Bóris Fausto. Ao pesquisar as discussões em torno dos projetos de defesa do café, Moraes concluiu que as

---

14 Id.,Ibid. , P.37.

15 FAUSTO, Bóris. “ *Expansão do café e política cafeeira*”. IN: História Geral da Civilização Brasileira, Tomo 3: O Brasil republicano, v.1, São Paulo: Difel: 1982

16 FERREIRA, Marieta de Moraes. OP. Cit. P.46- 50

17 Idem. Ibidem. P.47 -48

Carta de Leon Roussoueres a Arthur Bernardes em 15 de junho de 1921, Arquivo Raul Soares, FGV/ CPDOC.

divergências econômicas não teriam sido determinantes para que tivesse acontecido a cisão política entre os estados.

Segundo a autora, dos estados constituintes da Reação Republicana, somente a bancada de Pernambuco teria feito críticas claras às propostas emissionistas que buscavam a valorização do café. A Bahia, por exemplo, não teria feito resistências significativas a sua aprovação. Enquanto isso, o Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro, teriam adotado uma posição conciliatória que teria proposto que a defesa não fosse somente do café, mas de vários produtos agrícolas.<sup>18</sup>

De acordo com esta autora, a formação da Reação Republicana e o acontecimento da campanha eleitoral de 1922, se deveriam a uma tentativa de formação de um eixo alternativo de poder que deveria fazer frente à hegemonia de São Paulo e Minas Gerais.

Mas a formação deste eixo se justificaria principalmente pela insatisfação desses estados não-hegemônicos com a sua falta de autonomia. Então, a presença de divergências econômicas seriam muito importantes, mas não decisivas. O fundamental seria as divergências políticas.

Ao fazermos um levantamento bibliográfico constatamos que esta campanha só foi alvo de estudos específicos por parte de Marieta de Moraes Ferreira e de Anita Leocádia Prestes.<sup>19</sup>

De resto, só podemos encontrar este tema sendo tratado dentro de obras mais gerais como o fez Bóris Fausto. Ambas as autoras não apresentam divergências significativas com relação às suas idéias sobre a campanha de 1922.

A diferença entre elas reside no fato de que Marieta de Moraes estudou a Reação Republicana no Rio de Janeiro enquanto Anita Prestes focou os seus estudos na relação entre a Reação Republicana e o movimento tenentista.

Ao entrar neste campo Prestes desmistificou a tese de que ambos os fenômenos teriam tido origens independentes, demonstrando que a Reação Republicana foi o berço do tenentismo.<sup>20</sup>

---

18 FERREIRA, Marieta de Moraes. OP. Cit. P.41

19 FERREIRA, Marieta de Moraes. OP. Cit.

PRESTES, Anita Leocádia. *Os militares e a reação republicana: as origens do tenentismo*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1993.

20 PRESTES, Anita Leocádia. OP. Cit. P. 58

## 1.4 A Questão Militar

Além do aumento no número de estados dispostos a manter uma postura mais independente, também houve um fator que agravou as tensões durante a campanha de 1922: a “questão militar”. Esta questão desenvolveu-se especialmente durante o governo Epitácio Pessoa.

Isto porque durante o governo de Epitácio surgiu um fato novo: foram designados civis para ocupar os ministérios da área militar. Isto causou ressentimento na corporação visto que desde o início da Primeira República os militares tiveram momentos de alta participação na política nacional.

Além disso, os militares estavam insatisfeitos com os excessos da missão francesa e com a negativa diante das solicitações por aumentos. Sua insatisfação é um ponto fraco na política das oligarquias dominantes que será muito bem explorado por aqueles que apoiarem a Reação Republicana desencadeando a partir do caso das cartas falsas uma nova questão militar dentro do País.

Podemos ver então, a partir de 1922, os primórdios de uma ampla frente de oposição contra o sistema político da Primeira República. Mas o que realmente significava ser oposição no contexto da Primeira República ?<sup>21</sup>

## 1.5 O significado de ser oposição durante a Primeira República

Proclamada a República em 1889, o País passou por longos anos dentro da mais profunda instabilidade. Uma instabilidade que foi geral: política, econômica, social e militar.

Desta forma, o primeiro presidente do Brasil sequer conseguiu completar o seu governo. Um governo que sofreu a demissão coletiva do ministério, viveu crises no relacionamento com a imprensa e teve sérios problemas com a indisciplina no seio das forças armadas.<sup>22</sup>

O presidente seguinte, Floriano Peixoto, assumiu com a sua legitimidade questionada. Além disso, teve que enfrentar uma guerra civil. Uma guerra que ajudou a

---

21 A respeito da formação da Frente Ampla Cf. Fausto, Bóris. *A revolução de trinta*. São Paulo : Brasiliense. 1981. P. 112- 114.

22 FAUSTO, Bóris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2008. p.139-143.

definir um novo momento dentro da República brasileira: a ascensão dos civis com a hegemonia de São Paulo e a decadência dos militares.

Isto porque ao enfrentar uma guerra civil ao mesmo tempo que vivia uma profunda crise econômica que vinha desde o império e se aprofundara com o episódio do encilhamento, o apoio do estado de São Paulo foi fundamental.

Houve um desgaste dos militares no poder e um crescimento do prestígio paulista, o que acabou abrindo caminho para que ao fim do mandato de Floriano Peixoto chegasse ao poder Prudente de Moraes. Este era um paulista, civil e republicano histórico. Sua chegada ao poder marca o início da hegemonia paulista.<sup>23</sup>

Durante o mandato de Prudente de Moraes foi finalizada a guerra civil, enfrentou-se o arraial de canudos e ainda houve um atentado contra o presidente que acabou matando o ministro da guerra.

Foi então, um governo que vivenciou muita tensão e instabilidade, mas também acabou preparando o caminho para uma futura estabilização. Isto por que o fim da guerra civil dava novas perspectivas para o País e também por que o atentado contra o presidente planejado por elementos jacobinos acabou por enfraquecer a posição do exército na política nacional.<sup>24</sup>

Com a saída de Prudente de Moraes assume a presidência um outro paulista, Campos Sales. E foi no contexto de um governo que assumiu o poder após uma guerra civil e vários anos de instabilidades políticas e econômicas que se pensou numa fórmula de obter uma estabilidade definitiva para a República, justamente no governo de um ex-integrante do império, uma instituição que dava saudades a muitos em função da suposta tranquilidade política que ali reinava.<sup>25</sup>

No campo da economia, antes mesmo de assumir o poder, Campos Sales já vinha negociando um empréstimo que pudesse ajudar a sanear a economia. Este empréstimo foi obtido junto a casa Rothschild e permitiu, mediante a aceitação de uma série de exigências (como o controle da inflação e a proibição da contração de novos empréstimos até 1901) e contrapartidas (como garantir aos credores as rendas sobre as alfândegas do Rio de Janeiro) o restabelecimento da economia.<sup>26</sup>

---

23 Idem, *Ibidem*. P. 144-145.

24 Idem, *ibidem*. P.144-146

25 Idem. *Ibidem*. P.146.

26 Idem. *Ibidem*. P.147



No campo político foi elaborada a política dos governadores: um sistema através do qual se criou uma tendência de perpetuação no poder dos grupos pré-estabelecidos que sufocava as oposições.

Isto foi elaborado da seguinte forma: o presidente temporário da câmara deixaria de ser o membro mais idoso da assembléia para ser o mesmo presidente da última legislatura, desde que este fosse reeleito para deputado. Tradicionalmente o presidente da câmara era um situacionista. Logo, ao compor a câmara de verificação de poderes este designaria outros elementos situacionistas deixando o reconhecimento dos deputados eleitos pelos estados nas mãos do poder federal.<sup>27</sup>

Este poder seria aplicado então no favorecimento dos elementos afinados com o poder federal e na exclusão dos elementos oposicionistas. Conseqüentemente, isto deu plenas condições de governabilidade ao governo federal por ter tido a oportunidade de construir para si um congresso favorável. As situações estaduais favoráveis seriam sucessivamente fortalecidas enquanto as oposições estariam sufocadas.

Além de levar o regime à uma decadência moral, este sistema criou um clima de temor e subserviência entre as oligarquias de menor grandeza. São Paulo, em função da sua coesão, enraizamento e forte pujança financeira, e Minas Gerais, especialmente forte por causa da sua alta representação política, acabaram por impor uma hegemonia no poder federal.

As oligarquias dos estados menos poderosos, temendo intervenções ou a degola na comissão de verificação de poderes, tiveram a sua representação muito limitada no âmbito federal, devendo contentar-se com o exercício do poder em nível estadual.

Esta coerção só pode ser entendida quando nos confrontamos com o cenário de alta instabilidade que foi vivido durante os primeiros anos da República por uma sociedade que estava acostumada com um ambiente mais sólido do período imperial.

Mas este sistema coercivo também explica o fato de que em toda a Primeira República tenham ocorrido apenas três campanhas realmente competitivas: 1910, 1922 e 1930.

Vejamos as seguintes estatísticas sobre as campanhas realizadas após o governo Campos Sales para que possamos entender o que significava ser oposição na Primeira República:

### Votação dos candidatos eleitos para Presidente e Vice-Presidente<sup>28</sup>

Ano	Candidatos eleitos para Presidente e vice-presidente	Número de votos	Percentual de votos obtidos
1902	Rodrigues Alves	592.039	91,68%
	Silviano Brandão	563.734	87,83%
1906 <sup>29</sup>	Afonso Penna	288.285	97,92%
1910	Hermes da Fonseca	403.867	64,35%
	Wenceslau Braz	406.012	64,86%
1914	Wenceslau Braz	532.107	91,58%
	Urbano dos santos	556.127	96,20%
1918	Rodrigues Alves	386.467	99,03%
	Delfim Moreira	382.491	99,41%
1919	Epitácio Pessoa	286.373	70,96%
	Bueno de Paiva	191.928	99,55%
1922	Arthur Bernardes	466.972	59,46%
	Urbano dos Santos	447.595	56,85%
1926	Washington Luiz	688.528	99,7%
	Fernando Viana	685.754	99,62%
1930	Julio Prestes	1.091.709	59,3%
	Vital Soares	1.079.360	59,6%

Analisando os dados desta tabela, podemos tirar inúmeras conclusões e levantar uma série de questões. As campanhas de 1902, 1906, 1914, 1918 e 1926 apresentaram uma concorrência quase nula. E unanimidades num País enorme e repleto de diversidades como Brasil, somente podem ser compreendidas em função do sistema repressor existente na Primeira República.

<sup>28</sup> PIRES, Aloildo Gomes. *Eleições presidenciais na Primeira República: Uma abordagem estatística*. Salvador, Editora São Judas Tadeu. 1995. Cf. Anexos.

<sup>29</sup> A respeito da votação para vice faltaram dados.

A campanha de 1910, quando Hermes da Fonseca, apoiado pela grande maioria das forças políticas, enfrentou Rui Barbosa que era apoiado por São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, representou o primeiro grande conflito interoligárquico.

A defesa por parte de Rui Barbosa da revisão da constituição e do voto secreto foi marcante para o crescimento do sentimento de insatisfação e reformismo que viria crescer nos anos seguintes. Tanto a Bahia quanto o Rio de Janeiro sofreram retaliações durante o governo Hermes da Fonseca.<sup>30</sup>

A campanha de 1922 quando houve tentativa de formação de um eixo alternativo de poder foi a segunda campanha competitiva da Primeira República e o seu grau de competitividade foi o mais intenso de todas as eleições, superior inclusive à campanha de 1930.<sup>31</sup>

Entretanto, a repressão que veio a seguir derrubou o nilismo no Rio de Janeiro, causou intervenção em Pernambuco e levou J. J. Seabra a renunciar na Bahia. Até o Rio Grande do Sul teve que fazer concessões aos seus opositores.<sup>32</sup>

A terceira campanha foi a de 1930 quando se formou uma frente ampla contra a candidatura de Julio Prestes. O temor das retaliações era tão grande que Getúlio Vargas teve uma posição ambígua durante toda a campanha.<sup>33</sup>

Em síntese, todo esse quadro deve nos ajudar a pensar acerca do que significava ser oposição durante a Primeira República. Em nove eleições, apenas em três houve real competição e em duas os opositoristas foram severamente retaliados. Em determinadas eleições o percentual obtido pelos vencedores chegava a quase cem por cento.

Portanto, este sistema incutia um temor que só podia ser enfrentado quando a insatisfação chegava a limites extraordinários como aconteceu em 1910 com a revolta contra uma candidatura militar, em 1922 quando o Rio Grande do Sul e mais quatro estados se uniram após diversas tentativas de fazer com que Arthur Bernardes retirasse a sua candidatura, e em 1930, quando Washington Luís lançou mais um paulista para presidência da República e rompeu com Minas.

Enfrentar o governo federal, o poderio de São Paulo e o de Minas Gerais, como aconteceu em 1922, era algo que naturalmente inspirava cautela, pois no caso de derrota isso certamente equivaleria ao suicídio político. E tal tentativa poderia se justificar não

---

30 FAUSTO, Bóris. *História concisa do Brasil*. São Paulo. Edusp, 2008. P. 154

31 PIRES, Aloildo Gomes. *Eleições presidenciais na Primeira República: Uma abordagem estatística*. Salvador, Editora São Judas Tadeu. 1995. Cf. Anexos.

32 VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Op. Cit. P. 319-321.

33 Idem. *Ibidem*. P.345.

somente pela insatisfação e revolta, mas também pela fé na possibilidade de vitória seja pelos meios eleitorais ou pela via golpista que cada vez mais será vista como a única solução viável.

## 1.6 A imprensa e a crise dos anos vinte

A imprensa foi, durante a década de 20, um dos principais canais de expressão do reformismo e inconformismo existentes com situação política reinante. Apesar da existência de inúmeros jornais fiéis ao governo, havia uma significativa imprensa oposicionista que representava um espaço para uma luta simbólica onde os interesses e ideais reprimidos podiam se manifestar.<sup>34</sup>

No contexto dos anos de 1921 e 1922, houve duas questões que fizeram se representar pela Reação Republicana: uma que demandava uma maior atenção da política nacional para com a produção agrícola como um todo, defendendo o fim da exclusividade que mantinha o café. A outra que solicitava uma participação política menos restrita (lutava contra o imperialismo de São Paulo e Minas Gerais demandando mais voz para as oligarquias de médio porte), o que era negado pelo sistema dominante.

Estas demandas algumas vezes se entrelaçavam e os meios defendidos, ou não, pela imprensa oposicionista para atingí-las eram variados, especialmente no que diz respeito a uma mais justa participação política.

Existiam aqueles que acreditavam ser possível uma solução pelo voto, mas também existiam aqueles que acreditavam o único meio de obter mudanças seria através de um golpe.

Defendemos como hipótese que o Correio da Manhã oscilou na defesa entre os dois meios, incentivando a solução pelo voto no início da campanha da Reação Republicana e, após o episódio das cartas falsas, defendendo a via golpista ora abertamente, ora de maneira velada.

## 1.7 O Correio da Manhã

---

34 BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*: Brasil, 1900 a 2000. Rio de Janeiro. Ed. Mauad, 2007. P. 59.

O Correio da Manhã foi um dos jornais que mais efetivamente contribuiu para o desmoronamento do sistema político reinante durante a Primeira República. Este periódico surgiu em 1901. No dia 15 de junho deste ano foi publicado o seu primeiro exemplar. A República brasileira ainda não tinha completado 12 anos de idade.

Vejamos como este órgão se auto-definiu ao surgir:

Poucas palavras e muita sinceridade, porque desta coluna estamos escrevendo para o povo.

O Correio da Manhã não tem nem terá jamais ligação alguma com partidos políticos. (...) jornal que propõe... defender... a causa do povo... não pode ser neutro. Há de, forçosamente ser um jornal de opinião e neste sentido, uma folha política. (Correio da Manhã, p.1, 15 jun.1901)

Em 1901, estamos no governo Campos Salles. Neste momento, os jornais estavam constantemente sendo acusados de, em troca de compensações financeiras, serem a favor do governo.<sup>35</sup> O Correio da Manhã nasce reagindo a esse contexto, ao afirmar que seria um jornal que estaria ao lado da população.

O Correio da Manhã foi um jornal que nasceu oposicionista e destacou-se fundamentalmente em função da virulência dos seus ataques. Rapidamente se tornou um dos principais veículos de comunicação da capital do País.<sup>36</sup>

Seu caráter oposicionista pode ser percebido facilmente em seus exemplares. Basta que observemos, por exemplo, o seu posicionamento diante da Revolta da Vacina, quando o jornal insuflou a população contra o governo.<sup>37</sup> E esta trajetória se manteve constante. Como defende Nelson Werneck Sodré, dentro da conjuntura de crise na década de 20 seu papel também foi relevante:

Está fora de dúvida que o carro chefe da campanha de oposição, seja ao governo de Epitácio Pessoa, praticamente desde a sua instalação, até o governo de Arthur Bernardes, passando pela campanha sucessória, seria o Correio da Manhã. (...) Como jornal político, aliás, o Correio da Manhã foi o desaguadouro e o intérprete do inconformismo popular com as mazelas do regime... (SODRÉ,2002, P.287)

Como já observamos anteriormente e como assinala Nelson Werneck Sodré, o Correio da Manhã foi um periódico de destaque na Primeira República, especialmente

35 SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo, Editora Mauad. 4ed. 2002. P.287

36 Idem. *Ibidem*. P. 304

37 CLIMACO, André Gusavo Melgaço. *O Correio da Manhã e a campanha contra a vacinação obrigatória*. UFRJ, 2003.

no início da década de 20. Isto tanto por sua repercussão quanto pelo alto número de exemplares vendidos.<sup>38</sup>

Entretanto é pequeno o número de estudos historiográficos realizados sobre este jornal. E com relação ao Correio da Manhã e a sua participação na campanha de 1922 não podemos encontrar até o momento, estudos específicos. Mesmo após fazermos um extenso levantamento bibliográfico o que encontramos na maioria das vezes são apenas alguns estudos que citam de maneira superficial a participação deste jornal, havendo poucas exceções.

Dentro da historiografia, além do que já expomos de Nelson Werneck Sodré, devemos ressaltar o posicionamento de Anita Prestes e Marieta de Moraes acerca do papel da imprensa e do Correio da Manhã. Marieta de Moraes expõe na sua obra que a imprensa teria sido veículo fundamental para que ocorresse o engajamento dos militares na campanha de 1922.

A autora nos apresenta um círculo vicioso que se caracterizaria da seguinte forma: o governo para coibir a participação dos militares na campanha da Reação Republicana realizava transferências destes para outros estados, tentando desta forma intimidá-los e desarticulá-los.

Entretanto, a imprensa pró-Nilo, em retaliação ao governo passou divulgar com grande destaque estes procedimentos do governo, aumentando a revolta dos militares que teriam se engajado ainda mais na campanha. O governo, por sua vez, não recuou continuando com as transferências que continuaram a ser publicadas pela mídia, se estabelecendo então um círculo vicioso. Neste processo o protagonista teria sido o Correio da Manhã.<sup>39</sup>

Anita Prestes, por sua vez defende um vínculo entre a Reação Republicana e os movimentos tenentistas. Para esta autora, a imprensa teria sido fundamental para o estabelecimento desse vínculo, em especial o papel do Correio da Manhã que ao divulgar as cartas falsas teria lançado a grande maioria das forças armadas, de maneira definitiva, contra Arthur Bernardes.<sup>40</sup>

O caso da cartas falsas, devemos lembrar, foi quando o Correio da Manhã divulgou cartas que supostamente teriam sido escritas pelo próprio Arthur Bernardes.

---

<sup>38</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. Op. Cit. P. 304

<sup>39</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. Op. Cit. P.61-62.

<sup>40</sup> PRESTES, Anita Leocádia. Op. Cit. P.62-64.

Estas cartas teriam um conteúdo que atacaria Nilo Peçanha, Epitácio Pessoa e especialmente as forças armadas. Sua repercussão foi imensa, aumentando a base de apoio da Reação Republicana.

Estas são então as principais posições acerca deste jornal. Entretanto devemos fazer duas considerações. Em primeiro lugar, devemos lembrar que durante a Primeira República o jornal era o veículo de comunicação em massa por excelência. Através dos jornais que se mobilizavam as massas para as manifestações, comícios, conferências, os atos públicos de uma maneira geral.

O Rádio somente chegaria ao País em meados da década de 20 e ainda precisaria de alguns anos para se difundir efetivamente. O cinema havia chegado ao País alguns anos antes do Rádio, mas necessitava de aperfeiçoamentos tecnológicos e não tinha se propagado pelo País, da mesma forma que a Imprensa escrita. Portanto, o peso político dos jornais naquele período era muito grande, maior do que nós habitualmente poderíamos conceber.

Outra observação, é acerca dos estudos historiográficos abordados que trataram da participação do Correio da Manhã, tanto os estudos que trataram da campanha de 1922, quanto os estudos de história da imprensa. Ambos, em função dos seus objetivos específicos, não trataram desta participação em toda a sua plenitude, mesmo tendo reconhecido a sua importância e a importância da imprensa. Há, então, uma ampla lacuna dentro da nossa historiografia cujo preenchimento seria muito proveitoso.

Ao pesquisarmos os seus exemplares no período em que transcorreu a campanha eleitoral podemos observar que a sua atuação e papel foram muito maiores que o comumente concebido pela historiografia. Por exemplo, as famosas cartas falsas foram publicadas em outubro. Entretanto, de maio a julho de 1921, o Correio da Manhã estava publicando diariamente cartas contra a candidatura de Arthur Bernardes.<sup>41</sup>

Estas cartas seriam provenientes do estado de Minas Gerais e nelas os cidadãos mineiros estariam expressando quais eram as suas idéias sobre a candidatura de Arthur Bernardes. Tais cartas serviram ao propósito de realizar as mais severas críticas a sua trajetória política. Além disso lhe foram feitas diversas acusações de caráter pessoal.

Tais atitudes do Correio da Manhã provocaram jornais como o Jornal do Comércio, que chegou dedicar grande parte do seu espaço para publicar cartas de

solidariedade para com Arthur Bernardes.<sup>42</sup> Além disso, como já mencionamos na nossa introdução, ocorreram manifestações de solidariedade nas ruas por parte de correligionários de Arthur Bernardes em função destas cartas.

Além deste método do uso de testemunhos de pessoas residentes em Minas Gerais, o Correio da Manhã dedicou significativo espaço do seu periódico durante todos os dias desde maio até o levante dos 18 do forte com o intuito de derrotar a candidatura Bernardes.

Durante todo este tempo, foram usados os mais diversos expedientes. Os apoios conquistados por Nilo Peçanha eram fortemente alardeados, enquanto Bernardes era não somente criticado, mas também ridicularizado, seja por cartas e artigos, ou até por marchinhas.

Ficando evidente, desta forma, que há um longo caminho aberto para ser explorado no que diz respeito a participação do Correio da Manhã na campanha de 1922, tanto no que concerne as suas estratégias e atitudes, quanto no que diz respeito à sua repercussão pela sociedade.

## 1.8 Edmundo Bittencourt





O proprietário do jornal era Edmundo Bittencourt. Nascido no ano de 1866 em Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul, fez os seus primeiros estudos em Porto Alegre onde colaborou no jornal “A Reforma” de Silveira Martins. Saído de Porto Alegre foi estudar direito no Rio de Janeiro onde advogou com Rui Barbosa.

Edmundo Bittencourt ainda trabalhou para Rui Barbosa no jornal “A imprensa”. Em 1901, quando este jornal fechou, Edmundo comprou-lhe os materiais e fundou o Correio da Manhã. Um jornal que, de acordo com Nelson Werneck Sodré era o veículo dos sentimentos e motivos da pequena burguesia urbana.<sup>43</sup>

Edmundo Bittencourt apoiará a campanha de Rui Barbosa em 1910 e em 1919. E em 1922 levará o Correio da Manhã ao protagonismo da campanha anti-Bernardes trazendo os militares para campanha e lutando para que a escolha do presidente da República não fosse privilégio apenas dos maiores estados da federação.<sup>44</sup>

Não devemos entretanto nos deixar contaminar pela autopropaganda do jornal , caindo numa visão romântica acerca de seu papel, o que é , alias, um lugar comum na historiografia.

Apesar dos feitos relevantes no combate ao coercivo sistema político da Primeira República e de toda a sua propaganda de que ao contrário da grande maioria da imprensa não era um jornal venal mas apenas uma folha política, o periódico não era uma peça isolada da sociedade e frequentemente poderemos ver intensas campanhas da sua parte defendendo mudanças ou atacando projetos da política econômica do governo com o fim especial de favorecer o comércio.

Para relativizar a propaganda do jornal devemos lembrar do romance escrito por Lima Barreto, “Isaías Caminha”, onde ao fazer uma sátira do Correio da Manhã, ele

43

SODRÉ, Nelson Werneck. Op. Cit. P. 287

44

Idem. Ibidem. P. 327, P.344, P.347.

descreve Edmundo Bittencourt como um corrupto moralista que acreditava ser o dono da razão.<sup>45</sup>

O Correio da Manhã se inseriu junto com outras forças políticas numa frente ampla cujos interesses e/ou convicções eram contrários ao regime da Primeira República. Uma frente que fracassou em 1922, mas em 1930, com outros membros e num novo contexto, derrubou o regime dando início a era Vargas.

## 1.9 Os protagonistas

Como toda história que se preza, ela tem os seus personagens e protagonistas que precisam ser entendidos e observados; Afinal de contas, não podemos perder de vista o caráter humano da história, pois isto a deixaria sem sentido. É preciso que façamos algumas observações acerca de pelo menos três figuras.

Em primeiro lugar, faremos uma breve exposição acerca de Nilo Peçanha, o candidato a presidente pela Reação Republicana. Em seguida falaremos de seu opositor Arthur Bernardes, o presidente de Minas Gerais que não retirou a sua candidatura apesar de todas as resistências encontradas. E por fim, teceremos algumas considerações sobre o Marechal Hermes da Fonseca, influente personagem dentro do exército que por muito pouco não lançou uma campanha para presidente.

### 1.10 Nilo Peçanha



---

<sup>45</sup>

Idem. Ibidem. OP. Cit. P. 304.

Houve na política fluminense uma hegemonia exercida de forma quase ininterrupta desde 1903, quando Nilo Peçanha tornou-se pela primeira vez presidente do estado do Rio de Janeiro.<sup>46</sup>

Tendo a sua origem na classe média, Nilo Peçanha não teria muitas chances de participação no poder, visto o seu caráter fortemente excludente. Entretanto, ligado a política desde muito cedo, Nilo Peçanha envolveu-se profundamente no movimento republicano, ajudando inclusive no processo de formação dos primeiros clubes. Então, já sob o apoio de políticos como o barão de Miracema, Nilo Peçanha se desloca para o Recife a fim de estudar de direito. A partir da sua associação com o barão de Miracema se inicia a sua trajetória política: elege-se constituinte em 1891, se reelegendo sucessivamente deputado. Com um forte destaque no parlamento, viu a sua influência no partido crescer.<sup>47</sup>

Beneficiou-se da conjuntura de cisão dentro do seu estado, entre Alberto Torres (durante o seu governo) e Tomás Porciúncula. Porciúncula estava enfraquecido sem a máquina do estado a seu favor e Alberto Torres estava enfraquecido em função da tensão política e de uma problemática administração.<sup>48</sup>

Então, Nilo Peçanha articulou junto com o presidente Campos Salles (cuja administração contou com a defesa de Nilo Peçanha no parlamento) a indicação de Quintino Bocaiúva, republicano histórico, para a presidência do estado do Rio de Janeiro. Obtida esta indicação, Quintino Bocaiúva chegou ao poder estando muito próximo de Nilo Peçanha.

Esta proximidade foi mantida durante todo o governo Quintino Boacaiúva, fazendo o grupo de Nilo Peçanha dentro do partido crescer cada vez mais, de modo que na sucessão para o próximo mandato este se elege sem maiores dificuldades.

Antes mesmo de ser empossado, Nilo articulou uma reforma constitucional que procedeu a uma extrema centralização do poder, visto que o executivo estadual passou a controlar a nomeação dos prefeitos, juízes e, não havia sequer uma previsão de representação das minorias.<sup>49</sup>

---

<sup>46</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. OP. Cit. P.2

<sup>47</sup> TINOCO, Brígido. *A vida de Nilo Peçanha*. RJ, Editora José Olympio, 1962.  
[Http:// historiablog.wordpress.com/category/historiadoBrasil/](http://historiablog.wordpress.com/category/historiadoBrasil/)

<sup>48</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. Op. Cit. P.3

<sup>49</sup> Idem. Ibidem. P.19

Tal reforma deu-lhe plenas condições de governabilidade permitindo-lhe rearrumar as contas do estado ao demitir centenas de funcionários, reduzir salários e cortar cargos, o que acabou por resultar num forte massacre sobre os elementos oposicionistas, que mesmo sendo uma grande minoria desorganizada acumularam fortes ressentimentos.<sup>50</sup>

Pouco antes do término do seu governo, Nilo Peçanha sai do cargo para assumir a vice-presidência da República. É sucedido no governo do estado por Alfredo Backer, o qual acaba por romper com Nilo Peçanha.

Nilo que passa a estar numa situação delicada, vê a situação se inverter rapidamente com a morte de Afonso Penna. Como vice-presidente, Nilo Peçanha assume o executivo federal. Isto lhe permite contornar a oposição de Alfredo Backer e manter o seu poder no estado do Rio. Poder que, a partir de então, será incontestável e durará até 1922.

Entretanto, a política de poder centralizado que esmagava as oposições foi modificada a partir de 1919. A partir daí, vemos movimentos muito cautelosos, porém claros no sentido de congregar as forças políticas em torno de Nilo Peçanha.<sup>51</sup>

Em nível local, percebe-se um redirecionamento na maneira de lidar com a oposição: a orientação dos elementos mestres do nilismo é claramente de cooptá-la, minimizá-la, de diminuir os conflitos dentro da maior margem possível, e degolar os elementos radicalmente oposicionistas.

Por isso, em 1919 foi realizada uma contra-reforma constitucional que visava rever uma série de medidas conflitivas elaboradas por Nilo Peçanha durante a reforma constitucional de 1903.

A idéia era atacar quatro pontos: diminuir a excessiva centralização administrativa, estender a autonomia municipal, permitir uma independência do judiciário(em 1903 os juízes perderam a vitaliciedade no cargo) e mexer na questão da representação das minorias.<sup>52</sup>

Quanto ao primeiro ponto, ficou acertado um processo de descentralização que permitiria a criação de outras secretarias, mas sem prazo definido. Com relação à

---

<sup>50</sup> TINOCO, Brígido. *A vida de Nilo Peçanha*. RJ, Ed. José Olympio. 1962.

<sup>51</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. Op. Cit. P.19

<sup>52</sup> Idem. Ibidem. P.22-23.

autonomia municipal, o resultado ficou na dependência de uma lei municipal que organizasse as eleições.<sup>53</sup>

Para uma maior independência do judiciário, ficou restabelecida a vitaliciedade dos juízes e reforçado o critério de antiguidade para o processo de promoção dos magistrados. Quanto ao último ponto ficou estabelecido que seria respeitado o direito de representação das minorias, embora não tenha especificado se esta minoria seria de um terço.<sup>54</sup>

Sendo assim a reforma constitucional foi restrita, não obtendo sucesso com relação à questão principal que era sobre a autonomia municipal (a eleição para prefeito).

Obteve vitórias discretíssimas com relação à questão da autonomia e sobre a representação da minoria. Sendo bem sucedida apenas na questão do trato com o judiciário. Sendo assim, não se conseguiu desarticular a oposição da forma pretendida.

Além desta reorientação no trato com a oposição, houve ainda outra medida do situacionismo fluminense visando o fortalecimento do nome de Nilo Peçanha para o processo sucessório: a reestruturação do PRF.

Tal processo de reestruturação do PRF, ocorrido antes mesmo da contra-reforma constitucional, se caracterizou por um reordenamento do poder dentro do partido que fortaleceu o atual presidente do estado Raul Veiga (extremamente ligado Nilo Peçanha), o nilista próximo a ele, Raul Fernandes, e enfraqueceu João Guimarães (elemento que havia acirrado as tensões dentro partido).<sup>55</sup>

Assim preparou o partido para: a ausência de Nilo Peçanha que iria para fora do País (visando não desgastar a sua imagem), para um melhor relacionamento com o poder federal (visando evitar represálias pelo apoio a Ruy Barbosa em 1919), e para o processo de redirecionamento da relação com a oposição dentro do estado (visando a sua perpetuação no poder e a unificação do estado para a obtenção de uma melhor eficiência no nível da política federal).

Assim constituiu-se em linhas básicas a atuação de Nilo Peçanha e seu grupo no período de pré-campanha. Tais medidas tinham por objetivo principal apaziguar a

---

<sup>53</sup> Idem. Ibidem. P. 24

<sup>54</sup> Idem. Ibidem. P.25

<sup>55</sup> Idem. Ibidem. P.14

oposição no sentido de conter o surto oposicionista surgido no estado após a eleição de Epitácio.

Outra razão que contribuiu para a execução desta reorientação foi a intenção de fortalecer o estado do Rio de Janeiro politicamente, tornando-o mais coeso, preparando-o para o caso de uma tentativa de vôo mais alto em direção à política federal.

A condicionalidade deste papel maior em nível federal deve ser bem observada. Isto porque apesar das intenções de candidatura estarem nitidamente manifestas no arquivo pessoal de Nilo Peçanha, a fragilidade do estado em nível político-econômico frente aos os estados considerados grandes dentro da federação, levam-no a uma política extremamente marcada pela ambiguidade.

Uma política marcada por uma dependência extrema das conjunturas e à uma preparação para inúmeras variáveis, que passavam desde a homologação da sua candidatura até a candidatura do mineiro Arthur Bernardes.

Por isso, ao mesmo tempo que preparava o terreno em nível interno e mantinha os contatos adquiridos durante a candidatura de Ruy Barbosa em 1919, Nilo também averiguava as possibilidades da sua candidatura.

Em função desse ambiente de incertezas, elementos do seu partido eram orientados a não romper com a candidatura de Arthur Bernardes, que por sua vez já era ventilada desde 1919. Seu compromisso com a candidatura Arthur Bernardes pode ser verificado ainda em 1921.<sup>56</sup>

### 1.11 Arthur Bernardes



---

<sup>56</sup>

Idem. Ibidem. P.43

Como Minas Gerais foi um apoio decisivo à candidatura de Epiácio Pessoa, o nome do governador mineiro, que já havia sido cogitado inclusive durante o processo sucessório anterior, era visto como natural por grande parte do mundo político.

Entretanto existiam certos elementos complicadores. Em primeiro lugar estava o fato de a eleição de Epiácio Pessoa elevar as pretensões de estados que até então não se consideravam aptos a maiores passos. Estados como Pernambuco e Bahia começavam a demonstrar muito maior desejo de participação em nível federal.<sup>57</sup>

Por outro lado, Minas Gerais também tinha de concorrer com o estado do Rio Grande do Sul pela proeminência em nível federal; Pois os gaúchos, que também foram decisivos para elevar Epiácio Pessoa a presidência, manifestavam-se sedentos pelo poder.<sup>58</sup>

Por último e não menos importante, Arthur Bernardes precisava proceder a um reforço da unificação dentro de seu estado para poder chegar a presidência com uma base de apoio forte.<sup>59</sup> Contra estes problemas o candidato de Minas Gerais procedeu com várias atitudes.

Em primeiro lugar, era necessário ser peça chave dentro do governo Epiácio Pessoa para assim assegurar o seu apoio e também manter junto a si os estados do norte e nordeste (que estavam muito afinados com a política de obras do seu governo) chegando ao processo sucessório sem dissensões.

Ser peça chave no governo Epiácio Pessoa também significava vencer a concorrência com o Rio Grande do Sul. A batalha para superar tamanho concorrente teve início com a morte de Sabino Barroso, o então presidente da câmara.<sup>60</sup>

Arthur Bernardes agiu para que esta presidência passasse para um mineiro, enquanto os paulistas ficariam com a liderança da maioria. Desta maneira, recorreu a uma poderosa aliança com o estado de São Paulo para assim suplantar a união do Rio Grande do Sul e Bahia em torno de um candidato gaúcho. Alias, a princípio, Epiácio Pessoa estava inclinado a apoiar o candidato gaúcho.<sup>61</sup>

---

<sup>57</sup> VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. OP. Cit. P.299-300

<sup>58</sup> Idem. Ibidem. P.286-287

<sup>59</sup> WIRTH, John. *O fiel da balança*: Minas Gerais na Federação Brasileira (1889-1937).SP, Editora Paz e Terra, 1982.

<sup>60</sup> VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. Op.Cit. P. 286

<sup>61</sup> Idem. Ibidem. P.287

Arthur Bernardes, porém, não desistiu e após conquistar o apoio de São Paulo conseguiu atrair o Rio de Janeiro ao oferecer-lhe a vice-presidência da câmara. Rio de Janeiro, por sua vez, conseguiu o apoio do estado de Pernambuco.

Desta maneira, em disputa acirrada, foi eleito Astolfo Dutra o que garantiu um grande prestígio para Minas Gerais que assim demonstrou a sua força para todos os estados da federação.

Força que imperaria ao longo do governo Epiácio Pessoa. Governo no qual, até após a morte do vice-presidente Delfim Moreira, foi indicado outro mineiro a vice-presidência da República, sem qualquer conflito com outros estados, que sequer concorreram ao cargo.<sup>62</sup>

Deste modo Arthur Bernardes acaba por garantir a sua hegemonia sobre o governo e o apoio de Epiácio. Alias, tal apoio associado ao controle da câmara de verificação de poderes tornava praticamente garantido o apoio dos estados nortistas a candidatura Bernardes.

Por outro lado Arthur Bernardes também procedeu a uma magistral unificação dentro de minas em torno do seu nome, tornando-se uma liderança extremamente forte dentro do PRM.<sup>63</sup>

Primeiramente Arthur Bernardes agiu sobre a legislatura ao forçar uma alta rotatividade, isto é, a troca de deputados já estabelecidos por elementos da sua confiança. Para isso, aproveitou-se do declínio dos fundadores do PRM (Bias Fortes havia morrido e outros líderes estavam num estado de saúde precária).

Posteriormente Arthur Bernardes procedeu a uma modernização dos estatutos do partido na convenção de 17 de setembro de 1919. Tal modernização resultou num enfraquecimento de Francisco Salles e num fortalecimento da figura de Bernardes.<sup>64</sup>

Entretanto as ações de Bernardes não pararam por aí: este tentou até tornar o cargo de prefeito sujeito a designações. Apesar de não ter tido êxito, Arthur Bernardes conseguiu unificar o partido em torno de si, o que foi fundamental para a sua vitória contra a Reação Republicana.

## 1.12 **Hermes da Fonseca**

---

<sup>62</sup> VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. Op. Cit. P.293

<sup>63</sup> WIRTH, John. *O fiel da balança: Minas Gerais na Federação Brasileira (1889-1937)*. SP, Editora Paz e Terra. 1982.

<sup>64</sup> Idem. Ibidem. P.200-230





Outro personagem que teve papel fundamental na campanha de 1922 foi o marechal Hermes da Fonseca. Hermes da Fonseca ao retornar ao Brasil em novembro de 1920 acelerou o processo de escolha dos nomes para a sucessão.

O marechal Hermes, ex-presidente da República, eleito em 1910, retornou ao País envolto em prestígio, tendo o seu nome cogitado para o processo sucessório.<sup>65</sup>

Os erros de seu governo haviam perdido força na memória da população. Os militares estavam extremamente insatisfeitos com o governo Epitácio Pessoa em função dos baixos soldos que estavam sendo pagos para classe, da inédita nomeação de civis para pastas ministeriais tradicionalmente ocupadas por militares e do atraso técnico e material da corporação.

Além disso, ainda havia os recentes conflitos em virtude da presença de uma missão militar francesa em território nacional. Por tudo isso, a possibilidade de uma nova presidência militar deixou os militares realmente empolgados.<sup>66</sup>

A postura do Marechal Hermes, por sua vez, somente fez aumentar a agitação em torno do seu nome: estava extremamente receptivo quanto à idéia de retornar a presidência, não fazendo nenhum gesto capaz apaziguar os ânimos.<sup>67</sup>

Aliás, Hermes da Fonseca recebeu apoio não somente dos militares, como também de políticos extremamente opositoristas como: Nicanor do Nascimento e Mauricio de Lacerda, ambos do Distrito Federal.<sup>68</sup>

---

<sup>65</sup> PRESTES, Anita. Op. Cit. P.46

<sup>66</sup> Idem. Ibidem. P.46-47

<sup>67</sup> Idem. Ibidem. P.46

<sup>68</sup> Idem. Ibidem. P.49

Tendo os apoios a Hermes crescido progressivamente, vemos o aceleração das negociações em torno do nome de Arthur Bernardes que, já em abril, mesmo em meio a muitos obstáculos, tem seu nome anunciado como candidato oficial.

Os militares, porém, nem assim desistem e continuam agitando o seu nome. Somente com a chegada de Nilo Peçanha da Europa, em 06 de junho de 1921, começa a se reverter este processo de crescimento da candidatura Hermes da Fonseca.

Isto, entretanto, não retira a força dos militares que continuam sendo uma classe em evidência e altamente cortejada pelos dissidentes. Além disso, o nome do marechal Hermes da Fonseca permanece envolto por um forte simbolismo, tanto que seu apoio chega ser disputado por Nilo Peçanha e por Arthur Bernardes.

Seu nome chega ser citado no episódio das cartas falsas e durante o episódio tenentista. O próprio Correio da Manhã citará diversas vezes o seu nome, defendendo haver uma distância entre o marechal e Arthur Bernardes.

## **Conclusão**

Com este capítulo almejou-se realizar um grande mergulho introdutório na crise da Primeira República que foi vivenciada na década de 20. O fim foi apresentar os protagonistas, o jornal, a imprensa e a historiografia elaborada ao longo dos últimos anos, para que aquele clima fosse de alguma forma revivido e a orientação teórica e historiográfica fosse exposta.

Desta forma, esperamos nos capítulos subsequentes, que as interpretações realizadas acerca das atitudes do Correio da Manhã pareçam claras e organizadas fornecendo um amplo entendimento e evitando pontos de obscuridão.

A seguir, veremos o Correio da Manhã durante aquilo que consideramos o seu “primeiro ato” na campanha de 1922: a campanha anti-Bernardes que durou desde maio de 1921 até o momento em que se formou a Reação Republicana.

É neste momento que as orientações mais prevalentes do Correio da Manhã ficarão expostas e por isso exigirão uma observação um pouco mais exaustiva que nos

meses posteriores. Enfim, veremos de uma maneira geral as linhas mestres da estratégia do nosso objeto de estudo.

## **2 A CAMPANHA ANTI-BERNARDES**

### **2.1 Abril de 1921**

#### **A comissão de verificação de Poderes e o Lançamento da candidatura de Arthur Bernardes**

Em abril de 1921, estavam sendo feitos, na câmara dos deputados, os preparativos para a instalação da comissão de verificação de poderes. A comissão de verificação de poderes era um instrumento através do qual o congresso analisava as

eleições e determinava quem seria diplomado como eleito e quem teria a candidatura impugnada.

Como a bancada mineira no congresso era muito extensa, neste momento foi intensificado o processo do lançamento da candidatura de Arthur Bernardes.<sup>69</sup> Afinal de contas, os políticos interessados no apoio desta bancada concederiam mais facilmente o seu consentimento para uma chapa com Arthur Bernardes à frente.

A intensificação das negociações em torno da candidatura de Arthur Bernardes rapidamente vazou para a imprensa causando uma má impressão. Isto porque a candidatura de Bernardes estava sendo lançada mais cedo do que o habitual. Em segundo lugar porque o modo como ela estava sendo veiculada foi associado rapidamente a uma chantagem política.<sup>70</sup>

Num primeiro momento, o Correio da Manhã mantém a sua neutralidade enquanto outros periódicos já manifestam o seu apoio.<sup>71</sup> Mas a partir do dia 30 de abril já é público o descontentamento de Borges de Medeiros com a candidatura mineira.

A partir de então, nitidamente motivado com o embargo levantado pelo político gaúcho, o Correio da Manhã lança abertamente uma pesada campanha anti-Bernardes.<sup>72</sup> Uma campanha que rapidamente ganhará uma alta repercussão.

A seguir veremos detalhadamente as principais diretrizes assumidas pelo Correio da Manhã neste início da campanha anti-Bernardes. Tais diretrizes influenciarão em grande parte as linhas seguidas pelo jornal ao longo de toda a disputa eleitoral.

## 2.2 Maio de 1921

### **A Campanha anti-Bernardes: Primeiras Diretrizes**

Logo que assumiu a sua oposição à candidatura de Arthur Bernardes, o Correio da Manhã passou a fazer uma cobertura dos últimos acontecimentos relativos a campanha presidencial com um enquadramento negativo para o candidato mineiro além de publicar editais nos quais esclarecia os seus posicionamentos e efetuava novas

---

<sup>69</sup> Cf. arquivo Nilo Peçanha, abril de 1921.

<sup>70</sup> Cf. o Correio da Manhã, 29/04/1921. P.2 ; 30/04/1921.P.2

<sup>71</sup> Cf. Correio da Manhã, 23/04/1921. P. 2 ; 24/04/1921. P.2

<sup>72</sup> Cf. Correio da Manhã, 30/04/1921. P. 2 ; 01/05/1921. P.2

críticas. Também criou uma coluna especial onde passaria a publicar cartas de mineiros a respeito das eleições presidenciais.<sup>73</sup>

Vejamos um dos seus primeiros discursos anti-Bernardes para podermos destacar as suas principais diretrizes da estratégia do periódico:

Ao povo mineiro

I

Está o dr. Arthur Bernardes nas condições de ser o presidente da republica ?

II

No caso contrário, por que, e qual o candidato que merece a confiança dos mineiros? Esta consulta, que aqui fazemos, ao honrado povo mineiro, cujas tradições de liberalismo e independência todos admiram, tem a sua explicação nas linhas abaixo. Há entre os políticos um acordo para o fim de impor ao Brasil, sem o menor respeito pela vontade deste, a candidatura do dr. Arthur Bernardes à presidência da republica, no próximo quadriênio.

Esse acordo, agenciado por emissários do próprio presidente de Minas, estaria vitorioso se não fossem as reservas hábeis e prudentes que lhe opôs o chefe da nação. Procedimento igual tiveram, em relação a esse ambicioso e prematuro ensaio, o presidente do Rio Grande do Sul e o governador de Pernambuco, os quais, se não vetaram, formalmente, a candidatura de Bernardes, opinaram, entretanto, ser ainda muito cedo para se tratar de um problema que se tem de resolver a seu tempo, sem precipitações, e de conformidade com as boas normas democráticas.

Dai se conclui que a escolha do nome do sr. Arthur Bernardes para candidato à futura presidência não é, como propala a imprensa subornada pelos cofres de Minas, uma coisa definitiva.

A sua candidatura, sim, é que esta lançada. Dá-se, porém o seguinte: a nação não conhece o dr. Arthur Bernardes; é, pois, muito natural que queira ter informações sobre as virtudes e defeitos desse estadista, para ela totalmente anônimo, que se propõe a governá-la, amparado não na estima e na confiança pública, mas nos escudos traidores da politicagem, que o *levantaram, inesperadamente, nas vésperas de um reconhecimento de poderes, na câmara, em que os trinta e sete deputados mineiros representam um força respeitável, que é preciso cortejar...*

*Para falar a verdade, opinião geral entre gente de respeito e os políticos sensatos, é que essa candidatura, cujo autor é o próprio sr. Arthur Bernardes, constitui um caso deplorável de chantagem política.*

*Mas seja lá como for, o que é certo, o que esta a entrar pelos olhos da nação inteira, é que, na situação tremenda em que se acha o País, sem dinheiro, com o seu crédito abalado, com a sua produção e sua moeda desvalorizadas, nas vésperas de retomar os seus pagamentos em ouro, sem ter onde o ir buscar; numa situação destas, repetimos, angustiada e por tantas e tão variadas crises, o que esta a entrar pelos olhos da nação inteira é que não pode haver ninguém que apeteça e dispute o cargo de presidente da republica, senão por um movimento de inconsciência ou de tresloucada ambição.*

Ou será o sr. Arthur Bernardes um super-homem abnegado e forte, de capacidade comprovada, de amadurecida experiencia, de mãos robustas e ombros largos, que se oferece, calmo e confiante, para carregar o peso de uma responsabilidade diante da qual vacilam os espíritos mais varonis e mais esclarecidos? Pode ser, mas não parece.

Faltam-lhe dois elementos que completam o peso e o tomo dos super-homens: a confiança em si mesmo e aquela austera probidade de que não se podem eles apartar.

Um homem probo, que se propõe a governar uma nação, não mete as mãos nos dinheiros públicos, que são sagrados, para comprar elogios da imprensa mercenária; um homem que tem confiança em si próprio não desce a bajulação vil e desprezível a que desceu o sr. Arthur Bernardes rebaixando Minas, com o convite que fez ao Marechal Hermes, deslembando de que o insultava da tribuna da camara, conforme

<sup>73</sup>

Cf. Correio da Manhã, 03/05/1921. P.2 ; 04/05/1921. P.2

recordaram muito bem os nossos ilustres colegas da Noite,tudo isso por medo, e para se tornar agradável ao exercito.

Vejamos o reverso da medalha. Ao passo que o sr. Arthur Bernardes praticava essa bajulação para seduzir o exército, feria-o covardemente pelas costas, tornando-se cúmplice dos caprichos irritantes e ofensivos, com que o sr.Epitácio Pessoa tem,ultimamente, amesquinhado a classe militar.

No mesmo dia em que o Marechal tomou o trem para Belo Horizonte, partiu daqui para São Paulo o senador Raul Soares afim de, em nome do presidente de Minas e do chefe do estado, cabalar (que vergonha!) o dr. Washington Luis, no sentido de conseguir a intervenção deste junto aos senadores paulistas para votarem contra o reconhecimento do Marechal Pires Ferreira, o maior, o mais constante, e devotado amigo que o exercito tem tido no senado.

Felizmente, o dr.Washington Luis é um homem que se preza e recusou prestar-se ao manejo indecoroso do presidente da republica e do seu cúmplice: os senadores paulistas não darão os seus votos, como quer o sr. Epitacio Pessoa , a favor do redator chefe do jornal do commercio, o homem que insultou publicamente o seu irmão, o honrado general Pessoa.

Não, o sr. dr. Arthur Bernardes não é um super-homem; não chega mesmo a ser um homem...

Será então um inconsciente, um tresloucado ambicioso que aspira á presidência da republica, trepado nos seus trinta e sete deputados, escolhidos a dedo, só para a guarda da sua vaidade, ou para arranjo melhor dos seus negócios?

Minas que o conhece, é que nos pode responder. As respostas que nos forem mandarem serão publicadas na íntegra, quaisquer que sejam os termos em que venham formuladas. Cartas para a redação. (Correio da Manhã,p.2, 3 maio 1921)

### 2.3 O Correio da Manhã está contra Bernardes, mas não está contra Minas

Tendo em vista o fragmento acima, façamos algumas observações. Em primeiro lugar, comecemos com o título. O título endereça o apelo do jornal especificamente aos mineiros. Tal atitude, que veremos outras vezes ao longo da campanha, é uma tática com intenção de atacar Bernardes duplamente.

Uma intenção é deixar claro que o veto do jornal à candidatura de Arthur Bernardes não é fruto de uma oposição aos mineiros. Para isso, o Correio da Manhã por um lado, enfatiza que se opõe a candidatura de Arthur Bernardes em função de determinados princípios e por outro, pede aos mineiros que sugiram nomes ilustres que poderiam ser candidatos a presidência, inclusive outros mineiros.

Isto indica, dentre outras coisas, que o Correio da Manhã tinha a preocupação de não perder o apoio de alguns possíveis eleitores mineiros. Lembremos que naquela época, a população de Minas Gerais era a maior do Brasil e por isso seu peso eleitoral era significativo, tanto em termos objetivos quanto simbolicamente.

Traçando um paralelo a grosso modo, atualmente São Paulo é o estado com a maior população do Brasil, e sempre que ocorrem eleições nacionais é dirigida muita atenção para se perceber em qual direção irão os seus votos. Minas Gerais, guardadas as

devidas proporções, também atraía muitos olhares que buscavam o seu grande número de eleitores.

Outro aspecto, não menos importante, também fundamentava esta preocupação. Além de não querer perder o apoio de parte do eleitorado, o Correio da Manhã naturalmente também não desejava perder leitores. Devemos registrar que este periódico tinha assinantes no estado de Minas Gerais, São Paulo e algumas outras unidades da federação.<sup>74</sup>

Mas como dissemos anteriormente, a tática de dirigir um apelo aos mineiros tinha a intenção de atingir duplamente a candidatura Bernardes. A primeira era distinguir que atacar Bernardes não era atacar Minas, como alguns partidários deste político tentavam fazer parecer.

A segunda via de ataque a Bernardes com este apelo, era o fato de poder trazer a tona uma série de críticas específicas e de forte impacto. O Correio da Manhã estava “buscando o depoimento de Minas que é quem o conhece”<sup>75</sup>. Um pouco mais adiante veremos algumas destas críticas específicas que foram expostas por este periódico. A seguir, continuemos com a análise da nossa fonte selecionada.

Ainda a respeito deste tratamento dirigido aos mineiros, cabe que lembremos uma das nossas hipóteses. Estamos nos referindo em especial àquela onde afirmamos que o Correio da Manhã se insere numa luta contra a hegemonia paulista e mineira aderindo aos esforços pela formação de um eixo alternativo.

No caso em questão, apesar do Correio da Manhã demonstrar que outro mineiro poderia ser candidato, não houve nenhum esforço neste sentido sendo tal proposição muito mais um ato de retórica do que uma convicção e objetivo do jornal. Pelo contrário, os nomes mais indicados são com certeza de pessoas fora de Minas e de São Paulo o que reflete o esforço anti-hegemônico do periódico.

---

<sup>74</sup>

Cf. o Correio da Manhã, 10/08/1921. P.2 ; 17/08/1921. P.2 ; 27/08/1921. P.2

<sup>75</sup>

Cf. fragmento citado nas Páginas 18,19 e 20.

#### 2.4 Políticos versus Nação: Isolando Arthur Bernardes

Logo após o título, no primeiro parágrafo, podemos ver outra idéia recorrente nos discursos do Correio da Manhã.<sup>76</sup> Estamos nos referindo às declarações de que os políticos estariam impondo uma candidatura ao Brasil sem respeitar a sua opinião.

Tal declaração reflete claramente o objetivo de enfraquecer a candidatura Bernardes. Ao afirmar que haveria um divórcio entre a classe política e a opinião pública, o jornal coloca esta candidatura numa posição de isolamento.

Neste momento, devemos salientar uns conceitos cuja compreensão será muito benéfica não só para compreendermos a fonte já citada, como também para refletirmos sobre outras situações acerca deste embate político. Estamos nos referindo ao conceito de “espiral de silêncio” e, ao seu correlato, “clima de opinião”.

A base destes é proveniente das pesquisas em comunicação desenvolvidas pela alemã Elisabeth Noelle Neumann. Neumann realizou pesquisas que a levaram a concluir que as pessoas são influenciadas pela expectativa que possuem sobre o pensamento de outras.<sup>77</sup>

Em outras palavras, Neumann percebeu especificamente que: ao imaginar que um grupo pensa de determinada forma, uma pessoa pode silenciar-se, caso acredite que sua opinião é minoritária ou por pensar que será mal recebida. Então, esta pesquisadora destacou dois elementos teóricos centrais: clima de opinião e espiral de silêncio.<sup>78</sup>

Clima de opinião diz respeito ao que se imagina que é a opinião majoritária. Espiral de silêncio se refere ao silenciamento que ocorreria quando as pessoas percebem não estar de acordo com o clima de opinião. Tal silenciamento proporcionaria um enfraquecimento das opiniões divergentes tornando majoritária, uma opinião que talvez não fosse. De certa forma, de acordo com o pensamento desta pesquisadora, quando uma opinião parece majoritária, mesmo que não seja, tem potencial para vir a ser.<sup>79</sup>

Embora o aparato conceitual sobre a eficácia de parecer ser a opinião majoritária seja recente, a tentativa de parecer majoritário é um recurso usado há muito tempo. Algo

---

<sup>76</sup> Conferir fragmento citado nas Páginas 18,19 e 20.

<sup>77</sup> HOHLFELDT, Antonio. *Teorias da comunicação: conceitos escolas e tendências*.7.ed.-Petrópolis, RJ : Ed. Vozes, 2007. P.221.

<sup>78</sup> Idem; Ibidem.P.220-223.

<sup>79</sup> Idem; Ibidem.P.220-223.



utilizado como meio de pressão para a conquista de apoios, principalmente no contexto da Primeira República.

Isto porque, naquele sistema político altamente coercivo, a cultura política inclinava o cidadão a apoiar o governo, já que os opositores eram impedidos de assumir tanto por meio de fraudes quanto pela “degola” na comissão de verificação de poderes.

Logo, parecer que era mais forte politicamente e sugerir que iria vencer as eleições para a presidência, tinha um peso simbólico muito forte. Por isso, o Correio da Manhã tentará frequentemente desconstruir o favoritismo de Bernardes, e assim que surgir uma candidatura adversária, poderemos ver as tentativas deste periódico para criar uma imagem de força em torno desta.

No caso da fonte destacada, quando o jornal enfatiza que o acordo entre os políticos para impor um candidato ao Brasil não foi vitorioso ou quando se afirma que a sua candidatura não é definitiva, está sendo feita uma tentativa de criar um clima de opinião contrário a Arthur Bernardes. Desta forma, o jornal combate o favoritismo do mineiro e atua no sentido de enfraquecê-lo politicamente, abrindo espaço para o surgimento de uma candidatura alternativa.<sup>80</sup>

## 2.5 Candidaturas Alternativas

Na fonte destacada encontramos duas perguntas. A primeira é se Arthur Bernardes estaria em condições de ser presidente da República. A segunda pergunta é sobre quem estaria em condições de ser candidato a presidência. Ou seja, além dos relatos de mineiros acerca do governo de Bernardes, nesta coluna também havia espaço para indicação de candidatos para que fossem considerados aptos para a presidência.

Neste espaço (durante o mês de maio) não houve grande ênfase sobre nenhum nome. Contudo, podemos destacar os mais recorrentes. Estes eram: Ruy Barbosa, Borges de Medeiros, Nilo Peçanha, Assis Brasil e Paulo de Frontin.<sup>81</sup> Alias, nas outras partes do jornal também não era feita nenhuma outra menção mais enfática a um possível adversário contra Arthur Bernardes.

<sup>80</sup> Por gozar do apoio de Minas Gerais, São Paulo e quase todos os outros estados da federação, Artur Bernardes era cercado por um grande favoritismo.

<sup>81</sup> Cf. Correio da Manhã, 08/05/1921;11/05/1921;13/05/1921;14/05/1921;19/05/1921. P.2-3

O foco do Correio da Manhã estava mais em atacá-lo e tentar vetar a sua candidatura do que em levantar uma alternativa eleitoral. Isso começará a mudar somente a partir do mês de junho.

## 2.6 O impacto da rejeição do Rio Grande do Sul

A insatisfação do Rio Grande do Sul soou como um dos principais estímulos para que o Correio da Manhã deflagrasse a sua campanha anti-Bernardes. Na primeira fonte destacada, do dia 03 de maio de 1921, já podemos ver o nome de Borges de Medeiros como um dos responsáveis pela não-aceitação imediata do nome de Arthur Bernardes.<sup>82</sup>

Seu nome aparece junto com o nome de Eptácio Pessoa e José Bezerra (governador de Pernambuco). Contudo, o nome de Borges de Medeiros ganhará cada vez mais destaque em função da clareza dos seus discursos contra Arthur Bernardes e também por causa da proximidade estabelecida entre a candidatura Bernardes e Eptácio Pessoa.

Desta forma, vejamos o seguinte fragmento:

No mundo Político

A candidatura Bernardes encalhada...

Tivemos ontem informações de que o sr. Borges de Medeiros remeteu aos senadores Vespucio de Abreu e Soares dos Santos longo telegrama, em que se manifesta sobre o programa do P.R.M, que seria o do sr. Arthur Bernardes, caso chegasse a presidência da Republica.

O sr. Borges de Medeiros acha esse programa em alguns pontos retrógrado e nega apoio a candidatura mineira, mantendo seus pontos de vista anteriores. O Rio Grande Sul prestigiará a candidatura de qualquer personalidade politica, que haja passado pela administração, que tenha folha de serviços republicanos, programa definido, e desde que seja uma escolha efetuada em convenção, onde se representem as grandes forças politicas do País.

A Convicção geral no meio político é que, com a atitude do sr. Borges de Medeiros, fracassou a tentativa de levar á presidência da república o atual presidente de Minas. Soubemos também que o sr. Seabra telegrafara, há dias, ao sr. Borges de Medeiros, assegurando-lhe que o seu estado acompanharia o Rio Grande do Sul no caso da sucessão presidencial. (Correio da Manhã,p.2,10 maio 1921)

No fragmento acima podemos ver o impacto atribuído à rejeição da candidatura mineira por parte de Borges de Medeiros. Também devemos destacar que na notícia

<sup>82</sup>

Cf. fragmento citado nas Páginas 18,19 e 20.

supracitada, o Correio da Manhã tece comentários que dizem respeito às expectativas que podemos ter acerca da candidatura Bernardes.

Tais comentários alegam que o meio político já veria a candidatura Bernardes como um fracasso. Ou seja, neste caso temos o periódico novamente tentando criar um clima de opinião contrário ao estabelecimento da candidatura mineira, pois certamente havia outras maneiras para que os jornais de retratassem a rejeição de Borges de Medeiros.

Outro aspecto que merece a nossa atenção é a defesa de que a escolha do candidato à presidência seja feita em uma convenção onde estejam representadas as forças políticas do País.

Tal argumentação será muito utilizada, pois Arthur Bernardes será acusado de ter sido escolhido de forma obscura (“através do conchavo”).<sup>83</sup> Esta inclusive será uma das alegações feitas para legitimar uma convenção dissidente.

## 2.7 Epitácio Pessoa e Arthur Bernardes: Água e Vinho

Mas vejamos agora outra tática muito utilizada pelo Correio da Manhã neste período de pré-formação da Reação Republicana. Estamos nos referindo ao modo de abordar a relação entre Epitácio Pessoa e Arthur Bernardes.

Baseados no método de abordagem dos campos semânticos, destacamos para análise, como palavras-chave, dois nomes: Epitácio Pessoa e Arthur Bernardes. A partir de então passamos a observar nos exemplares do jornal a rede relações semânticas estabelecidas por estas palavras.<sup>84</sup>

O que pode ser percebido, é que houve, neste início de campanha, uma tentativa sistemática de opor Epitácio Pessoa a Arthur Bernardes. Como pudemos ver na primeira fonte destacada, o presidente da república foi apontado como uma das principais razões para o não estabelecimento da candidatura do mineiro.<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup> Cf. Correio da Manhã, 03/05/1921. P.2

<sup>84</sup> ROBIN, Régine. Op.Cit. P.153-157

<sup>85</sup> Cf. fragmento citado nas Páginas 18,19 e 20.

O intuito de opor Epiácio Pessoa a Arthur Bernardes se basearia na visão de que o político paraibano seria uma peça fundamental no jogo sucessório. Isto porque Epiácio teria, segundo o próprio Correio da Manhã, forte apoio dos estados nordestinos, e deduzia-se que o seu posicionamento poderia trazer a oposição destes estados à candidatura do mineiro. Por isso, opor Epiácio Pessoa a Arthur Bernardes era uma tentativa de opor o nordeste ao candidato mineiro.

O meio encontrado pelo jornal para criar esta oposição foi diferenciá-los e tentar jogar a opinião pública (entendida aqui como vontade da maioria) contra qualquer manifestação de apoio da parte de Epiácio para com Arthur Bernardes. O Correio da Manhã insistiu neste procedimento. Vejamos um pequeno fragmento onde esta tática aparece de maneira mais enfática:

Para dirigir a nação, na conjuntura difícil que atravessamos, só nos serve um homem de coragem estóica, acima das transigências e acordos como o Sr. Epiácio Pessoa, disposto mais a quebrar do que torcer e levando avante a sua diretriz política e administrativa.

Nunca um político como o Sr. Arthur Bernardes, cujas grandes qualidades trombeteadas até agora, se restringem a facilidade de transigir com os políticos, de lhes solicitar os votos através das manobras do reconhecimento de poderes, e de se entregar de mãos e pés atados ao jornalismo cujos elogios o Sr. Epiácio Pessoa repele, sobranceiro, por julgar criminoso retribuí-los com os recursos do tesouro... Do Sr. Epiácio Pessoa sabe-se que tem resistido a todas as soluções perigosas para o desenvolvimento econômico e financeiro do país. Como as emissões e os empréstimos, tão de molde a proporcionar o derramamento de dinheiro barato, com que se enriquecem os vivedores desta terra.

O Sr. Arthur Bernardes emerge da penumbra de Belo Horizonte a querer justamente o contrário. O seu primeiro cuidado é o de subornar jornais e de se entregar aos políticos. De sorte que, se a candidatura triunfasse chegaria ele ao governo manietado e submetido a tudo quanto dele exigissem os elementos de imprensa, que corrompera, e as forças políticas, a que não poderia resistir. Daí se infere que a sucessão presencial não pode, no momento atual, ser resolvida por mero conchavo político, mas por efeito de uma larga consulta e discussão entre as forças vivas da nacionalidade. (Correio da Manhã, p.2, 01 maio 1921)

Epiácio Pessoa aparece acima como um político com coragem e força para enfrentar a crise, avesso a qualquer tentativa de suborno e contrário a políticas econômicas irresponsáveis.

Arthur Bernardes por sua vez, aparece como: um político que recorre ao suborno, incapaz de enfrentar a crise, sujeito à políticos e não capacitado para manter uma política econômica independente. Ou seja, um seria o oposto do outro. Entretanto, esta tática não poderá ser mantida por muito tempo, como veremos mais a frente ao falarmos sobre a questão militar.

## 2.8 O Correio da Manhã e a imprensa pró-Bernardes

O último fragmento citado também expõe outro procedimento do Correio da Manhã de maneira mais enfática.<sup>86</sup> Referimos-nos à questão da participação da imprensa na campanha de Bernardes. O Correio da Manhã constantemente discutirá com a imprensa pró-Arthur Bernardes, o que inclusive nos ajuda a obter uma visão mais ampla sobre a campanha.<sup>87</sup>

Mas o Correio da Manhã não se restringirá a discussão. Serão realizadas diversas tentativas de desqualificação dos periódicos adversários. O principal meio de atacá-los serão as constantes acusações de suborno (algumas vezes o Correio da Manhã tentará até publicar supostas provas). A fonte do suborno seria o governo de Minas Gerais que estaria sendo “assaltado” por Arthur Bernardes.<sup>88</sup>

Neste sentido ocorre um duplo ataque a Arthur Bernardes, pois ao mesmo tempo que a “sua” imprensa está sendo depreciada, este está sendo acusado de ser um administrador corrupto que está prejudicando a economia mineira em função de um projeto pessoal. Notemos a classificação realizada pelo periódico: os jornais pró-Bernardes são corruptos e agem por interesse, enquanto os de oposição são incorruptíveis agindo pelo bem público, pela nação.

O contrário também ocorre. Observando rapidamente exemplares de alguns jornais pró-Bernardes podemos encontrar diversas menções críticas ao Correio da Manhã. O que é sinal do grande destaque da campanha feita por este periódico.<sup>89</sup>

Acerca das discussões travadas entre estes meios de comunicação, nós faremos ainda muitas reflexões. Mas por ora, sigamos analisando outro viés da atuação do Correio da Manhã.

## 2.9 Arthur Bernardes e a crise econômica

De acordo com *Winston Fritsch*:

---

<sup>86</sup> Cf. fragmento citado nas páginas 25 e 26.

<sup>87</sup> Acerca das discussões do correio da Manhã com a imprensa pró-Bernardes conferir: 01/05/1921. P.2; 09/05/1921. P.2; 15/05/1921. P.2; 16/05/1921. P.2; 18/05/1921. P.2; 23/05/1921. P.2

<sup>88</sup> Cf. Correio da Manhã, 01/05/1921. P.2; 18/05/1921.P.2.

<sup>89</sup> Cf. o Jornal do Comércio, 21/05/1921. P.3

Mil novecentos e vinte e dois é um ano de profunda crise econômica, só comparável na experiência republicana anterior à gigantesca crise da década de 1890, que só acabou com o enorme esforço de ajustamento do período Campos Sales sob a tutela financeira britânica. Tem-se em 22 uma crise do café, uma inflação em alta e, especialmente, uma crise fiscal. É o final do governo Epitácio Pessoa, que no entanto havia começado com uma grande esperança de prosperidade, com grande otimismo, depois de anos de guerra, apreensões e dificuldades -de certa maneira, o fim do governo Epitácio parece muito com o fim do governo Sarney.

Diante deste quadro, o Correio da Manhã frequentemente elaborava editais e notícias tratando da crise econômica.<sup>90</sup> Nestes editais o Correio da Manhã discorria acerca do momento econômico elaborando algumas sugestões e tecendo (com muito cuidado neste início de campanha) algumas críticas à política adotada.

Quando surge a questão presidencial, o Correio da Manhã passa a estabelecer um diálogo entre dois discursos: o discurso anti-Bernardes e o discurso acerca da crise econômica.

Desta forma, por exemplo, após realizar um intenso discurso sobre a gravidade da crise econômica, o Correio da Manhã se punha, nos dias imediatamente posteriores, a discorrer sobre o quanto que seria perigoso para o País que “o despreparado Arthur Bernardes” assumisse o comando da economia.<sup>91</sup>

Tal associação é feita de tal modo que ao se falar da crise econômica, o Correio da Manhã está, de uma certa forma, evocando a lembrança da candidatura de Arthur Bernardes. Mas esta não foi a única associação elaborada pelo jornal. Vejamos como este periódico procedeu ao relacionar Arthur Bernardes ao exército.

## 2.10 Arthur Bernardes: o inimigo do exército

No que diz respeito a questão militar, desde o princípio da campanha anti-Bernardes há a tentativa de opor este candidato ao exército. No caso da primeira fonte selecionada, há uma tentativa se de criar uma incompatibilidade entre Hermes da Fonseca e Arthur Bernardes.<sup>92</sup>

<sup>90</sup> Conferir correio da Manhã: 01/05/1921. P.2 ; 14/05/1921. P.2 ;17/07/1921. P.2

<sup>91</sup> Cf. Correio da Manhã, 01/05/1921. P.2

<sup>92</sup> Cf. fragmento citado nas páginas 18,19 e20.

Esta tática se baseia no fato de que Hermes da Fonseca possuía grande prestígio dentro do exército e opô-lo a candidatura de Bernardes renderia a esta candidatura uma antipatia da classe militar.

Entretanto esta tática não será utilizada muitas vezes, pois em várias ocasiões Hermes da Fonseca parecerá mais neutro do que vinculado aos inimigos do mineiro (basta que lembremos, por exemplo, que na fonte referida, o Correio da Manhã se refere a um banquete oferecido ao Marechal Hermes por Arthur Bernardes).<sup>93</sup>

Com o passar do tempo, o que prevalecerá será o segundo argumento utilizado na nossa primeira fonte selecionada.<sup>94</sup> Estamos nos referindo à correlação entre Arthur Bernardes e Epiácio Pessoa no que diz respeito às políticas impopulares deste último com relação ao exército.

Para fins de esclarecimento, Epiácio Pessoa estava tendo atritos com o exército desde o início do seu governo. Isto porque ao assumir a presidência este designou políticos civis para assumir as pastas ministeriais ligadas às forças armadas. A colocação de civis dentro de ministérios tradicionalmente dados a militares causou evidentemente ressentimento na corporação. Uma corporação que desde o início da República já tinha tido vários atritos com os políticos civis. Além deste primeiro desagrado ainda seria presenciado no governo Epiácio à negação de aumento aos militares.<sup>95</sup>

Em função destes fatos, soava interessante para este periódico correlacionar Epiácio Pessoa a Arthur Bernardes no que diz respeito à política dirigida às forças armadas.

É notável, entretanto, a contradição executada pelo Correio da Manhã. Ao mesmo tempo em que opõe Arthur Bernardes em quase todos os aspectos a Epiácio Pessoa, o Correio da Manhã afirma que o mineiro apoiou todos os ataques ao exército efetuados pelo presidente.<sup>96</sup>

Tal contradição não durará muito tempo. Conforme for ficando evidente a proximidade entre Arthur Bernardes e Epiácio Pessoa, o Correio da Manhã passará a

---

<sup>93</sup> Cf. também o Correio da Manhã, 28/04/1921. P.2

<sup>94</sup> Cf. fragmento citado nas páginas 18,19 e 20.

<sup>95</sup> PRESTES, Anita Leocádia. Op. Cit. P. 46.

<sup>96</sup> Conferir fragmento citado nas páginas 18,19 e20.

deixar de lado as tentativas de opó-los e concentrar-se-á na associação entre ambos contra os militares.

### 2.11 As eleições para o clube militar

Durante o mês de maio, no que diz respeito ao exército, o Correio da Manhã teve como foco as eleições para o clube militar. E como veremos, no fragmento a seguir, este jornal efetuará novamente a estratégia dupla de associar Arthur Bernardes à políticas impopulares do governo, ao mesmo tempo em que cria incompatibilidades entre este candidato e o Marechal Hermes da Fonseca. Vejamos:

#### As classes armadas

Publicamos que a atmosfera reinante na sessão do clube militar, em que o marechal Hermes fora eleito para seu presidente, era do mais franco desapoio ao processo pelo qual desejam os políticos elevar o sr. Arthur Bernardes a presidência da República.

As patentes mais graduadas do exército que ali foram votar não ocultavam o seu regozijo pela atitude assumida pelo sr. Borges de Medeiros, no que eram secundadas pela grande maioria dos oficiais de patentes mais inferiores.

Temos aí uma demonstração de que o exército ainda não abdicou, como tanto desejam os políticos, do seu direito de exame sobre os assumptos que entendem como os interesses vitais do País.

O governo tem feito tudo para anular as forças armadas... o que se vê e sente é que , preocupados com a chamada questão presidencial, nem o congresso nem o governo vão despende o seu tempo com a reorganização das forças navais... quanto ao exército, sabe-se o que tem feito o governo. Humilhações sobre humilhações o sr. Pandiá Calógeras vem infligindo a oficiais superiores e inferiores, suspeitos de hostilizar a sua extravagante ligação com os oficiais da missão francesa... O sr. Calógeras voltou logo depois as suas vistas para a eleição do clube militar, com o fim de pôr abaixo a chapa em que figurava o nome do marechal Hermes para presidente, visto como temia que, em torno desse chefe militar se viesse a reunir o velho espírito de resistência dos bríos e da dignidade do exército, que pretendia desunir para inutilizar mais facilmente... (Correio da Manhã,p.2, 28 maio 1921)

No fragmento acima o Correio da Manhã enumera uma série de atos do governo Epitácio contra o exército no intuito de favorecer Arthur Bernardes. Sendo que no último parágrafo o jornal levanta o tema das eleições para o clube militar. Tema este que foi um dos mais recorrentes na cobertura do Correio da Manhã sobre os assuntos do exército durante o mês inicial da campanha anti-Bernardes.

O Correio da Manhã afirma que o ministro Pandiá Calógeras incentivou o surgimento de uma candidatura adversária a do Marechal Hermes. Tal atitude seria, segundo o Correio da Manhã, uma reprovável tentativa de interferência do governo sobre uma instituição que deveria ser independente.



A motivação do governo, de acordo com o Correio da Manhã, estaria na questão da sucessão presidencial. Isto porque ao estimular uma candidatura oposta a do marechal Hermes da Fonseca, o governo estaria enfraquecendo um possível adversário de Arthur Bernardes; Pois àquela altura, temia-se que fosse lançada a candidatura do marechal em contraposição a candidatura de Minas.

Contudo, os temores do Correio da Manhã não se concretizaram. Foi vitoriosa a candidatura do Marechal Hermes da Fonseca para a presidência do clube militar. Estas eleições fortaleceram o nome do marechal que ganhou cada vez mais a simpatia do periódico.

Entretanto, falaremos acerca desta eleição e suas conseqüências um pouco mais adiante. Agora seguiremos nossa análise tratando de um tema que, de certa forma, é correlato ao exército: a idéia de golpe.

## 2.12 O Correio da Manhã e o uso da idéia de Golpe

O uso da idéia de golpe pelo Correio da Manhã pode ser classificado em distintas fases. A primeira fase englobaria o período que vai de maio até junho de 1921. Vejamos alguns fragmentos dos discursos deste periódico para que possamos distinguir as suas características:

Devo aplaudir, e o faço com convicção, a atitude nobre que o Correio da Manhã assumiu em ralação a candidatura do sr. Arthur Bernardes. Trata-se realmente de um estadista-mirim, apenas com os afluentes das conveniências dos políticos profissionais, cujo programa se cifra na defesa dos interesses próprios...  
Tenho certeza de que esse candidato não será eleito, e se o for, não tomará posse.  
(Correio da Manhã , p.3,11 maio 1921)

O fragmento acima é um trecho de uma carta de um leitor do Correio da Manhã. No depoimento selecionado aparece uma das primeiras menções à idéia de golpe<sup>97</sup>. Após traçar um diálogo com os discursos anteriores do Correio da Manhã acerca da candidatura Bernardes, o leitor acrescenta que mesmo que seja eleito o candidato não tomará posse.

---

<sup>97</sup> A idéia de golpe aparece no Correio da Manhã como um recurso à força para salvar e regenerar a nação. O que variará ao longo da campanha será a forma de utilizar esta idéia. Em determinados momentos o golpe aparecerá como algo inevitável, em outros como uma possibilidade futura. Invariavelmente aparecerá como um meio de pressão, mas o objetivo de tal pressão dependerá do contexto.

O Correio da Manhã não tece nenhum comentário acerca desta previsão, mas a publicação desta carta em detrimento das inúmeras outras que este periódico alegava ter, já indica um consentimento.

Uma semana depois o jornal deixa de ser indireto e faz um apelo a nação:

Mas isto não deve, nem pode vingar. É preciso e forçoso que a nação inteira saiba afastar da sua marcha para o futuro mais esse espécimen de fraude, e arrebate dos politiqueros o direito, que lhes contestamos, de entregar o País á incapacidade pavonada que o cobiça. Ainda é tempo de forte e sólida reação. (Correio da Manhã,p.2,22 maio 1921)

No trecho acima, o Correio da Manhã está insistindo na idéia de oposição entre a nação e a classe política. Aplicando o método dos campos semânticos nos exemplares do Correio da Manhã ao longo do mês de maio, podemos identificar que a candidatura de Arthur Bernardes é associada frequentemente, como já comentamos anteriormente, a um acordo entre os políticos contra a vontade da nação. No caso do trecho acima, o Correio da Manhã apela à nação por uma forte reação. Entretanto ainda não há uma especificação quanto à reação solicitada.

Durante esta primeira fase, o Correio da Manhã continuará a evocar a idéia de golpe contra Arthur Bernardes, mas não chegará a elaborar especificações nem a apresentará como a única alternativa.

Ao longo do nosso trabalho observaremos os modos como o Correio da Manhã abordará a questão da resolução dos problemas políticos pela força. Entretanto, por respeito à cronologia, o faremos somente mais adiante. Sigamos por ora, analisando a seção do jornal dedicada a consultar os mineiros acerca de quem era Arthur Bernardes.

### **2.13 Consulta aos mineiros**

Vejamos um fragmento que pode exemplificar qual era o teor principal das cartas que responderam a esta consulta:

Quando foi da campanha Eptácio-Ruy Barbosa, era ele secretário da agricultura, e pela sua pasta correu a direção do pleito. O governo, digo, o sr. Caim Soares, fez expedir circulares garantindo absoluta liberdade aos funcionários públicos para votarem como melhor lhes parecesse.

Depois da eleição puniu sem dó nem piedade todos os funcionários que deram seus votos ao sr. Rui Barbosa. Removeu até... o promotor de justiça. ...se tivesse feito parte de junta pró-Epitácio... o moço gozaria do elogio oficial.” (Correio da Manhã,p.3,11 maio 1921)

O fragmento acima se refere ao senador Raul Soares. Este político havia sido secretário do interior durante o governo de Arthur Bernardes de onde saiu para ser o primeiro ministro civil da marinha.

Dentro do ministério era uma das pontes entre o governo de Arthur Bernardes e Epitácio Pessoa. Exonerou-se do ministério em 1921 e elegeu-se senador por Minas Gerais. Do senado foi o principal articulador da candidatura de Bernardes.

Em função do seu papel para o êxito da candidatura presidencial mineira, obteve o apoio de Arthur Bernardes que o encaminhou como seu sucessor a frente do governo do estado de Minas Gerais.

Em função do vínculo entre estes políticos, Raul Soares foi alvo de muitos ataques cujo fim era atingir Arthur Bernardes. O fragmento citado, que é um pedaço de uma carta proveniente de Minas Gerais, é apenas uma amostra disto. Nesta carta são feitas denúncias que agridem a imagem de Raul Soares e, por conseguinte, a de Arthur Bernardes.

Este fragmento é exemplar, pois o procedimento adotado pelo Correio da Manhã será basicamente este na grande maioria das cartas. Isto é, esse espaço do jornal foi utilizado em grande parte para a realização de denúncias.

Estas denúncias foram contra Arthur Bernardes e seus aliados. Em outras palavras, em algumas cartas foi atacado Raul Soares, mas em outras foi atacado Afonso Penna Junior,entre outros partidários de Bernardes.

Quanto a Arthur Bernardes, os ataques e denúncias foram ainda mais amplos. Sua vida como estudante e como deputado foram alvo dos mais variados ataques. Ataques que se referiam a sua suposta falta de inteligência, iniciativa, corrupção e o seu caráter vingativo.<sup>98</sup>

---

<sup>98</sup>

Cf. Correio da Manhã, 01/05/1921, 03/05/1921, 06/05/1921, 07/05/1921. P. 2-3

Arthur Bernardes foi classificado com os mais pesados adjetivos, sendo o *Correio da Manhã* capaz de afirmar que este político era sequer um homem.<sup>99</sup> Como pode ser visto acima, Raul Soares foi chamado de Caim Soares (uma referência ao personagem bíblico que matou Abel, o próprio irmão). Estes ataques causaram polêmica e tiveram alta repercussão.

#### 2.14 Francisco Salles



Dentro do esforço de desmoralização da figura de Arthur Bernardes realizado pela coluna dirigida ao povo mineiro aparece como figura central Francisco Salles. Este era um político que entregou-se à militância partidária a partir de 1891. Nessa época (após a Proclamação da República), exercia o cargo de juiz municipal de Lima Duarte. Abandonando o judiciário, passou a dedicar-se plenamente à política, sendo indicado para o Congresso Constituinte mineiro. No período de 1891-1895, foi eleito deputado estadual constituinte. Terminado o mandato, assumiu a Secretaria das Finanças do governo de Bias Fortes. Nesse período, acumulou um cargo na Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, substituindo Francisco Sá.<sup>100</sup>

No governo seguinte, permaneceu na Secretaria de Finanças até outubro de 1898. Ainda em 1898, foi eleito pelo Partido Republicano Mineiro (PRM) membro da Comissão Executiva que dirigia a vida política de Minas.

Em 1899, foi nomeado prefeito de Belo Horizonte, pelo então presidente do Estado, Silviano Brandão. Salles ocupou a Prefeitura entre janeiro de 1899 e setembro

<sup>99</sup>

Cf. *Correio da Manhã*, 03-05-1921. P.2.

<sup>100</sup>

[www.descubraminas.com.br](http://www.descubraminas.com.br)

do mesmo ano. Depois do seu curto mandato, foi eleito deputado federal onde fez parte da Comissão do Reconhecimento de Poderes e foi líder da Bancada Mineira.

Após a morte do presidente estadual Silviano Brandão, o nome de Francisco Salles foi indicado pelo PRM para substituí-lo. A indicação vingou, e Salles assumiu a Presidência de Minas. Logo após o mandato como presidente do Estado, Salles foi eleito senador federal: seu mandato era de 1906 a 1911. Mas em 1910, renunciou ao cargo para ser ministro da Fazenda do governo de Hermes da Fonseca. Salles retornou ao Senado Federal em 1915, cumprindo seu mandato até 1923.

Dado o exposto, podemos concluir que Francisco Salles era um dos políticos mais poderosos do estado de Minas Gerais há muitos anos. Mas, como já apontamos no primeiro capítulo, Arthur Bernardes ao assumir o governo de seu estado tratou de efetivar uma série de manobras políticas que esvaziaram de maneira significativa o poder do antigo político mineiro.

Na seção de cartas que expunha a política interna de Minas Gerais, o enfraquecimento de Francisco Salles foi apresentado como uma prova do caráter de Arthur Bernardes que seria um traidor (pois supostamente teria chegado ao governo apoiado por Francisco Salles) e um perseguidor dos seus inimigos políticos.<sup>101</sup> Isto é, os ataques de Bernardes contra o salismo foram interpretados à luz da linha moralizante do Correio da Manhã para atacar Arthur Bernardes.

Francisco Salles, por sua vez, era euforizado pelo jornal que omitia seu passado vinculado às práticas imorais da Primeira República que o Correio da Manhã tanto repudiava. Este apoio dado ao salismo representava uma maneira de enfraquecer Bernardes em Minas Gerais. Tanto que Salles estará junto com os articuladores da dissidência desde o seu início.

Salles, um político com raízes no sul, foi a principal via de penetração da oposição a Bernardes dentro de Minas Gerais. Isto explica a citação a seguir:

É natural que os mineiros apoiassem maciçamente a candidatura de seu conterrâneo. O levantamento realizado comprova que apenas 15,78% da elite mineira sustentou a candidatura oposicionista de Nilo Peçanha. (Ver quadro Número 7). O que nos chamou mais a atenção foi o fato de que o menor apoio a Bernardes partiu exatamente da região sul-mineira e o maior apoio partiu da Mata, região de origem do candidato. (Viscardi, 1999,p.35)

---

<sup>101</sup> Cf. Correio da Manhã, 01/05/1921, 03/05/1921, 06/05/1921, 07/05/1921. P. 2-3

## 2.15 Sintomas da reação: a queda de Leão Veloso e o fim do plebiscito ao povo de Minas



**Leão Veloso**

Após este intenso início de campanha contra Arthur Bernardes houve uma forte repercussão. E tal repercussão se refletiu no próprio Correio da Manhã. Vejamos este editorial do dia 15 de maio de 1921:

... Somos acusados de que ? O artigo da “notícia” desenvolve duas ordens de considerações, que dão o mesmo resultado: quer combatendo o sr. Arthur Bernardes, quer dissentindo do sr. Eptácio Pessoa, para o referido vespertino o único móvel que nos inspira é o despeito, por não havermos obtido o apoio de um e outro em favor do reconhecimento do dr. Leão Veloso.

Quanto ao presidente de Minas – vamos por ordem – o articulista não escreveria isto se tivesse memória. Sempre vimos como um espantalho e uma ignonímia a ambição vesânica que há dois anos constitui a idéia obsessiva e exclusiva do chefe do governo mineiro...

Não estava em jogo o caso politico do dr. Leão Veloso, quando desde tanto tempo pressentimos a ameaça que pairava sobre este desgraçado país com o balão de ensaio do bernardismo.

E quando a situação do nosso diretor se pôs em foco, longe de procurarmos torna-la vitoriosa á custa de transigências de exito fácil, rompemos a campanha, sem olhar interesses, fieis á antiga resolução de procurarmos evitar á nossa pátria uma desgraça tamanha.

Vejamos o que se refere ao sr. Eptácio Pessoa ... Combatentes num dia, atacando o governo pelo que nos parece digno de censuras, nada nos impede que o aplaudamos no dia seguinte, se a pratica administrativa corresponder aos pontos de vista do nosso programa...

Sobre o Dr. Leão Velloso ... nada mais desejávamos, nem desejamos, senão que a camara se integre na sua prerrogativa soberana e haja por si mesma, livre de compressões.

E, a respeito, apenas não achamos explicações para a ousadia do sr. Raul Soares exigindo do presidente a intervenção dele nos votos daquela casa do congresso, contra o nosso diretor... (Correio da Manhã,p.2,15 maio 1921)

No trecho acima o Correio da Manhã está se defendendo das acusações de um jornal adversário. O Correio da Manhã foi acusado de estar contra Arthur Bernardes e Epitácio Pessoa em função de interesses particulares.

Isto é, segundo o periódico chamado “A Notícia”, o Correio da Manhã estaria levantando uma campanha política contra o presidente de Minas Gerais e contra o presidente do Brasil como uma forma de retaliação, pois estes políticos teriam estado contra o reconhecimento de Leão Veloso na comissão de verificação de poderes.

Leão Veloso era o diretor do jornal desde a fundação do jornal em 1901. Seu nome aparecia no topo da primeira página do periódico, ao lado do nome do proprietário Edmundo Bittencourt. Era o segundo homem na hierarquia deste periódico. Sendo bastante prezado e responsável pelo jornal na ausência de Edmundo Bittencourt.

No fragmento transcrito acima, podemos ver que, mesmo realizando uma auto-defesa, o Correio da Manhã não nega as desavenças particulares por ocasião do não reconhecimento de Leão Veloso. Ao tratarmos deste episódio é bastante interessante que vejamos uma declaração de Lima Barreto, em Recordações do escrivão Isaías Caminha, acerca do poder do personagem Aires D’ávila que representava Leão Veloso:

Levantara-me muito cedo naquela manhã para ir ao jornal. Não me competia o serviço diurno naquele dia; mas o redator português chegava às dez horas e eu recebera ordem para ir ao seu encontro no cais. No jornal, o diretor é uma espécie de senhor feudal a quem todos prestam vassalagem e juramento de inteira dependência: são seus homens. As suas festas são festas do feudo a que todos têm obrigação de se associar; os seus ódios são ódios de suserano, que devem ser compartilhados por todos os vassalos, vilões ou não. A recepção do redator português era uma festa sua e ele exigia esse aparato para que tivesse uma repercussão favorável na grande colônia portuguesa. Todos tinham que ir. E se bem que simples continuo, o diretor exigia terminantemente a minha presença, para mostrar aos outros periódicos rivais que no seu não havia distinções vãs, “era uma tenda de trabalho onde mourejavam irmãos”... O diretor é um deus inacessível, caprichoso, espécie de Tupã ou de Júpiter Tonante, cujo menor gesto faz todo o jornal tremer. Para ciência dos povos, porém, aquilo é “uma tenda de trabalho onde mourejam irmãos”; e por ser assim eu tive que me levantar cedo e pedir na véspera um *par de punhos* a Dona Felismina. (Isaías Caminha, 1909, p.90)

Ao fim do mês de maio, este diretor, sem maiores justificativas, se afasta do periódico:

A bordo do Mendoza, parte hoje para europa o diretor do Correio da Manhã, dr. Leão Veloso. Substituí-o nosso velho companheiro Raymundo Silva, que já desempenhava as funções de redator chefe, que passa assim a exercer cumulativamente com as de diretor desta folha.

Raymundo Silva, jornalista experimentado, fez-se no Correio. Para aqui entrou, como tantos outros, no início de sua carreira, e dos postos mais modestos por ele ocupados sempre com brilho galgou a situação onde hoje se encontra, exclusivamente devido ao seu talento de escritor.

Homem equilibrado... poderá Raymundo Silva, estamos certos, conservar no posto que hoje assume a bela tradição do nosso querido mestre dr. Leão Veloso, cuja ausência procuramos, assim, remediar, dando-lhe como substituto aquele sem duvida que entre nós mais lhe soube assimilar as lições. (Correio da Manhã,p.2,30 maio 1921)

Raymundo Silva permanecerá como diretor do Correio da Manhã durante toda a campanha presidencial, mesmo após o retorno de Leão Veloso.<sup>102</sup> Sob nova direção o jornal realizará algumas mudanças, como veremos mais tarde.

Por ora, continuemos acompanhando as auto-defesas expostas pelo Correio da Manhã que naquele momento também estava se defendendo das polêmicas geradas pelo seu plebiscito aos mineiros. Vejamos o seguinte trecho:

Ao povo mineiro  
Francamente, quando abrimos este plebiscito, não supunhamos que fosse tamanha e tão violenta a repulsa do honrado povo mineiro contra a pessoa do sr. Arthur Bernardes, cavalheiro que a nação não conhece, e do qual pedimos notícias a quem melhor nos poderia dar – aos seus patrícios.  
As cartas contra o sr. Arthur Bernardes são tantas, que já nos entulham duas gavetas, e continuam a chegar-nos, às dezenas, diariamente. É uma verdadeira execração !  
Dessas cartas, raras são as que não trazem assinatura.  
Se alguém houver que ponha em duvida a nossa palavra ou a lisura do nosso proceder, pode vir a esta redação examinar os originais e até os envelopes, com o carimbo por onde se pode verificar a procedência delas. Não são cartas forjadas por nós, nem é uma difamação anônima, como pretende fazer crer o sr. Arthur Bernardes.  
Sua excelência sabe perfeitamente que essas cartas são absolutamente verdadeiras e autênticas. A prova temos nós, na desesperada raiva com que nos está mandando descompor pela imprensa mercenária, a que alias ninguém liga a mínima importância, e, principalmente, nos passos apressados que a criadagem, mandada pelo sr. Raul Soares, tem dado para precipitar em seu favor, as manifestações das oligarquias medrosas.  
Porque está vendo que a nobre e altiva terra mineira e a população da capital federal, em peso, começam a agitar-se para se congregarem em torno do conselheiro Ruy Barbosa e do marechal Hermes da Fonseca, os ídolos do povo e do exercito, para desafrontar a honra e o brio da nossa pátria, que não pode, que não se deve deixar afogar no pacto de infâmia da candidatura Bernardes... (Correio da Manhã,p.2,23 maio 1921)

A seguir vejamos este:

Tem sido taxada de anônima a carta , que um oficial superior do exercito nos enviou de Minas, em absoluto desacordo com a candidatura do sr. Arthur Bernardes. Ao que informa um telegrama de Belo Horizonte, foi aberto um inquérito na guarnição de São João Del Rey, e como nenhum dos seus oficiais confessasse que havia escrito a referida carta, dai se conclui que ela é apócrifa.  
Não seríamos nós os que aconselhássemos o nosso missivista a expor-se as iras do sr. Bernardes. Esse trataria desde já de o perseguir, por intermédio do sr. Calógeras.  
Fez o oficial muito bem em não se expor. Mas, para provar que não se inventam as cartas que nos vêm de Minas, damos fotografia do envelope, em que se continha a do aludido oficial.

<sup>102</sup>

Cf. Correio da Manhã, 08/07/1922.P.1



Podíamos dar a fotografia da própria carta. O público, porém se contentará com a prova abaixo, onde se lê o endereço dirigido ao nosso diretor, dr. Leão Velloso, e o nome do batalhão, a que pertence o referido oficial.  
Falta-lhe apenas a letra S do registro – S.N, dos envelopes usados no exercito e em outros ramos da administração publica da união. Eis a fotografia: ... (Correio da Manhã,p.2,18 maio 1921)

No fragmento do dia 23 de maio, o Correio da Manhã tenta criar um clima de opinião favorável ao “plebiscito” que realizou com o povo de Minas quando declara que este foi um sucesso. Além disso, podemos ver que a polêmica das cartas falsas teve precedentes, isto é, as cartas apresentadas na coluna dedicada ao povo mineiro estavam sendo acusadas de falsidade.

O Correio da Manhã, na ânsia por apresentá-las como verdadeiras convidou o público para visitar a sua redação e analisá-las pessoalmente. Com tamanha demonstração de confiança e com a força dos testemunhos o jornal esperava afastar qualquer suspeita.

O Correio da Manhã também tentou se defender das críticas que estaria sofrendo dos órgãos de imprensa adversários alternando entre tentativas de se vitimizar e alegações de que tais críticas seriam fruto apenas de uma retaliação contra o seu não-alinhamento à candidatura Bernardes.

A campanha do Correio da Manhã foi bastante combatida pela imprensa. No dia 21 de maio de 1921, por exemplo, o jornal do comércio publicou diversas cartas de leitores que criticavam abertamente a campanha promovida pelo Correio da Manhã.

Quanto ao fragmento do dia 18 de maio, o Correio da Manhã recorre a recursos tecnológicos que não são muito utilizados no dia a dia. Estamos nos referindo ao uso da fotografia.

Embora não a tenhamos exposto no presente trabalho, o Correio da Manhã expôs uma fotografia após a argumentação que transcrevemos. Esta fotografia seria de uma carta que estaria sendo acusada de falsa.

A esta foto o Correio da Manhã atribuiu um caráter de prova. Prova que serviria para contestar os argumentos adversários. É a primeira vez que o Correio da Manhã usa nesta campanha uma fotografia com este fim, mas certamente não será a última.

Aproveitando a ocasião, não podemos deixar de comentar que esta carta aludida no documento se refere ao depoimento de um membro do exército, instituição cujo apoio o Correio da Manhã anseia arduamente por conquistar.

Ainda acerca das repercussões e auto-defesas, vejamos mais um fragmento:

... o centro acadêmico, da escola de medicina, convidado pelo centro da escola de engenharia para aderir á manifestação projectada ao sr. Arthur Bernardes, nem sequer tomou conhecimento do convite.

O centro da faculdade de direito, em reunião concorridíssima, ontem realizada, recusou terminantemente o seu apoio a referida manifestação.... as votações foram nominais, acompanhadas de justificações que bem traduziram estar a mocidade estudiosa contra a combinação Bernardes.(Correio da Manhã,15-05-1921,p.2)

No fragmento acima o Correio da Manhã tenta demonstrar que uma manifestação pró-Bernardes fracassou. Cabe enfatizar que esta manifestação tinha o propósito de ser em desagravo contra a campanha negativa que este candidato estava sofrendo<sup>103</sup>.

O Correio da Manhã tenta desqualificar esta manifestação motivado em grande parte por um objetivo de auto-defesa. E o importante ao percebermos estas auto-defesas, é notarmos que por intermédio do próprio periódico podemos perceber alguns rastros das reações por ele provocadas. E através destes rastros podemos observar quais reações atingiram, de alguma forma, este jornal. Assim podemos analisar melhor as modificações operadas na sua estratégia.

Diante das inúmeras reações ocorridas desde o dia 15 de maio de 1921, o caso da troca do diretor Leão Veloso configurou um golpe razoável e também uma derrota com consequências diretas sobre a campanha. De tal forma que, 13 dias após a posse de Raymundo Silva, o Correio da Manhã publicou uma pequena nota alegando que em função da falta de espaço a seção do jornal dedicada a expor as cartas provenientes do estado de Minas Gerais seria encerrada.<sup>104</sup> Com o fim da seção mais polêmica do jornal atenuaram-se as reações. Mas a posse de Raymundo Silva não significou uma trégua a Arthur Bernardes. A campanha continuou intensa.

## 2.16 Junho de 1921

### 2.16.1 Candidaturas alternativas

<sup>103</sup> Cf. Correio da Manhã, 15-05-1921. P.2

<sup>104</sup> Cf. Correio da Manhã, 13/06/1921.P.2

O Correio da Manhã sempre manifestou uma certa preferência pelo nome de Ruy Barbosa, embora não tenha chegado efetuar nenhuma campanha para que este lançasse candidatura. Como exemplo disto vejamos o seguinte fragmento:

Candidatura Ruy-Hermes

... se se confirmar a noticia de que o Rio Grande do Sul cogita do conselheiro Ruy Barbosa e do marechal Hermes para a presidência e a vice-presidência da republica, nenhuma finalidade mais digna da atitude vigorosa e altamente republicana, que assumiu o sr. Borges de Medeiros em face da apresentação imoral do nome do sr. Arthur Bernardes , tramada na sombra pelos interesses de poucos politiqueros de Minas.

Não vivemos na intimidade do conselheiro Ruy Barbosa, nem do marechal Hermes. Mas temos a certeza de que dois homens da suas responsabilidades perante a nação e as forças armadas constituiriam o bastante , uma vez integrados no poder e cada qual na sua esfera de ação, para proporcionar ao País o que ele mais necessita atualmente: resistência econômica e financeira e poder militar..." (Correio da Manhã,p.2,02 jun.1921)

O nome de Ruy Barbosa, entretanto, estava sem apoio nos meios políticos. Enquanto isso, o Marechal Hermes da Fonseca estava em evidência desde abril<sup>105</sup>. Por isso o Correio da Manhã colocou cada vez mais o seu foco no marechal Hermes. Vejamos o seguinte fragmento:

Realizou-se, ontem, o banquete oferecido pelo marechal Hermes as forças armadas ... tudo isso corrobora a opinião do Correio da Manhã. Nem só o nobre povo mineiro, em virtude de uma experiência amarga, repele o cambalacho dos políticos em relação ao sr. Arthur Bernardes.

A capital federal, fiel à sua tradição de independência e de civismo, que fez do Rio de Janeiro o berço da Republica, acompanha o movimento da nação, e é a primeira a lutar por uma candidatura que enobreça e que saiba engrandecer o Brasil...

Conforme estava anunciado, realizou-se ontem, á noite , a praça Floriano Peixoto... o comício popular promovido pela união dos operários municipais e o comitê pró-Hermes. A assistência, genuinamente popular foi numerosa... (Correio da Manhã,p.1,03 jun.1921)

O fragmento acima é proveniente do dia 03 de junho de 1921. Neste dia o Correio da Manhã deu ampla cobertura para o Marechal Hermes da Fonseca. Este já havia sido eleito para a presidência do clube militar e estava promovendo um jantar para as forças armadas. Naquele mesmo dia, nos arredores, ocorreu um comício pró-Hermes da Fonseca onde se defendeu o lançamento da sua candidatura, o que foi apoiado pelo Correio da Manhã.

Entretanto, neste momento em que a idéia de uma candidatura Hermes da Fonseca está começando a se fortalecer ocorrem dois acontecimentos decisivos: a volta

<sup>105</sup>

Cf. Correio da Manhã, 28/04/1921. P.2.

de Nilo Peçanha e o acirramento da disputa pela vaga de vice-presidente o que subitamente tira o nome de Hermes da Fonseca do foco das atenções.

### 2.17 A disputa pela vice-presidência

A disputa pela vice-presidência foi, para muitos dos contemporâneos, o principal motivo que levou as oligarquias a se confrontarem. Inclusive a historiografia sustentou por muito tempo esta hipótese.<sup>106</sup>

Este pensamento levou a campanha a ser considerada como um tema de menor importância durante muitos anos. Como já salientamos anteriormente, julgou-se que a campanha política teria sido fruto apenas de interesses privados e mesquinhos.

Apesar disso, não podemos deixar de inferir que a importância atribuída ao desentendimento em torno da candidatura de vice-presidente nos permite entrever o impacto deste naquela época.

Observando as cartas do arquivo Nilo Peçanha e a imprensa periódica (tanto a pró-dissidência e anti-dissidência), podemos perceber a onipresença daquele assunto durante o mês de junho. Para o *Correio da Manhã*, carro-chefe da campanha periódica anti-Arthur Bernardes, este episódio representou mais uma oportunidade de ataque.

Vejamos a seguir três fragmentos:

No mundo político: A vice-presidência

A fraqueza da combinação Bernardes acha-se bem patenteada no dissídio que provocou a escolha do candidato a vice-presidente. Esse dissídio já é, de tal ordem, que o que se acha em jogo, pode-se dizer, não é mais nem o nome do sr. Seabra, nem o do sr. José Bezerra, mas a própria sorte da combinação. Todo mundo já percebeu a deslealdade dos políticos mineiros, quando trataram de impor o seu candidato á presidência da república.

Eles sabiam que o sr. Eptácio Pessoa, pela sua situação, criar-lhes sérios embaraços; sabiam ainda que o presidente da republica não o admitiria o sucesso de nenhuma fórmula política em que não fosse contemplado o nome de um representante do norte; não ignoravam ainda que o nome em torno do qual a simpatia do chefe da nação mais se acentuava era o do sr. José Bezerra. Nestas condições que fizeram ?

Trataram em primeiro lugar de assentarem o seu candidato, fazendo crer ao sr. Eptácio Pessoa que o indicado para a vice-presidência seria do norte. Nas entrelinhas ficara assentada a candidatura Bezerra. Mas, de caso pensado, já os mineiros preparavam um golpe contra o presidente da Republica.

Quando acabou de chegar a adesão do ultimo estado ao nome do sr. Bernardes, os empreiteiros da candidatura deste, disseram aos bahianos que lançassem o sr. Seabra para atrapalhar a apresentação pacifica do sr. Bezerra. E assim se fez. De sorte que, com o aparente antagonismo destas duas indicações, se armou uma verdadeira

<sup>106</sup>

FERREIRA, Marieta de Moraes. Op. Cit. P.37.

chantagem contra o sr. Epitácio Pessoa. Dado o bote, foram os mineiros, acompanhados pelos paulistas dizer, com ares ingênuos, ao presidente da República que escolhesse entre os dois pleiteantes, quando na verdade a combinação Bernardes só se justificava, aos olhos dos politiquinhos, pela desnecessidade, que tornava evidente, de se travar um pleito...

E é esta a situação real do caso. O sr. Epitácio Pessoa, informaram-nos, acha que os próprios empreiteiros do sr. Bernardes é que se devem pronunciar sobre o companheiro de chapa do candidato a presidência, e nesta ordem de idéias, espera naturalmente que sejam mantidas as promessas anteriores... (Correio da Manhã,p.2,30 maio 1921)

### Eis o segundo fragmento:

As dificuldades oriundas da apresentação do candidato à vice-presidência da República tomaram de há dois dias a esta parte o caráter de verdadeira ameaça a própria combinação Bernardes...

Este só quis garantir o sucesso do seu nome. O apoio dos governadores a sua candidatura foi arrancado com a promessa, feita por portas e travessas a cada um deles, de que teriam a solidariedade de Minas no caso da vice-presidência... Na hora, porém, do ajuste de contas, os mineiros negaceiam ...

Há, entretanto, em causa alguém que não pode suportar a desconsideração assim infligida pelos representantes do Bernardismo: é o sr. Epitácio Pessoa, notoriamente partidário da indicação de um nome do norte para a vice-presidência.

E é o norte que os mineiros tentam enxovalhar, tramando uma cisão entre os dois maiores estados nortistas, aqueles precisamente donde poderia sair o nome almejado pelo sr. Epitácio...

Certo, o sr. Epitácio Pessoa não tem senão o que mereceu, pela docilidade com que ajudou a aventura Bernardista...(Correio da Manhã,p.2,01 jun. 1921)

### E por fim:

#### A vice-presidência

Esteve ontem na câmara o sr. Afonso Penna Junior. Fora ajeitar os políticos a propósito da vice-presidência, por ordem do sr. Arthur Bernardes, que o enviou a esta capital, porque em tal sentido recebera uma carta do senador Azeredo.

O sr. Afonso Penna Junior vai se desempenhando da incumbência com um poder de, que bem demonstra a natureza do conluio do palácio da liberdade. Aos bahianos diz que Minas ampara o sr. Seabra, aos pernambucanos hipoteca o apoio da mesma Minas para o sr. José Bezerra.

Em tudo isso, vem sempre á tona o nome do sr. Epitácio Pessoa, cuja atitude neste caso tem sido apenas deplorável. Diz-se que ele quer o sr. Bezerra. A sua conduta demonstra o contrario, visto como lhe aparenta apoio, á proporção que hostiliza o sr. Seabra, para ver se desta confusão surge a necessidade de um terceiro.

E esse terceiro do seu peito é o sr. Ferreira Chaves. Isto não causa surpresa a ninguém. Apenas o sr. Tavares de Lyra ainda tem influencia nos meios políticos, e vem se opondo com todas as forças a que o sr. Chaves seja levado a convenção do dia 8.

Nessa altura o sr. Epitácio Pessoa já tem outro nome para a vice-presidência: é o sr. Alfredo Pinto. Como se vê, o caso vai se complicando cada vez mais, determinando atitudes por parte das bancadas da Bahia e de Pernambuco. Quanto a esta, não sabemos ainda o que poderá deliberar, se o sr. José Bezerra não for contemplado na chapa. Quanto aos bahianos, porém, somos informados de que estão dispostos a ir ás ultimas conseqüências, se o sr. Seabra não figurar ao lado do sr. Bernardes.

Que sairá de tudo isso ? (Correio da Manhã,p.2,04 jun. 1921)

Enquanto ocorreu o confronto pela vice-presidência, o Correio da Manhã elaborou algumas versões diferenciadas. Tanto é que, se compararmos o primeiro

fragmento (30-05) com o terceiro(04-06), podemos perceber que no primeiro Epitácio Pessoa é apresentado como que desejando a vaga de vice-presidente para José Bezerra, enquanto no terceiro o Correio da Manhã o acusa de querer a candidatura Ferreira Chaves. Apesar dessas variações, podemos distinguir a repetição de algumas táticas.

Uma dessas táticas foi a repetição do discurso que afirmava que os políticos mineiros teriam realizado um jogo duplo diante da disputa entre o estado da Bahia e o estado de Pernambuco.

Isto é, segundo o Correio da Manhã, Arthur Bernardes teria prometido junto a políticos pernambucanos e a Epitácio Pessoa o cargo de vice-presidente para José Bezerra. Entretanto, às escondidas, teriam estimulado o lançamento da candidatura de J.J.Seabra. Baseado nesta acusação de jogo-duplo, o Correio da Manhã classifica a candidatura de Arthur Bernardes com os mais pesados adjetivos. Assim o Correio da Manhã tenta associar a idéia de deslealdade, desconfiança e chantagem à candidatura de Arthur Bernardes.

Outra tática utilizada no caso da disputa pela vice-presidência foi a tentativa de fazer parecer que a própria candidatura de Arthur Bernardes poderia ser comprometida. Como exemplo disto temos o primeiro e o segundo fragmentos(30-05 e 01-06).

Em ambos o Correio da Manhã declarou claramente que a candidatura de Arthur Bernardes estava ameaçada. Lembremos que o Correio da Manhã já havia manifestado anteriormente o intuito de demonstrar uma suposta fraqueza da candidatura de Arthur Bernardes. Desta forma o Correio da Manhã tentava reverter o favoritismo de Arthur Bernardes, elaborando um clima de opinião desfavorável para este.

O Correio da Manhã insinuava ameaças a candidatura de Arthur Bernardes sob duas formas. Uma ameaça viria da insatisfação de Epitácio Pessoa com o modo pelo qual o caso do cargo de vice estaria sendo conduzido.

Como já dissemos na seção deste capítulo que dedicamos a Epitácio Pessoa, a rejeição do presidente a Arthur Bernardes vinha sendo apontada como um possível golpe mortal na candidatura deste. Isto porque, segundo o Correio da Manhã, os estados do nordeste abandonariam Arthur Bernardes junto com o presidente.

A segunda forma de ameaça a candidatura de Arthur Bernardes, veiculada pelo Correio da Manhã, viria dos próprios estados envolvidos na batalha pela vice-

presidência. A Bahia estaria propensa a abandonar Bernardes, enquanto a reação de Pernambuco ainda seria um enigma.

O Correio da Manhã deu ampla cobertura ao caso. Insistiu que a situação se complicava cada vez mais. Quando não havia notícias novas sobre o caso, eram publicados editais onde o jornal expressava a sua opinião ao mesmo tempo que relembra a trajetória do conflito. Ou seja, houve um esforço para manter o tema vivo na consciência dos leitores. E em paralelo a este episódio chega ao País Nilo Peçanha.

### **2.18 Pressão sobre Nilo Peçanha**

Nilo Peçanha retornou da Europa no dia 06 de junho de 1921. O seu retorno estava sendo muito aguardado, tanto que chegou a ser solicitado um adiamento da convenção para que Nilo Peçanha pudesse estar presente.<sup>107</sup>

No dia anterior ao retorno de Nilo Peçanha, dia 05 de junho, o Correio da Manhã publicou uma carta deste político datada de 1913, onde Nilo expressava seus pensamentos acerca de como deveria ser encaminhada a questão da sucessão presidencial na república brasileira.<sup>108</sup>

Nesta carta Nilo Peçanha declarava que as convenções deveriam ser abertas e democráticas, representando verdadeiramente o pensamento do País. O propósito do Correio da Manhã ao publicá-la, era constranger Nilo Peçanha caso este pensasse em apoiar Arthur Bernardes. Àquela altura ainda não se sabia qual seria a posição de Nilo Peçanha frente à sucessão presidencial.

Ao chegar, Nilo Peçanha recebeu grande divulgação na imprensa nacional. Entretanto permanecia um enigma. O próprio Correio da Manhã enunciou de forma clara não saber qual seria o posicionamento de Nilo.<sup>109</sup>

Eis que no dia seguinte fica decidida a escolha de um “tertius” para o cargo de vice-presidente. Tanto o estado da Bahia quanto o estado de Pernambuco abandonam imediatamente a candidatura de Arthur Bernardes. O Rio de Janeiro, porém, ainda não se define. E o Correio da Manhã continua a pressionar:

---

<sup>107</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. Op.Cit. P. 45

<sup>108</sup> Cf. Correio da Manhã, 05/06/1921.P.2

<sup>109</sup> Conferir Correio da Manhã, 06/06/ 1921, P.2

... assim, tudo denuncia que, afastado o Rio Grande do Sul da convenção; repelindo-a a Bahia e Pernambuco, a opinião nacional é que triunfa, acabando por se impor, por derrocar esta vasta conspiração de interesses camarários, esteada nas consciências de lama que o sr. Arthur Bernardes enviou ao congresso e nos homens de negocio de São Paulo, tornado seus cúmplices.

É a certeza da derrota que os leva apelar agora tendo a frente o presidente da Republica, para o sr. Nilo Peçanha. Mas o sr. Nilo chega ao País justo no momento em que as correntes nacionais alheias à política profissional, combatem o sr. Arthur Bernardes.

Mal toma conhecimento da situação, inteirando-se de que o Rio Grande do Sul condenara a combinação organizada pelo sr. Raul Soares , vê a Bahia e Pernambuco dela desertarem , magoados pela desconsideração que lhes foi atirada em plena face. Será crível que ele se deixe arrastar nessa aventura, comprometendo o estado do Rio perante o País ?

Demais, quaisquer que fossem os compromissos por ele assumidos há um ano, como dizem, perante o sr. Arthur Bernardes , os termos da carta que dirigiu em agosto de 1913 á convenção homologadora da escolha do sr. Wenceslau Braz, carta que publicamos no dia da sua chegada, o colocam num dilema que se pode estabelecer nestes termos.

Ou renuncia ao seu passado, afirmado sobretudo nas ultimas crises presidenciais, ou inutiliza a sua popularidade, demonstrando ainda mais que é um político que involui, ao invés de evoluir com a nação e o aperfeiçoamento das instituições democráticas.

Não nos inclinamos a optar por esta hipótese, por julgarmos que o sr. Nilo Peçanha não se disporá por certo a malbaratar o seu prestígio atual e a desmoralizar, enlameando-o, o partido de que é chefe no estado do Rio. Em todo o caso, os fatos vão seguindo a sua marcha natural, e não a que lhes procuram ditar os políticos mineiros, de parceriada com o sr. Epitácio Pessoa... (Correio da Manhã,p.2,07 jun.1921)

A carta de 1913 continua a ser citada. Nilo Peçanha não se define contra Bernardes, mas, pelo contrário, passa a pregar uma conciliação entre os estados. No dia 08 de junho ocorre a convenção. O Rio Grande do Sul, a Bahia, Pernambuco e o Rio de Janeiro não comparecem. Nilo Peçanha alega, entretanto, que sua ausência se deveria a uma questão de princípios, não representando uma escolha entre as correntes em atrito.

Por volta do dia 11 de junho a imprensa já começa a citar que uma candidatura de Nilo Peçanha estaria sendo cogitada pelos dissidentes.<sup>110</sup> Porém este candidato mantém-se indefinido. Tanto que no dia 12 de junho o Correio da Manhã chega a criticá-lo:

... O que há a censurar no sr. Nilo Peçanha é a atitude tergiversativa, em que se mantem , não contentando a nenhuma das correntes que se enfrentam neste instante de bem amargas apreensões para a república, quando o que dele se espera é manifestação formal de apoio as exigências da opinião.

De qualquer forma, o essencial é que o sr. Nilo se defina sem rebuços, até mesmo para que a nação possa saber com quem conta nesta conjuntura, em que estão em jogo os seus destinos. (Correio da Manhã,p.2,12 jun.1921)

---

<sup>110</sup>

Cf Correio da Manhã, A Noite, O Imparcial nos dias 11/06/1921 e 12/06/1921. P.1-2



Desde a volta de Nilo Peçanha que o nome do Marechal Hermes da Fonseca fica colocado à sombra. O retorno de Nilo Peçanha da Europa, as suas conferências com Eptácio Pessoa, com os políticos do Rio Grande do Sul, com Francisco Salles (adversário de Bernardes em Minas), com partidários de Arthur Bernardes, tudo isso foi notícia. E no dia 14 de junho surgiu uma definição.

### **2.19 A candidatura Nilo Peçanha**

Nilo Peçanha declara que aceita ser o candidato da dissidência. Entretanto a sua aceitação não chega a ser definitiva. É proposta uma fórmula de conciliação. Ele e Arthur Bernardes abririam mão das suas candidaturas em favor de um tertius.

No dia 16 de junho, após confirmar que teriam o apoio de São Paulo, os mineiros tornam público a recusa da desistência por parte de Arthur Bernardes. Então fica estabelecida a candidatura de Nilo Peçanha, que nas próximas semanas viria a se organizar e consolidar.<sup>111</sup>

### **2.20 Conclusão**

Para finalizarmos este capítulo, faremos uma pequena síntese onde procuraremos correlacionar o material analisado com as nossas hipóteses. Ao longo do nosso estudo pudemos concluir que o Correio da Manhã elaborou de fato uma estratégia bem coordenada contra Arthur Bernardes desde fins de abril até meados de junho. Uma estratégia cujas táticas variaram, razoavelmente, de acordo com o contexto. Presenciamos o nascimento da campanha anti-Arthur Bernardes e finalizamos a nossa exposição na ocasião da formação da chapa da Reação Republicana. Encerramos a nossa análise com o nascimento da Reação Republicana visto que a partir deste momento a campanha presidencial entrará num outro contexto levando o jornal a mudanças na sua linha de atuação.

Portanto, percebemos neste capítulo, principalmente as diretrizes iniciais da campanha anti-Bernardes e o estímulo para a formação de candidaturas alternativas.

---

<sup>111</sup> Cf. Arquivo Nilo Peçanha, cartas de junho de 1921.

Com absoluto predomínio da linha anti-Bernardes, pois o espaço dedicado a ao estímulo de candidaturas opositoras foi nitidamente muito inferior.

Devemos lembrar que quando a candidatura de Arthur Bernardes estava sendo lançada, em abril de 1921, o Correio da Manhã não a rejeitou de imediato. Somente após perceber que o Rio Grande do Sul havia lhe negado apoio é que o Correio da Manhã lançou a sua estridente campanha. O Correio da Manhã louvou muito a atitude de Borges de Medeiros afirmando a importância da sua rejeição. Alias, o Correio da Manhã louvou não somente a atitude como também o próprio Borges de Medeiros. Inaugurando, desta forma, a sua tática de elevar aos céus aqueles que fossem aliados da sua causa e atacar com todas as forças aqueles que estivessem com Arthur Bernardes. Até Francisco Salles foi exaltado pelo Correio da Manhã.

Neste sentido também é interessante o caso de Paulo de Frontin. Este passou a ser execrado pelo Correio da Manhã após ter discursado a favor de Bernardes durante a Convenção. Antes, era um nome apontado nas cartas enviadas pelos leitores, e publicadas pelo jornal, como um possível candidato a presidência.<sup>112</sup>

Tendo iniciado a sua campanha, o Correio da Manhã alegou que Arthur Bernardes era desconhecido pelo País e abriu espaço para um plebiscito ao povo de Minas Gerais. Neste espaço, supostamente haveria a oportunidade de se conhecer Arthur Bernardes. Entretanto o que pode ser visto foram apenas ataques e denúncias. Nenhuma carta que ressaltasse aspectos positivos de Arthur Bernardes foi publicada. Este espaço foi utilizado como uma forma de atacar Bernardes com a autoridade dos testemunhos. E, pelo menos nesses meses iniciais de campanha, pudemos confirmar mais uma hipótese: a de que o Correio da Manhã, confirmando-se como um veículo que representando as camadas urbanas expressava a vontade de regeneração moral da República, atacando Bernardes com um forte viés moralizante ao acusá-lo de corrupto que suborna a imprensa, traidor de antigos aliados e chantagista que recorre ao peso da bancada de Minas Gerais para obter o apoio dos políticos de outros estados.

Além deste espaço, o Correio da Manhã publicou inúmeros editais e notícias ao realizar a cobertura dos acontecimentos relativos à campanha. Analisando os discursos emitidos destacamos aqueles que continham as principais diretrizes do jornal para assim

---

<sup>112</sup> Cf. Correio da Manhã, 11-05-1921; 15-05-1921; 19-05-1921. P.2-3.

podemos concluir a respeito da existência de uma estratégia cujas principais características são:

- isolar e desmoralizar Arthur Bernardes estimulando o surgimento de candidaturas alternativas.
- Incompatibilizar Bernardes com políticos importantes como Epiácio Pessoa e marechal Hermes da Fonseca. Desta forma se obtinha o seu enfraquecimento.
- Rebater os discursos pró-Bernardes.
- Associar a candidatura do mineiro com a crise econômica
- Atrair o apoio do exército.
- Impulsionar a idéia golpista e incentivar o desenvolvimento de atritos no seio da candidatura Bernardes.

No caso de estímulo à idéia de golpe podemos perceber um vínculo com as tentativas de conquista do apoio do exército. Afinal de contas, um golpe possivelmente deveria contar com o endosso do exército. E no que diz respeito a conquista do apoio do exército, apontamos as constantes tentativas de opor Arthur Bernardes ao Marechal Hermes da Fonseca.

Quanto à tática utilizada pelo Correio da Manhã no que diz respeito à Epiácio Pessoa, esta permaneceu ambígua durante um primeiro momento. Isto porque apesar de associar Arthur Bernardes e Epiácio Pessoa quando tratava da política governamental para com o exército, o Correio da Manhã continuou efetuando dissociações entre ambos na esperança de que o presidente abandonasse a candidatura de Arthur Bernardes.

No caso da vice-presidência, por exemplo, o Correio da Manhã apresenta Bernardes enganando Epiácio Pessoa, o que seria, segundo o próprio jornal, um motivo para rompimento. Entretanto, a ambigüidade é menor ao entrarmos no mês de junho, pois Epiácio Pessoa deixa de ser apresentado como um político honesto e firme que se opõe a Bernardes (como acontecia no mês de maio). Pelo contrário, o Correio da Manhã chega a comentar que ele mereceu ser enganado por Bernardes no episódio da disputa pela vice-presidência, o que difere muito da linha adotada pelo jornal no dia primeiro de maio quando Epiácio é apresentado como sendo o oposto de Bernardes (água e vinho).

Por fim, a nossa hipótese de que o Correio da Manhã se inseriu na luta contra a hegemonia de São Paulo e Minas Gerais se apresentou verdadeira embora de maneira

velada neste primeiro momento. Sendo apenas mais evidente nas vezes que o Correio da Manhã pregou por meios mais democráticos para a escolha do candidato à presidência da República e quando o jornal criticou em reiteradas situações a chantagem que teria ocorrido na comissão de verificação de poderes.

Veremos a seguir a atuação do Correio da Manhã durante os meses de junho(a partir do dia 16), julho, agosto e setembro. É um período intenso, que contará com a novidade de uma divisão das atenções entre atacar Arthur Bernardes e promover a Reação Republicana.

### **3 O CORREIO DA MANHÃ E A SUA DUPLA CAMPANHA: ANTI-BERNARDES E PRÓ-REAÇÃO REPUBLICANA**

#### **3.1 Contexto**

Ao entrarmos em meados de junho, a campanha presidencial entra num novo contexto, isto porque surge uma chapa de oposição a candidatura de Arthur Bernardes. Uma chapa que reunia os estados do Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro.

Este fato mudava o cenário político, pois os adversários da candidatura de Arthur Bernardes passaram a ter uma nova perspectiva de atuação, não ficando mais limitados a atacar a candidatura mineira.

O estabelecimento desta nova chapa também cria uma série de expectativas. Como seria a participação desta oposição no congresso? Qual será o programa político da Reação Republicana? Como será o relacionamento entre o Correio da Manhã e a Reação? Haverá mais abandonos na base Bernardista?

Nasce uma atmosfera de esperança para os opositores de Bernardes. Ao mesmo tempo se inicia um período de incertezas acerca do que seria aquele novo bloco político. A candidatura Bernardes se mantém e não ouve os apelos de Nilo Peçanha por uma candidatura de consenso.

Isto vai despertar ainda mais fúria no Correio da Manhã, pois a insistência de Bernardes diante do desprendimento de Nilo Peçanha vai ser interpretada pelo periódico como um sinal da intransigência do mineiro que estaria buscando a presidência motivado pela ambição.<sup>113</sup>

Para o Correio da Manhã, somente uma ambição e egoísmo extraordinários poderiam levar alguém a lutar por uma candidatura a presidência num momento de crise econômica como aquele.

Tal atitude será, inclusive, comparada com a postura de Ruy Barbosa que julgava que uma candidatura somente poderia surgir e se estabelecer se fosse amparada pela opinião nacional. Em outras palavras, numa democracia seria inadequado que alguém fosse “candidato de si mesmo”.<sup>114</sup>

O Correio da Manhã que chegara a fazer restrições à postura de Nilo Peçanha, que chegou a ser apontada como sinal de incertezas, passou a louvá-lo rapidamente quando este assumiu uma posição contrária a Arthur Bernardes.<sup>115</sup>

E isso não é tudo. O Correio da Manhã passou a interpretar a postura de Nilo Peçanha como um sinal de patriotismo e da falta de ambição de um político que assumiu uma candidatura por motivações mais nobres como defender o País da combinação Bernardes. Nilo seria o candidato da opinião pública, o candidato da nação, enquanto Bernardes seria o candidato do conchavo.<sup>116</sup>

Ao realizarmos o nosso estudo acerca deste novo momento da campanha, que vai de junho de 1921 até setembro, procuramos observar especialmente: se houve uma estratégia específica elaborada pelo jornal ou se foram feitos apenas ataques e elogios a esmo, se o Correio da Manhã manteve a sua linha moralizadora esboçada nos primeiros meses de campanha, qual a relação do jornal com a idéia de golpe e qual foi a sua postura diante da hegemonia de São Paulo e Minas Gerais no âmbito federal.

---

113 Cf. Correio da Manhã, 18/06/1921, P. 2.

114 Cf. Correio da Manhã, 28/06/1921, P.2 e 01/07/1921, P.2

115 Cf. Correio da Manhã 12/06/1921, P.2 e 26/06/1921, P.2.

116 Cf. Correio da Manhã 26/06/1921. P.2.

### 3.2 A idéia de Golpe

Como vimos no nosso segundo capítulo, logo nos primeiros meses da campanha, o Correio da Manhã utilizou a idéia de golpe, demonstrando a existência de uma forte descrença numa solução democrática para enfrentar a candidatura Bernardes. Entretanto, tal atitude poderia ser interpretada de mais de uma forma.

Em primeiro lugar, pode ser vista como um sinal da influência ou simpatia pela candidatura do marechal Hermes da Fonseca. Em segundo lugar, também pode ser visto como um sinal de desespero diante da falta de alternativas plausíveis contra o mineiro.

É por isso que será significativo que observemos qual será a postura do Correio da Manhã neste novo contexto. Assim poderemos medir a profundidade da sua crença ou descrença no regime político.

Ao analisar os exemplares do jornal que vão desde a formação da Reação Republicana até o final de setembro de 1921, pode-se perceber que o Correio da Manhã passou a demonstrar mais fé numa solução democrática, embora tivesse simpatia pela idéia de um golpe e buscasse aproximação com exército.<sup>117</sup>

Apesar de defender soluções extremas, o jornal julga que as mesmas ainda não são necessárias. Vejamos este exemplo a título de ilustração:

... Algum dia, entretanto, virá a reação. Antes que ela se manifeste por uma forma violenta, mas inevitável se os negócios do País continuarem a bater pelo mesmo diapasão, deve-se apelar para todas as soluções. Na vida de uma nação, como na de um indivíduo, chega um momento em que se justificam as medidas extremas. É forçoso confessar que este não é, ainda, o caso do Brasil. O divórcio entre a opinião publica e a orientação do governo dificilmente poderia ser mais completo do que atualmente ...(Correio da Manhã,p.2,11 jul.1921)

Esta esperança renovada numa solução eleitoral não deixa de demonstrar que o jornal não abdicou da idéia de um golpe. Afinal de contas, veja como o alistamento é tratado :

... Vemos que apesar das imensas desgraças cuja constância viemos sofrendo e pretendem culminar agora, e contra as quais os comícios, os clamores, as explosões se repetem de quando em quando, aqui mesmo, numa população de um milhão e quinhentas mil almas, o eleitorado não excede a sessenta mil. Que se cuide em tempo do alistamento. É a primeira arma a que todos devemos recorrer na luta empreendida.(Correio da Manhã,p.2,06 ago.1921)

<sup>117</sup>

Cf. Correio da Manhã 11/07/1921. P.2 e 06/08/1921. P.2.

O alistamento é tratado como sendo apenas a primeira arma. Quais seriam as outras ? Neste período, o Correio da Manhã manterá este vocabulário belicoso. Mas seria isto apenas um resquício da anterior aproximação feita com os militares que em pouco tempo daria lugar a uma forte crença numa solução democrática ou apenas um momentâneo recuo da idéia golpista diante de uma recém estabelecida chapa eleitoral ? Isto é, qual será a verdadeira relação do Correio da Manhã com a idéia de golpe?

### 3.3 Aproximação com o Exército

Neste aspecto, o Correio da Manhã se manteve fiel a sua linha de aproximação. Declarações agradáveis a classe eram frequentemente veiculadas. Em julho de 1921, por exemplo, o ministro da guerra Pandiá Calógeras estava pleiteando uma vaga na academia brasileira de letras.

Nessa ocasião, o Correio da Manhã publicou diversas notas onde ao mesmo tempo em que combatia a sua candidatura criticava a sua postura para com o exército. Atacar Calógeras, era um meio de conquistar a simpatia militar.<sup>118</sup>

Seguindo esta linha, as festas no clube militar foram intensamente elogiadas e descritas. E, como era de se esperar, artigos explicando que Hermes da Fonseca não aderiu a candidatura de Arthur Bernardes continuaram sendo veiculados.<sup>119</sup>

A este quadro, foi acrescentada ainda uma nova tática: o denunciamento. O Correio da Manhã passou a publicar, em razoável espaço, notícias de que membros do exército estavam sendo transferidos e exonerados em função do seu não alinhamento com a candidatura Bernardes.<sup>120</sup>

O apoio do exército para um golpe seria fundamental. E no caso da Reação Republicana o seu suporte também era importante tanto como corpo eleitoral disciplinado e espalhado pelo País que poderia inibir as coerções praticadas pelo coronelismo no interior, quanto como garantia de apoio contra políticas intervencionistas.

---

118 Cf. Correio da Manhã, 03/07/1921. P. 2

119 Cf. Correio da Manhã, 05/08/1921. P.2

120 Cf. Correio da Manhã 01/07/1921. P.2 e 15/07/1921. P.2

Esta insistência do Correio da Manhã no apoio do exército atendia aos seus interesses de combater a candidatura de Bernardes, seja por uma solução democrática, seja por uma solução golpista.

### 3.4 A preferência do Correio da Manhã

O que é notável neste período é que o Correio da Manhã deixa bem claro que não quer que o País enfrente uma luta. O Correio da Manhã louva a atitude de Nilo Peçanha quando ele clama por uma candidatura de consenso. Isso demonstra o caráter conservador que há por trás do discurso oposicionista do jornal.<sup>121</sup>

O Correio da Manhã demonstra que a sua simpatia por uma solução golpista seria consequência mais de uma descrença na capacidade deter Bernardes do que uma prévia inclinação autoritária do jornal.

O Correio da Manhã não estava defendendo uma refundação do regime pois demonstrou acreditar que por força de vontade política seria possível mudá-lo por dentro através de uma candidatura como a de Nilo Peçanha ou a do Marechal Hermes da Fonseca.

Sendo o Correio da Manhã um dos jornais de oposição mais contundentes da Primeira República, podemos perceber que as possibilidades de profundas transformações sociais e políticas estavam, de certo modo, limitadas pelo conservadorismo dos setores dirigentes.

### 3.5 Luta simbólica: Rebatendo os discursos pró-Bernardes

O Correio da Manhã manteve, durante este período, a estratégia de rebater os discursos pró-Bernardes.<sup>122</sup> Para isso, o jornal chega inclusive a realizar uma classificação da imprensa.<sup>123</sup>

---

121 Cf. Correio da Manhã 26/06/1921. P.2

122 Cf. Correio da Manhã, 19/06/1921.P.2 e 28/07/1921. P.2.

123 Cf. Correio da Manhã, 17/08/1921. P.2.



Segundo esta classificação, os jornais pró-Bernardes estariam vendendo cada vez menos, com os salários atrasados e alguns até falindo. Estes jornais seriam: “A Gazeta de Notícias”, “A Razão”, “o Combate”, “Jornal do Comércio”, “Folha”, “O Paiz”, “O Rio-Jornal” e “A Notícia”.

Os jornais anti-Bernardes seriam: o “Correio da Manhã”, “O Imparcial” e “A Noite”. Naturalmente, são descritos pelo Correio da Manhã como jornais que estão vendendo cada vez mais e estão com os salários em dia. Os independentes seriam: “O Jornal do Brasil”, “O Jornal” e “A Pátria, os quais não recebem nem ataques, nem elogios.

Neste caso, trata-se de um ataque amplo que procura demonstrar que a opinião pública está do lado dos jornais anti-Bernardes. Trata-se de uma tática, já explicitada no capítulo 2, segundo a qual o Correio da Manhã procura dar demonstrações de força para combater a tendência que existia de atribuir um favoritismo a Arthur Bernardes.

Esta tática soma-se a outra também elaborada no início da campanha. Estamos falando das acusações de que Bernardes subornava jornais. O Correio da Manhã mantém a sua bandeira da moralização.

E neste período o jornal vai além, apresentando de maneira sensacionalista um documento que comprovaria os subornos à imprensa bernardista. Este documento era uma carta que um jornal mineiro teria enviado para a recebedoria de Minas solicitando que lhe fosse paga novamente a quantia de três contos. Esta carta teria sido perdida por este jornal e enviada ao Correio da Manhã por um colaborador.<sup>124</sup>

O Correio da Manhã interpretou este pedido como um pagamento pelo apoio que este jornal estava oferecendo para a candidatura de Arthur Bernardes. Aliás, este jornal, segundo o Correio da Manhã, era contra Arthur Bernardes e a sua mudança de posição foi atribuída ao suborno.<sup>125</sup>

O Correio da Manhã chega a perguntar o quanto que Arthur Bernardes estaria pagando aos jornais do Rio de Janeiro que possuíam maior circulação e importância. Temos neste caso, um precedente do caso das cartas falsas, isto é, uma denúncia grave que foi feita através de uma carta que foi apresentada como prova. Diante da auto-defesa do jornal de Minas, que inclusive nega a veracidade da carta, o Correio da

---

124 Cf. Correio da Manhã, 15/07/1921. P.2.

125 Cf. Correio da Manhã 15/07/1921. P.2.

Manhã não recua e pede que o caso seja investigado.<sup>126</sup> Dias depois o Correio da Manhã volta a acusar Bernardes de subornar jornais.<sup>127</sup>

Para que vejamos o teor moralizante e denunciador do Correio da Manhã, vejamos um artigo onde o jornal aprofundou a sua crítica sobre o caso do suborno:

Publicamos ontem a prova documentada de que o governo de Minas Gerais corrompe a imprensa, para que esta faça o serviço de propaganda da candidatura dosr. Arthur Bernardes a presidência da Republica. Para exhibir essa prova não precisamos recorrer a nenhum dos processos de reportagem que se empregam no esclarecimento de casos desta natureza. A prova veio-nos ter as mãos , simplesmente porque a pessoa que dela era depositaria a perdeu, na rua...

Esta circunstância torna evidente que o dinheiro dilapidado com a candidatura Bernardes já chega a ser tanto que os documentos sobre a maneira com ele sai dos cofres mineiros já nem são guardados com as precauções exigidas pela natureza dos gastos.

Como os leitores ontem tiveram a ocasião de ver, tratava-se de uma subvenção de três contos dada em data fixa a um jornaleco de Belo Horizonte. Imagine-se por ai como deve ser maior, a distribuída pelos jornais do Rio de Janeiro, sobretudo por aqueles que, tendo atacado a principio a causa do sr. Rolinha, passaram depois, inexplicavelmente, a sustentá-la...

Um homem que pretende subir por estes meios, pela corrupção, pela dilapidação, pela escravização das consciências à moeda de um estado do qual é o gestor e, pois, o tesoureiro, dá desde logo uma idéia bem nítida do que fará, se lhe collocarem ao alcance o tesouro não já de uma simples unidade da federação, mas de todo o Brasil.

Por isso mesmo é cada vez mais santa a indignação dos que deliberaram embargar essa iniciativa nefanda, que esta pondo em perigo não só os brios, mas a fortuna do povo brasileiro. ( Correio da Manhã;p.2, 15 jul.1921)

A corrupção e os métodos de Arthur Bernardes são apresentados como razão para que este seja impedido de chegar ao poder. Pode se perceber que o Correio da Manhã, neste ponto, realiza uma personalização do embate político.

O grande problema (ameaça), segundo o jornal, seria Arthur Bernardes. Sendo assim, a retirada da sua candidatura por uma outra de consenso já seria uma solução. Apresentada desta forma, a luta política perde a sua força no sentido de reformular o sistema político, já que o problema seria Bernardes e não o sistema.

### 3.6 A dissidência parlamentar

Uma das características inerentes a identidade do Correio da Manhã era o seu caráter crítico que, as vezes, se voltava até contra os seus aliados. Era assim que o Correio da Manhã fazia a sua propaganda de que não era um jornal servil, mas sim um periódico independente.

<sup>126</sup> Cf. Correio da Manhã, 20/07/1921. P.2.

<sup>127</sup> Cf. Correio da Manhã, 28/07/1921. P.2.

E tal propaganda fazia parte da identidade do jornal, pois era feita desde a sua fundação. A alegação de que era um jornal que veio para defender as causas do povo e não as dos políticos, representava uma das justificativas dadas para a sua existência.<sup>128</sup>

Sendo assim, mesmo como um dos principais porta-vozes da dissidência, o jornal não se descaracterizou e chegou a fazer críticas a postura dos dissidentes. Eram críticas apresentadas como construtivas, mas que ainda assim demonstravam as divergências que haviam acerca do movimento.<sup>129</sup>

Pouco tempo após a formação da Reação Republicana, os políticos dissidentes decidiram que deveriam constituir um bloco para efetivar uma ação conjunta no congresso. Este bloco se constituiu tendo como líder um político do Rio Grande do Sul, Otávio Rocha.<sup>130</sup>

E as principais críticas do Correio da Manhã aos dissidentes, neste segundo momento da campanha, foram contra a dissidência parlamentar. O jornal queixava-se que estaria ocorrendo uma situação anômala no congresso brasileiro porque num momento de divisão política, o presidente da República, Epitácio Pessoa, estaria ficando mais forte ao invés de mais fraco.<sup>131</sup>

Tal situação, para o jornal, se explicaria pelo seguinte: os Bernardistas visando o apoio do presidente estariam lhe dando total suporte, enquanto os dissidentes, esperando um eventual abandono de Arthur Bernardes por parte de Epitácio Pessoa, também.

Esta situação revolta o Correio da Manhã que discorda da política de Epitácio Pessoa para com o exército, é contrário ao dinheiro investido em obras contra a seca no nordeste, não aceita a falta de apoio ao comércio durante a grave crise econômica vivida e está indignado com o apoio presidencial a Arthur Bernardes. Segundo o Correio da Manhã, Epitácio Pessoa estaria se tornando um César, um tirano que oprime a República.<sup>132</sup>

E as críticas do jornal não se restringem ao comportamento da dissidência para com Epitácio Pessoa. O Correio da Manhã também critica as posições da oposição em outros aspectos como a postura no campo da economia: a dissidência defendeu as obras

---

128 Cf. Correio da Manhã, 15/07/1901.P.1

129 Cf. Correio da Manhã, 03/07/1921. P.2 e 28/07/1921. P.2.

130 Cf. Correio da Manhã, 09/07/1921. P.2.

131 Cf. Correio da Manhã 25/07/1921. P. 2

132 Cf. Correio da Manhã 18/07/1921. P.2 e 28/07/1921. P.2

realizadas no nordeste e foi contra a exposição do centenário enquanto o Correio da Manhã criticou as obras do nordeste e defendeu a exposição do centenário.<sup>133</sup>

### 3.7 Epitácio Pessoa

A linha em que se tentava opor Epitácio Pessoa a Arthur Bernardes é praticamente abandonada. Em seu lugar o Correio da Manhã assume a tática do confronto aberto ao realizar duras críticas ao presidente. A postura presidencial no caso da crise econômica é especialmente atacada.<sup>134</sup>

O apoio de Epitácio Pessoa a Arthur Bernardes é alardeado pelo jornal que inconformado passa exigir da dissidência parlamentar uma dura retaliação ao presidente da república.<sup>135</sup>

Epitácio Pessoa ainda foi utilizado com o propósito de enfraquecer Arthur Bernardes e combater o seu favoritismo. O Correio da Manhã publicou mais de uma vez que Epitácio Pessoa teria ido a São Paulo com o propósito de realizar uma substituição da candidatura de Arthur Bernardes por outra.<sup>136</sup>

### 3.8 Diversificação econômica

Indo ao encontro da nossa hipótese de que o Correio da Manhã abraçou a luta contra a hegemonia de São Paulo e Minas Gerais, apoiando inclusive demandas econômicas das oligarquias dissidentes, encontramos, em agosto de 1921, um artigo do Correio da Manhã onde há uma defesa veemente de que a policultura deveria ser praticada no Brasil.<sup>137</sup>

Este artigo cita, como exemplo, o pedido da embaixada brasileira para que a produção de fumo seja fomentada no Brasil. O intuito seria exportar para a Itália, uma grande consumidora de fumo, que seria comprado em diversas partes do mundo com exceção do Brasil.

---

133 Cf. Correio da Manhã 28/07/1921. P.2

134 Cf. Correio da Manhã 09/07/1921. P.2 ; 17/008/1921. P.2; 03/09/1921. P.2

135 Cf. Correio da Manhã 18/07/1921. P.2 ; 28/07/1921. P.2

136 Cf. Correio da Manhã 22/08/1921. P.2 ; 23/08/1921. P.2

137 Cf. Correio da Manhã, 18/08/1921. P.2.

Esta demanda de estímulo a outros produtos agrícolas além do café, se alinha com as demandas dos estados dissidentes no congresso. No segundo semestre de 1921 estava sendo negociado na câmara um novo plano para valorizar o café que encontrou uma certa resistência e pressão para que fosse transformado num plano que auxiliasse a agricultura como um todo.

No mês anterior, julho, o Correio da Manhã teria dado provas ainda mais veementes de que era contra a política econômica cujas manobras privilegiavam apenas o café. Isto porque o periódico fez reiteradas defesas de que o comércio não fosse mais ignorado nas discussões sobre os problemas econômicos.<sup>138</sup>

Durante este mês, o Correio da Manhã protestou repetidamente que um determinado projeto que fora enviado a câmara ainda não havia sido aprovado. O projeto em questão, nas palavras do Correio da Manhã, deveria ser aprovado, caso contrário o comércio seria prejudicado e a classe trabalhadora ameaçada.<sup>139</sup>

Nesta demanda o Correio da Manhã está assumindo de maneira cristalina o seu papel de representante das camadas urbanas. Desta forma, podemos ver que os interesses das camadas urbanas coincidiam em certa medida com os objetivos das oligarquias dissidentes: restringir o monopólio das atenções que era dirigido ao café.

### 3.9 O Correio da Manhã , o funcionalismo público e o operariado

E dentro do esforço para a formação de uma frente ampla contra Bernardes, o Correio da Manhã, representante das camadas urbanas, não pôde deixar de tentar conquistar o funcionalismo público e o operariado.

Portanto, em julho de 1921, vemos o Correio da Manhã, mais de uma vez, publicando reportagens onde atrasos nos salários de funcionários públicos são criticados. Arthur Bernardes é retratado como um político contrário aos direitos mais desejados pelos trabalhadores como a aposentadoria.<sup>140</sup>

Este periódico chega inclusive a utilizar a primeira página do jornal com o propósito de inviabilizar Bernardes com este segmento da população, o que era algo

---

138 Cf. Correio da Manhã, 02/07/1921. P.2

139 Cf. Correio da Manhã, 10/07/1921. P.2

140 Cf. Correio da Manhã, 14/07/1921. P.1; 16/07/1921. P.2; 20/07/1921. P.2

incomum pois esta página em geral só era utilizada para a cobertura dos fatos internacionais.<sup>141</sup>

O caso em questão, foi quando o político Irineu Machado disse: “ Eu, Irineu Machado sou defensor dos funcionários públicos e operários, e o Bernardes os odeia”. Vemos ainda uma referência aos operários, outro segmento da população cujo apoio era ansiado pelo Correio da Manhã.<sup>142</sup>

### 3.10 Ruy Barbosa



Ruy Barbosa foi o protagonista da primeira grande disputa interoligárquica, e também foi um dos maiores símbolos da luta contra os rumos que havia tomado a República. Foi um grande defensor de uma reforma constitucional que pudesse promover uma regeneração.<sup>143</sup>

Desta maneira, ao ser candidato em 1910 e 1919, Ruy Barbosa se tornou representante da insatisfação e inconformismo das camadas urbanas da população. Em 1914, um discurso seu expressou de maneira clara o estado de espírito presente no coração de muitos:

A falta de justiça, Srs. Senadores, é o grande mal da nossa terra, o mal dos males, a origem de todas as nossas infelicidades, a fonte de todo nosso descrédito, é a miséria suprema desta pobre nação.

A sua grande vergonha diante do estrangeiro, é aquilo que nos afasta os homens, os auxílios, os capitais.

A injustiça, Senhores, desanima o trabalho, a honestidade, o bem; cresta em flor os espíritos dos moços, semeia no coração das gerações que vêm nascendo a semente da podridão, habitua os homens a não acreditar senão na estrela, na fortuna, no acaso, na loteria da sorte, promove a desonestidade, promove a venalidade, promove a relaxação, insufla a cortesia, a baixaza, sob todas as suas formas.

141 Cf. Correio da Manhã, 14/07/1921. P.1

142 Cf. Correio da Manhã, 14/07/1921. P.1

143 Cf. Correio da Manhã, 28/06/1921. P.2

De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto. Essa foi a obra da República nos últimos anos. No outro regime, o homem que tinha certa nódoa em sua vida era um homem perdido para todo o sempre, as carreiras políticas lhe estavam fechadas. Havia uma sentinela vigilante, de cuja severidade todos se temiam e que, acesa no alto, guardava a redondeza, como um farol que não se apaga, em proveito da honra, da justiça e da moralidade. ( Senado Federal, RJ. Obras completas, Rui Barbosa. v.41,t.3,1914,p.16 )

Desta forma, o apoio de Ruy Barbosa significava muito naquele contexto onde Nilo Peçanha conclamava a população a passar a limpo aqueles vinte anos de República para refundá-la.<sup>144</sup>

O Correio da Manhã que há bastante tempo era um grande entusiasta de Ruy Barbosa, naturalmente não pode se abster de lutar pelo apoio do baiano. Aliás, não só lutou pelo apoio do baiano como lutou para parecer que tinha este apoio.<sup>145</sup>

Isto chegou a tal ponto que em julho de 1922 chegou a declarar que retiraria o apoio a candidatura da Reação Republicana caso Ruy Barbosa fosse lançado como candidato.<sup>146</sup>

Portanto, o Correio da Manhã frequentemente publicou artigos nos quais se defendeu de supostas acusações de jornais Bernardistas de que Ruy Barbosa apoiaria Arthur Bernardes.

O Correio da Manhã rebatia veementemente essas acusações procurando demonstrar que a simpatia de Ruy Barbosa pendia para o lado da dissidência ou que, ao menos, o baiano estava mantendo a sua neutralidade em função de que nenhuma candidatura havia se comprometido com a revisão constitucional.<sup>147</sup>

Aproximar-se da imagem de Ruy Barbosa era mais um meio de satisfazer ao público urbano, principal alvo do jornal. Essa política aparece com destaque na ocasião do aniversário do periódico porque o Correio da Manhã faz questão de publicar um telegrama com os parabéns de Ruy Barbosa sendo que as outras cartas não receberam o mesmo destaque<sup>148</sup>.

### 3.11 J.J. Seabra

<sup>144</sup> Cf. Correio da Manhã, 24/06/1921. P.2

<sup>145</sup> Cf. Correio da Manhã, 01/07/1921. P.2

<sup>146</sup> Cf. Correio da Manhã, 01/07/1921. P.2

<sup>147</sup> Cf. Correio da Manhã, 01/07/1921. P.2

<sup>148</sup> Cf. Correio da Manhã, 17-06-1921. P.2



José Joaquim Seabra, mais conhecido como J. J. Seabra, foi um político nascido em Salvador em 21 de agosto de 1855. Formado na faculdade de direito de Recife em 1877, tornou-se mais tarde professor da referida instituição.<sup>149</sup>

Ingressou na política ainda no período imperial quando tentou se eleger para a câmara em 1889. Em seguida, Seabra tornou-se deputado na constituinte e na câmara dos deputados. Durante o governo de Floriano Peixoto foi fortemente opositor chegando a ser exilado. Somente retornou após a anistia de 1895, quando voltou a ser deputado.<sup>150</sup>

Foi líder do governo durante o mandato de Campos Sales e chegou a ser ministro da justiça durante o governo de Rodrigues Alves. Durante o governo de Hermes da Fonseca tornou-se ministro da viação e obras públicas.

Seabra foi, também governador da Bahia em duas ocasiões: de 1912 a 1916 e de 1920 a 1924. Em 1924, deixou o governo um pouco antes do seu fim, perdendo a liderança para a oposição.<sup>151</sup>

Seabra era o candidato a vice-presidente pela Reação Republicana e veio a capital do Rio de Janeiro no mês de julho com o propósito de acertar junto com Nilo Peçanha e outros líderes políticos, os rumos da Reação Republicana.

Sua viagem tornou-se um dos grandes meios aos quais o Correio da Manhã recorreu para manter a dissidência nas mentes da população. A sua viagem e estadia criaram fatos políticos que foram intensamente explorados.

---

149 Cf. Revista Brasil Invest . Vol. 4 Março de 2006.

150 Cf. Revista Brasil Invest . Vol. 4 Março de 2006.  
Cf. [www.senado.gov.br](http://www.senado.gov.br)

151 Cf. Revista Brasil Invest . Vol. 4 Março de 2006.  
Cf. [www.senado.gov.br](http://www.senado.gov.br)



Por ocasião da sua chegada, Seabra foi entrevistado e defendeu que a candidatura da Reação Republicana representava a defesa do patrimônio moral do País e uma luta contra a degeneração dos costumes.<sup>152</sup> Desta forma podemos perceber que o discurso moralizador do jornal coincidia com o ideário defendido pelos candidatos da Reação Republicana.

Seabra cita também o exemplo dos E.U.A enaltecendo a importância da disputa e do espírito esportivo após o resultado. Quando o espírito esportivo após o resultado é solicitado, vemos em ação o medo das retaliações futuras que já havia sido expresso por Nilo Peçanha. Tal solicitação feita por Seabra demonstra que este político, ao contrário do Correio da Manhã, ainda não pregava a idéia de golpe.

Seabra e os seus encontros com Nilo Peçanha, Raul Veiga e outros políticos foram notícias frequentes. Os banquetes oferecidos em sua homenagem, e as recepções que lhe foram oferecidas eram pretextos para a realização de comentários sobre a Reação Republicana.<sup>153</sup> Assim, o Correio da Manhã pode manter a chapa da Reação Republicana em evidência.

### 3.12 As Excursões da Reação Republicana

Durante este período é realizado planejamento da propaganda de campanha. Este planejamento foi altamente propalado.<sup>154</sup> Decidiu-se que no dia 15 de setembro começaria a peregrinação de Nilo Peçanha.

J. J. Seabra, por sua vez, foi à capital do País, a São Paulo e retornou à Bahia. Para o fim de agosto, estaria programada a sua viagem ao nordeste (Pernambuco, Paraíba e Ceará).

O Correio da Manhã ironiza que enquanto isso Arthur Bernardes estaria descansando em Belo Horizonte. Estas viagens representaram para o Correio da Manhã mais uma oportunidade para manter a Reação Republicana em pauta.<sup>155</sup>

152 Cf. Correio da Manhã, 19/07/1921. P.1

153 Cf. Correio da Manhã, 21/07/1921. P.2 ; 26/07/1921. P.2.

154 Cf. Correio da Manhã, 10/08/1921. P.2

155 Cf. Correio da Manhã, 03/09/1921. P. 2 ; 11/08/1921. P.2

### 3.13 A Reação Republicana e a Igreja católica

No contexto da campanha presidencial de 1922 onde um moralismo assumiu um importante papel, a religião não poderia ter sido deixada de lado. Do lado Bernardista podemos encontrar, por exemplo, a revista Gil Blas que idolatrava Epiácio e procurava demonstrar que o público católico estaria ao lado de Arthur Bernardes.

O Correio da Manhã, embora não tivesse um perfil voltado para questões religiosas, fez alguns ataques durante este período da campanha a esta revista. Atacou, por exemplo, um dos líderes da revista Gil Blas a quem acusou de ser um bajulador de Epiácio Pessoa.<sup>156</sup>

Também acusou Arthur Bernardes de estar usando a igreja católica para se promover. Enquanto isso, o Correio da Manhã fez questão de anunciar que Nilo Peçanha foi aplaudido pelos órgãos ligados a igreja católica.<sup>157</sup>

### 3.14 Desvio de exemplares

Seguindo a sua linha de denunciador e mantendo a tática de acusar Bernardes de estar recorrendo a táticas imorais o Correio da Manhã fez ainda outras acusações além das já mencionadas denúncias de suborno. Destacamos a denúncia de desvio de exemplares.

O Correio da Manhã era um jornal de grande circulação da capital federal. Em função do seu prestígio sua circulação não se restringia ao público local, havendo assinantes do periódico espalhados por algumas regiões do País.

Desta forma, o Correio da Manhã utilizava os serviços de correio para que as suas entregas fossem feitas. Daí, surgiu uma situação de conflito. Isto porque o Correio da Manhã fez reiteradas queixas de que os seus exemplares estariam sendo desviados de propósito para que a propaganda anti-Bernardes e pró-reação republicana não fosse realizada.<sup>158</sup>

---

<sup>156</sup> Cf. Correio da Manhã, 25/08/1921. P.2

<sup>157</sup> Cf. Correio da Manhã, 20/08/1921. P.2

<sup>158</sup> Cf. Correio da Manhã, 14/08 /1921. P.2 ; 27/08/1921. P.2.

Nessas queixas o Correio da Manhã tratava das reclamações dos seus assinantes de que os jornais não estariam mais chegando. Com tais denúncias, o Correio da Manhã se punha a criticar a desonestidade da candidatura Bernardes.

### 3.15 Conclusão

No momento da realização desta conclusão, devemos retomar as hipóteses iniciais da nossa pesquisa. Primeiramente averiguamos a idéia de que o Correio da Manhã foi o interlocutor de uma corrente política que defendia um golpe como meio de salvar o País.

Neste período da campanha que vai de meados de junho até setembro de 1921, pudemos constatar que o Correio da Manhã defendia a idéia de golpe como um meio de impedir Bernardes de chegar ao poder. Salvar o País seria, neste caso, seria derrotar Bernardes. A crise política é personalizada.

A idéia de golpe então, não aparece como um fim, mas como um meio. Antes de se recorrer a tal extremismo, o jornal clamava para que as forças políticas chegassem a um consenso, ou seja, a via eleitoral ainda tinha algum crédito.

Com relação à idéia de que o Correio da Manhã se inseriu na luta pela formação de um eixo alternativo de poder, podemos distinguir dois pontos. Em primeiro lugar podemos ver incorpora no seu discurso demandas por uma maior diversificação econômica que combatem a atenção exclusiva que era dirigida para o café. Nesse sentido, tanto a policultura quanto o comércio são veementemente defendidos.

Em segundo lugar, também observamos o quanto que este representou a luta por uma maior “democratização” na escolha dos candidatos à presidência, isto é, combateu a hegemonia de São Paulo e Minas Gerais como centro das decisões ao atacar o modo como Bernardes fora escolhido.

Este posicionamento do Correio da Manhã aparece, por exemplo, quando o jornal publica com destaque o discurso de Joaquim Onório na câmara dos deputados. Este deputado levantou a tese de que São Paulo e Minas Gerais não gostaram de perder o “comando”, “a hegemonia”, quando assumiu o poder Epiácio Pessoa, do nordeste.

Segundo Onório, este sentimento os levou a se reunir para lançar a combinação Bernardes.<sup>159</sup>

No que diz respeito a hipótese de que o Correio da Manhã era em grande parte representante das camadas médias urbanas decepcionadas com os rumos da república, podemos perceber que seu discurso é confirmador. Os funcionários públicos, os operários e o comércio são defendidos. O mesmo vale para a figura dos militares e de Ruy Barbosa, ambos são ovacionados.

Com relação ao teor moralizante, típico dos anos de crise da Primeira República, o Correio da Manhã manteve-se no mesmo tom: atacou Arthur Bernardes classificando-o como corrupto e ambicioso. A imprensa bernardista também recebeu ataques nos mesmos moldes.

Só que neste caso o Correio da Manhã foi mais além: tentou comprovar, através de fotografias, que um jornal mineiro, que teria sido contra Arthur Bernardes, mudou seu posicionamento político aderindo à candidatura do mineiro em função de suborno. Aliás, este caso é, de certa maneira, um prenúncio do caso das cartas falsas.

Seguindo a linha moralizante, até a religião apareceu como tema nesta disputa. O Correio da Manhã tentou demonstrar que Nilo Peçanha teria o apoio católico enquanto Arthur Bernardes seria um hipócrita ao tentar parecer que tinha este suporte.

Por fim, a hipótese de que o Correio da Manhã tinha uma estratégia definida também se confirmou neste segundo momento da campanha. O jornal manteve uma certa coerência e direcionamento nos seus ataques que seguiram com um teor moralizante, próximo ao exército, rebatendo os discursos Bernardistas, aberto a idéia de golpe e que tentava manter uma distância entre Arthur Bernardes e políticos importantes como Ruy Barbosa e Hermes da Fonseca.

Com relação às mudanças, uma das mais evidentes foi na maneira de se relacionar com Epiácio Pessoa que passa a ser tratado com maior rispidez na medida em que seus atritos com o exército aumentam.

A seguir, veremos que o Correio da Manhã entrará num terceiro momento da campanha. Após ter sido, durante um mês e meio, um anti-Bernardista radical, o jornal passou três meses e meio mantendo um equilíbrio entre a campanha Anti-Bernardes e a campanha pró-Reação Republicana. Ao entrar no mês de outubro esse equilíbrio

---

<sup>159</sup> Cf. Correio da Manhã, 01/09/1921. P.2.

acabará, e o Correio da Manhã terá como predominante a linha anti-Bernardista: uma campanha feroz com o objetivo de destruir a candidatura do mineiro.

## 4 O CORREIO DA MANHÃ E O CASO DAS “CARTAS FALSAS”

### 4.1 Contexto

No mês de outubro de 1921, parecia claro que haveria um aumento de tensão na campanha presidencial. Esta crença se justificaria basicamente por dois aspectos. Em primeiro lugar, porque em outubro se iniciaria a excursão de Nilo Peçanha pelo País. Esta excursão, além de já ter sido exaustivamente alardeada pela imprensa pró-Reação Republicana, criava uma expectativa de que novos fatos políticos ocorreriam.

Naturalmente, era de se esperar: ataques de Nilo Peçanha, repercussões na imprensa bernardista, que responderia a esses ataques, e as contra-respostas da imprensa pró-dissidência. Era de se prever que seria um mês polêmico.

Em segundo lugar, além da já mencionada excursão, outro episódio já vinha mexendo com o imaginário dissidente. O fato em questão era a já prevista vinda de Arthur Bernardes à capital do País. O nosso objeto de estudo (o Correio da Manhã), tratou de se antecipar e fez convocações para que o mineiro fosse pessimamente recebido.<sup>160</sup>

Para os opositores de Arthur Bernardes, esta visita foi encarada, em grande parte, como uma oportunidade de mostrar a força da rejeição que havia contra a candidatura mineira.<sup>161</sup>

Era uma chance de demonstrar simbolicamente que Bernardes não conseguiria chegar ao poder e que com isso a sua candidatura seria abandonada em prol de uma outra que conseguisse conquistar um consenso.

Caso Arthur Bernardes desistisse de vir até a capital, possibilidade levantada pelo Correio da Manhã, o periódico já havia levantado a interpretação com a qual pretendia atacar a candidatura inimiga.

A desistência de Bernardes seria um sinal da sua fraqueza, inconsistência e da impopularidade da sua candidatura o que seria um claro de que a vitória estaria do lado

---

<sup>160</sup> Cf. Correio da Manhã, 06/10/1921. P.2

<sup>161</sup> Cf. Correio da Manhã, 06/10/1921 - 08/10/1921. P.2

da Reação Republicana. Mais uma vez seria utilizada a estratégia de demonstrar força para conquistar apoios e combater o medo de uma futura repressão.<sup>162</sup>

Entretanto, a história é cheia de surpresas, e duas cartas publicadas como se fossem escritas por Arthur Bernardes tiveram uma imensa repercussão, aumentando ainda mais a já prevista tensão e angariando um grande apoio das forças armadas para a Reação Republicana. As táticas utilizadas, os procedimentos antecedentes, e a sua relação com as hipóteses traçadas, é o que buscaremos compreender adiante.

#### 4.2 Criando um clima anti-Bernardes

No dia 02/10/1921, o Correio da Manhã publicou uma nota em que protestava contra uma recepção oficial para Arthur Bernardes.<sup>163</sup> Isto é, naqueles dias havia sido solicitado no senado que uma comissão fosse dar as boas vindas a Arthur Bernardes.

O jornal argumenta que um candidato não poderia receber honras oficiais as custas do estado pois não seria justo que o governo gastasse dinheiro apoiando uma corrente política.

Ao fim da nota, o Correio da Manhã adverte que o tiro poderia sair pela culatra, ou seja, Arthur Bernardes acabaria sendo mal recebido por uma população incomodada com tamanha injustiça.

No dia 05/10/1921, o Correio da Manhã publica uma nota onde afirma que o Rio de Janeiro (distrito federal) rejeita a candidatura de Arthur Bernardes porque a maioria dos elementos políticos estaria a favor da Reação Republicana.<sup>164</sup>

No dia seguinte, o Correio da Manhã elabora o seguinte discurso:

O Sr. Urbano dos Santos, de viagem para o Rio, onde vem comer o banquete do rolinha – o banquete e não o rolinha – já começou a sentir a repulsa que seu nome inspira em toda a parte. No Ceará, foram recebê-lo apenas umas quarenta pessoas, todas pertencentes ao mundo oficial, dessas que não podem faltar a certas cerimônias...

È de prever, é certo, que nos outros estados, não será menos infeliz o companheiro de chapa do Rolinha – nem em Pernambuco, nem em Alagoas, nem sobretudo na Bahia, nem no espírito Santo, onde a causa da democracia dia a dia se torna mais favorecida pelas adesões dos elementos não ungidos a política situacionista estadual.

Assim, embora não estando em excursão de propaganda... o Sr. Urbano dos Santos poderá ver nitidamente visto qual é o verdadeiro sentimento da povo em relação à causa maldita que abraçou, sentimento de grande vivacidade, que na respeito, para

<sup>162</sup> Cf. Correio da Manhã, 05/10/1921 - 11/10/1921. P.2

<sup>163</sup> Cf. Correio da Manhã, 02/10/1921. P.2.

<sup>164</sup> Cf. Correio da Manhã, 05/10/1921. P.2.

manifestar-se, nem sequer o aparelho de compressão dos governos estaduais, que por via de regra monopolizam e absorvem a atividade política da região.

No Rio de Janeiro, centro de cultura política, onde o voto, por um lento, mas sistemático, esforço de seleção no eleitorado, é uma realidade que se insubordina aos mandões e ditadores de ocasião, verá o candidato á vice-presidência da República que o estado dos ânimos ainda é mais tensa e que o bernardismo é o alvo votado ás manifestações do justo desprezo popular.” (Correio da Manhã;p.2,06 out.1921)

Com este discurso o Correio da Manhã enuncia para seus leitores qual é a sua expectativa, o que de certa maneira acaba funcionando como um estímulo para os leitores do jornal. Neste discurso, o jornal não somente cria um clima hostil como também tenta induzir uma reação de desprezo.

No dia 08/10/1921, o Correio da Manhã anuncia que Arthur Bernardes sairia no dia 09/10/1921 num vapor rumo à capital.<sup>165</sup> Então no dia 09 de outubro de 1921 o Correio da Manhã publicou a primeira carta intensificando os seus esforços anti-Bernardistas.

### 4.3 As Cartas

Na primeira carta constava o seguinte conteúdo:

“ Belo Horizonte, 03/06/1921

Am. Raul Soares

Estou informado do ridículo e acintoso banquete dado pelo Hermes, esse sargentão sem compostura, aos seus apaniguados, e de tudo que nessa orgia se passou. Espero que use com toda a energia de acordo com as minhas últimas instruções, pois essa canalha precisa de uma reprimenda para entrar na disciplina.

Veja se Eptácio mostra agora a sua apregoada energia punindo severamente esses ousados, prendendo os que saíram da disciplina, e removendo para bem longe esses generais anarquizadores.

Se Eptácio, com medo, não atender, use de diplomacia, que depois do meu reconhecimento, ajustaremos contas. A situação não admite contemporizações, os que forem venais que é quase a totalidade, compre-os com todos os bordados e galões”

Esta carta refere-se ao contexto de junho de 1921, quando o marechal Hermes da Fonseca teria dado um banquete para os seus apoiadores. Naquela altura, Nilo Peçanha ainda não tinha retornado ao Brasil e havia uma forte expectativa por uma candidatura militar; Especialmente porque os militares estariam insatisfeitos com o tratamento recebido durante o governo Eptácio Pessoa.

<sup>165</sup>

Cf. Correio da Manhã, 08/10/1921. P.2.



Esta carta voltava-se prioritariamente para a conquista das forças armadas visto que Hermes da Fonseca é chamado de sargentão sem compostura e os seus aliados de canalhas. A carta ainda se refere às retaliações feitas por Epiácio Pessoa e acusa os oficiais de serem subornáveis.

Acompanhado de uma foto da carta vem o seguinte título e subtítulo: “ Injurioso e ultrajante. O sr. Bernardes lança a pecha da venalidade sobre os oficiais do exército”.<sup>166</sup> Em seguida, aparece o conteúdo da carta, o qual já foi exposto.

Em paralelo com a publicação da carta, o Correio da Manhã lançou o seguinte edital:

*Ultraje ao exército*

Ainda não há muitos dias, e sem que se pudesse atinar com a razão da sua atitude, os jornais do bernardismo andaram a falar de uns documentos, cuja autoria era atribuída ao presidente de Minas, mas que , acrescentavam eles não passavam de um embuste, que um chantagista estava a armar á boa fé dos incautos que nele acreditassem.. Não aludiam á natureza dos aludidos documentos, nem se referiam a matéria de que tratavam.

Estranhou-se com efeito a declaração daqueles jornais, tanto mais quando não vinha a público o nome do chantagista que denunciavam. A pouco e pouco, porém, a coisa se foi esclarecendo, e das informações que foram surgindo a medo nos meios políticos, o que transparecia é que se tratava de um caso grave, cujos efeitos era preciso prevenir, abrandando ou neutralizando a impressão que viessem a causar.

Um acaso pos-nos ao corrente do fato, que é, nem mais nem menos, a perda de cartas comprometedoras escritas pelo sr. Arthur Bernardes ao senador Raul Soares.

Publicamos hoje uma delas, que nos veio ter as mãos para a evidenciação do que é esse politiquieiro inferior, que a má sorte de Minas elevou a mais alta expressão do seu governo.

Mais do que isso: esta carta, enviada por ele ao sr. Raul, é uma indignidade e uma afronta atirada ao exército, representado nos seus oficiais, até os mais graduados, chamados de vermes e capazes de serem “comprados” ...

Não era necessário ir além da simples exposição desta carta, se não estivéssemos no dever de chamar para ela, já dizemos a atenção do sr. Epiácio Pessoa, que de boa vontade está envolvido na humilhante aventura do Bernardismo, mas a dos oficiais do exército, solicitando-lhes um pouco de exame retrospectivo para a maneira como as coisas tem se passado de junho até agora.

Desde capitães até generais dos mais acatados vêm sendo humilhados e transferidos pelo sr. Calógeras, e precisamente para as regiões mais afastadas. As últimas promoções tem obedecido a um critério segundo o qual são premiados aqueles que o governo supõe nutrirem simpatias pelo Bernardismo...

Digam-nos agora os homens de bem desta terra se um candidato que dá tamanhas provas de insensatez, desequilíbrio e falta de critério, como este, pode vir a ser o presidente da República...

Contra a ascensão deste degenerado devem se levantar até as pedras da calçada. Porque uma presidência Bernardes, conquistada pelo suborno e pela corrupção que por ali lavram ostensivamente, seria a evidenciação clamorosa de este País perdera inteiramente a verdade e a probidade.(Correio da Manhã;p.2, 09 out.1921)

Junto com o aparecimento desta carta atribuída a Arthur Bernardes aparece novamente a idéia de golpe: “ Contra a ascensão deste degenerado devem se levantar até as pedras da calçada.”

<sup>166</sup>

Cf. Correio da Manhã, 09/10/1921. P.2

A notícia da existência desta carta já havia sido veiculada há algum tempo pela imprensa Bernardista que alegava que a mesma era falsa e estaria sendo utilizada como um instrumento de chantagem para conseguir dinheiro.

Para rebater este argumento o Correio da Manhã alegou que a imprensa bernardista apenas teria se antecipado para tentar se prevenir dos malefícios de um erro grave.

O foco deste edital se dá sobre o exército sendo lembrada a situação a qual eles estariam expostos desde junho. Além desta concentração sobre o exército, o Correio da Manhã ainda dá um tom moralizador a questão presidencial quando associa a vitória de Bernardes a falta de verdade, probidade e indignidade.

Nos dias seguintes o caso da carta continuou em evidência. Vejamos um pequeno resumo da atuação do Correio da Manhã :

### **10 de outubro**

No dia seguinte a publicação do documento, já podemos vislumbrar a sua repercussão. O Correio da Manhã cita um oficial que teria criticado Arthur Bernardes e anuncia que o clube militar irá se reunir para deliberar acerca da carta. Em novo edital o jornal reafirma a autoria de Arthur Bernardes ao afirmar que as cartas foram examinadas por especialistas.<sup>167</sup>

### **11 de outubro**

Neste dia, a carta é reeditada, tendo o jornal justificado que a edição na qual a carta foi publicada estava com falta de nitidez e esgotada. Em mais um edital o Correio da Manhã, retomando a tática de tentar fazer com que Nilo Peçanha pareça favorito, afirma estar certo de que a candidatura Bernardes não triunfará.<sup>168</sup>

Vejamos as manchetes utilizadas pelo jornal:

A carta do sr. Bernardes provoca tumultuosas manifestações no senado e na câmara.(Correio da Manhã, p.1,11 out.1921)

---

<sup>167</sup> Cf. Correio da Manhã, 10/10/1921. P.2

<sup>168</sup> Cf. Correio da Manhã, 11/10/1921. P.2

O presidente de Minas seriamente comprometido pelas suas declarações e desastrada defesa de seus amigos no congresso. (Correio da Manhã, p.1,11 out.1921)

A missiva insultuosa às classes armadas está merecendo geral repulsa no seio da opinião pública.(Correio da Manhã,p.1, 11 out.1921)

Nestas manchetes podemos observar não só o propósito de demonstrar que a candidatura de Arthur Bernardes está comprometida, mas também o esforço para transmitir a idéia de que o caso da carta era bastante discutido e estava na cabeça da população.

Isto é, alimentou-se a idéia de que aquele era um assunto discutido por todos, o que de certa maneira atraia ainda mais a atenção da população (lembramos a idéia de espiral de opinião).

Neste mesmo dia, o Correio da Manhã expôs aquela que seria a posição de Otávio Rocha (líder da dissidência parlamentar) acerca do episódio da carta. Sua posição seria a seguinte: se Bernardes alega que as cartas são falsas, o Correio da Manhã alega que a mesma é verdadeira. E se Bernardes não pode ser tachado como mentiroso, o Correio da Manhã também não. Por isso, a carta deveria ser examinada por um perito.<sup>169</sup>

Este posicionamento vai de encontro com o pensamento dos partidários de Arthur Bernardes que queriam dar o caso como encerrado após a negação realizada pelo mineiro.<sup>170</sup> A proposta de exame, por sua vez, é extremamente favorável à Reação Republicana pois faria com que o escândalo perdurasse na imprensa.

## 12 de outubro

Neste dia temos as seguintes manchetes:

A famosa carta do Sr. Bernardes continua a agitar a opinião pública.(Correio da Manhã ,p.1,12 out.1921)

No senado e na câmara, protesta-se contra o insulto atirado ao exército.(Correio da Manhã,p.1, 12out.1921)

E os partidários do presidente de Minas ainda não demonstraram a falsidade do documento.( Correio da Manhã,p.1,12out.1921)

Repete-se o foco sobre o exército e a propaganda de que carta está sendo muito discutida. Ao mesmo tempo podemos ver que o jornal, invertendo o preceito de que

<sup>169</sup> Cf. Correio da Manhã, 11/10/1921. P.2

<sup>170</sup> Cf. Correio da Manhã, 11/10/1921. P.2

todos são inocentes até que se prove o contrário, pressiona os partidários de Bernardes para que provem a sua inocência.

O edital publicado neste dia também segue neste mesmo sentido. O seu título é: “Acastelados na negativa”. Sintetizando, neste edital o Correio da Manhã reafirma a veracidade da carta e critica a atitude dos bernardistas de quererem apenas se manter na negativa sem investigar os supostos fatos. Mantém-se a estratégia de não encerrar o caso.<sup>171</sup>

### 13 de outubro

Neste dia o Correio da Manhã lança outro edital onde afirma o seguinte: “Mentira! Exclamarão os bernardistas. Verdade ! Dizemos nós.” Ou seja, a confrontação continua. Contra a negativa dos Bernardistas, é apresentada repetidamente a afirmativa do periódico.<sup>172</sup>

Além disso, temos na primeira página a publicação de uma segunda carta que também teria sido escrita por Arthur Bernardes:

Minas, 06/06/1921  
 Meu caro Raul Soares  
 Saudações afetuosas  
 Ciente dos dizeres da última carta, fico inteirado dos compromissos tomados para o resultado seguro da convenção. Todavia desacordo com outra prorrogação porque ela devia ter sido realizada antes da chegada do Nilo, pois, como você disse, esse moleque é capaz de tudo.  
 Remova todas as dificuldades como bem entender, não olhando as despesas, o que já fiz ver ao João Luiz. Das classes armadas nada devemos temer devido aos compromissos assumidos pelo Eptácio agindo com toda a energia.  
 Da política mineira só tenho adiantar que os elementos do Salles estão sendo trabalhados tenazmente para abandoná-lo e que a sua candidatura a presidência está garantida, porque obrigaremos os políticos recalcitrantes, sob pena de perderem as suas posições, e você quando me suceder continuará a levar na devida a verba o que falta das grandes despesas que estamos fazendo, para que depois não venha se dar escando.

Abraços do Arthur Bernardes

Esta segunda carta continua realizando menções ao exército e a Eptácio Pessoa. As referências a subornos e perseguições também são mantidas. Entretanto, agora há uma novidade: Nilo Peçanha também é atacado.

### 14 de outubro

<sup>171</sup> Cf. Correio da Manhã, 12/10/1921. P.2

<sup>172</sup> Cf. Correio da Manhã, 12/10/1921. P.2

Neste dia o Correio da Manhã, aumentando a polêmica acerca da divergência que haveria entre os adeptos da candidatura de Arthur Bernardes e os militares, publica uma nota dizendo que a propaganda pró-Bernardes em Belém era tão ofensiva aos militares que um general teve que se retirar do recinto onde a mesma ocorria.<sup>173</sup>

Sobre o episódio das cartas, o Correio da Manhã volta a recorrer à denúncia de que os seus exemplares estariam sendo desviados pelo correio. O propósito seria impedir que vissem a famosa carta. Apesar de não serem veiculadas grandes novidades o Correio da Manhã não deixa de tocar no assunto, num esforço para manter o tema vivo.<sup>174</sup>

### **15 de outubro**

É o dia para o qual está prevista a chegada de Arthur Bernardes. A primeira página do jornal contém uma manchete com os seguintes dizeres: “Chega hoje a esta capital o Sr. Arthur Bernardes, famigerado candidato da convenção do Mé”.<sup>175</sup>

Na seção pingos e respingos do jornal Arthur Bernardes é desmoralizado com o hino rolínico. E no edital do jornal, cujo título era “o contraste”, se afirmava que enquanto os candidatos da dissidência tinham sido recebidos por multidões e com muito fervor por onde passaram, Urbano dos Santos (candidato a vice-presidente de Arthur Bernardes) teria sido recebido com frieza na capital.<sup>176</sup>

Em resumo, desde o início de outubro até as vésperas da chegada de Arthur Bernardes o Correio da Manhã trabalhou intensivamente pela criação de um clima hostil. E as principais ferramentas utilizadas neste episódio foram as cartas.

## **4.4 A estadia de Arthur Bernardes na capital do Brasil**

### **16 de outubro**

---

<sup>173</sup> Cf. Correio da Manhã, 14/10/1921. P.2

<sup>174</sup> Cf. Correio da Manhã, 14/10/1921. P.2

<sup>175</sup> Cf. Correio da Manhã, 15/10/1921. P.1

<sup>176</sup> Cf. Correio da Manhã, 15/10/1921. P.2

Neste dia o Correio da Manhã retrata como teria sido a recepção dada pelo Distrito Federal a Arthur Bernardes. Vejamos algumas das manchetes:

O Rio de Janeiro recebeu ontem, como ele merecia, o candidato da famigerada convenção do Mé! (Correio da Manhã, 16/10/1921,p.1)  
 Rolinha viu que a população carioca, representando a opinião pública nacional, não se submete à vontade dos politiquieiros. (Correio da Manhã, 16/10/1921,p.1)  
 O sr. Bernardes foi alvo em plena avenida, da maior, da mais estrondosa vaia de que há memória no Brasil (Correio da Manhã, 16/10/1921,p.1)  
 O povo, indignado, queima coretos e traz ao Correio da Manhã os seus aplausos numa vibrante manifestação patriótica. (Correio da Manhã, 16/10/1921,p.1)

Tais manchetes resumem o teor do exemplar deste dia. Seguindo a sua estratégia de tentar fazer com que Bernardes pareça fraco, o Correio da Manhã relata como que a população teria se revoltado.<sup>177</sup>

Mas isso não é tudo. O Correio da Manhã tenta dar ao episódio uma dimensão nacional. Para isso tenta aproveitar o simbolismo existente em torno da cidade do Rio de Janeiro.<sup>178</sup>

Devemos lembrar que durante a maior parte da Primeira República, o Rio de Janeiro foi a maior cidade e também a capital econômica e política do País. Somente sendo ultrapassada, no plano da economia, por São Paulo, ao longo da década de 20.<sup>179</sup>

A cidade, reformada no início do século, tinha um enorme potencial de atração. Intelectuais de todo país almejavam ter a oportunidade de publicar na capital que era um forte símbolo de modernidade.<sup>180</sup>

A condição de capital implicava um maior volume de investimentos naquilo que seria o cartão postal do País o que com certeza fazia com que a cidade vivesse uma infinidade de experiências.

Por tudo isso, a cidade era um referencial, ou como disse José Murilo de carvalho, era a caixa de ressonância de todo o País. Desta maneira as discussões e eventos que aqui se davam circulavam em todo o País. E isto foi observado pelos contemporâneos de maneira bem evidente.<sup>181</sup>

Tanto que o Correio da Manhã insistiu na idéia de que a rejeição a Arthur Bernardes ocorrida na capital representava uma repulsa nacional. O que o impediria de

<sup>177</sup> Cf. Correio da Manhã 16/10/1921. P. 1

<sup>178</sup> Cf. Correio da Manhã 16/10/1921. P.1

<sup>179</sup> Carvalho, José Murilo. *O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Cia das Letras. 1987 P..33

<sup>180</sup> Rodrigues, Marly. *O Brasil na década de 1920: os anos que mudaram tudo*. São Paulo, Ed. Ática. P.21-23.

<sup>181</sup> Cf. Correio da Manhã, 16/10/1921. P.1

vencer as eleições. E baseado neste simbolismo, o jornal continuará fazendo intensas pressões sobre o candidato mineiro.<sup>182</sup>

### 19 de outubro

O Bernardismo, desorientado, não hesita em recorrer a gazúia e ao pé de cabra para reaver as famosas cartas de rolinha. (Correio da Manhã, p.1, 19 out. 1921)

A residência do Sr. Serpa Pinto foi assaltada na madrugada de ontem, por gente do Sr. Bernardes! (Correio da Manhã, p.1, 19 out. 1921)

Portas arrombadas, papéis, livros e chapas fotográficas em desordem e um logro para os encarregados da empreitada do desespero. (Correio da Manhã, p.1, 19 out. 1921)

Os debates na câmara continuaram agitados, sendo mandadas evacuar as galerias e suspensa a sessão por duas vezes. (Correio da Manhã, p.1, 19 out. 1921)

O Correio da Manhã aparece mais uma vez com um escândalo na sua capa. Após ter ficado os dias 17 e 18 ocupado com a repercussão da vaia a Arthur Bernardes, o jornal investe num fato novo.

Arthur Bernardes é acusado de ter promovido uma tentativa de invasão a residência de Serpa Pinto, um especialista em grafologia que teria sido consultado pelo Correio da Manhã. A imprensa Bernardista ignorou o caso, mas a repercussão da carta continuou sendo propalada.

### 20 de outubro

O Correio da Manhã abre este dia com as seguintes manchetes:

O banquete de Rolinha nos diários. (Correio da Manhã, p.1, 20 out. 1921)

A polícia transformou, ontem, o largo da lapa em praça de guerra, praticando toda sorte de violências. (Correio da Manhã, p.1, 20 out. 1921)

Prisões a granel, ferimentos e até um popular covardemente fuzilado. (Correio da Manhã, p.1, 20 out. 1921)

Como pudemos observar, havia outro fato a ser explorado pelo Correio da Manhã: um banquete em homenagem a Arthur Bernardes. Foi feita uma tentativa para demonstrar que a população estava preparada para vaiar novamente sendo impedida apenas pela truculência das forças policiais.<sup>183</sup> Por fim, no dia 22 de outubro, ocorreu a

<sup>182</sup> Cf. Correio da Manhã, 16/10/1921. P.1; 17/10/1921. P.2; 18/10/1921. P.2

<sup>183</sup> Cf. Correio da Manhã, 20/10/1921. P.1

saída de Arthur Bernardes a qual foi associada a vaias e repressão policial novamente.<sup>184</sup>

Vejamos as manchetes:

A partida do sr. Bernardes  
Foi ainda debaixo de outra formidável vaia que Rolinha regressou.  
Violências da polícia contra o povo e proezas do cravo vermelho.  
(Correio da Manhã; p.1, 20 out. 1921)

Tendo em vista os procedimentos do Correio da Manhã, vejamos como se comportou a Gazeta de Notícias, jornal pró-Arthur Bernardes, durante este período que foi o clímax da Campanha do Correio da Manhã.

#### 4.5 A imprensa Bernardista

##### A Gazeta de Notícias

A reação da Gazeta de notícias ao episódio da carta que teria sido escrita por Arthur Bernardes foi incisiva. O jornal tenta desqualificar o Correio da Manhã para desta forma minimizar os ataques a Arthur Bernardes. Vejamos uma amostra disso:

É reprimindo náuseas, é levantando o lenço ao nariz, que descemos a imundície da chantagem política que escorreu da cloaca do sr. Nilo Peçanha á luz da publicidade, essa chantagem que é a pseudo carta do sr. Arthur Bernardes ao sr. Raul Soares, carta na qual se formulam os mais destemperados ataques ao sr. Marechal Hermes da Fonseca, ao exército , de par com intrigas mesquinhas com o presidente da República (Gazeta de Notícias; p.1,10 out. 1921)

Outro procedimento padrão são os ataques a Reação Republicana. Nilo Peçanha sofre ataques que deixam claro que há uma pretensão de vitimizar São Paulo e Minas Gerais. Deixa-se a impressão de que a Reação Republicana seria uma espécie de conspiração contra esses estados e população. Vejamos:

Para o sr. Nilo Peçanha , Minas e São Paulo constituem a porção maldita do nosso território – verdadeira terra de infiéis – cuja vizinhança deve ser objeto de inteira suspeição, cujos governos devem ser tidos como inimigos da causa pública, cuja riqueza deve ser reputada o fruto ilícito de privilégios e extorsões prejudiciais a coletividade. (Gazeta de Notícias,p.2, 14 out. 1921)

---

<sup>184</sup>

Cf. Correio da Manhã, 22/10/1921. P.1



Outro fator que merece atenção diz respeito à visita de Arthur Bernardes. A chegada de Arthur Bernardes foi retratada de uma maneira tão diametralmente oposta à descrição realizada pelo Correio da Manhã que devemos refletir acerca da objetividade da imprensa.

Tamanha diferença na descrição de um mesmo episódio revela uma característica interessante de parte da imprensa na Primeira República: a não fidelidade aos fatos.

Sendo uma imprensa engajada, tanto o Correio da Manhã quanto a Gazeta de Notícias, aumentam, omitem e até distorcem certas notícias. Vejamos as manchetes acerca da chegada de Arthur Bernardes ao Rio de Janeiro:

A chegada do Dr. Arthur Bernardes (Gazeta de Notícias;p.1, 16 out.1921)  
 Foi grandiosa a recepção do candidato nacional à presidência da República.(Gazeta de Notícias;p.1,16 out.1921)  
 Os adeptos de Nilo Galinha, em pura perda, tentaram empanar o brilho das homenagens populares ao futuro chefe da nação.(Gazeta de Notícias;p.1,16 out.1921)

A Gazeta de Notícias relata que foi grandiosa a recepção dada a Arthur Bernardes. Os adeptos de Nilo Peçanha teriam tentado diminuir o brilho do candidato mineiro, mas suas tentativas teriam sido em vão.

A primeira vista, tais manchetes impressionam bastante, pois contrastam com os relatos contidos na historiografia e são totalmente opostas a exposição do Correio da Manhã.

Entretanto, a Gazeta de Notícias não sustenta por muito tempo a tese de que Arthur Bernardes não foi vaiado e no dia 18 de outubro publica um edital defendendo seu candidato.

Arthur Bernardes é comparado a outros personagens ilustres da história brasileira que teriam sido vaiados como Campos Sales e Hermes da Fonseca. Estes teriam sido vaiados, segundo a própria Gazeta de Notícias, por motivação do Correio da Manhã que foi taxado de empreiteiro de vaias.<sup>185</sup> Vejamos este trecho de defesa da Gazeta de Notícias:

O sr. Arthur Bernardes se foi vaiado o foi por aqueles mesmos que vaiaram Campos Salles e isso deve constituir um título de glória para o candidato da convenção do Monroe. A companhia é boa...(Gazeta de Notícias;p.2,18 out.1921)

Como podemos ver, o Correio da Manhã consegue pôr a máquina pró-Arthur Bernardes na defensiva, impondo-lhes a sua agenda. A Gazeta de Notícias se vê impelida a responder os ataques lançados contra Bernardes. Exemplo disso é o caso a seguir:

Essa é a última em número, essa é a última na quintessência da miséria, essa é , sem dúvida a continuação do fígado podre. Não se expõe a porta do jornal, escondesse a no fundo de uma gaveta, entrega-se a guarda de um cerbero mestiço de aspecto repulsivo, cara de bronze e caráter de hiena, com a incumbência dele exibir a oficialidade do exército brasileiro.

E faz-se com esse documento falso e refalso um barulho de feira, e cada manhã o Correio afirma que a sua redação correram, em romaria, todos os militares desta guarnição, que todos... (Gazeta de Notícias;p.2,29 out.1921)

No caso em questão, Gazeta de Notícias está rebatendo a estratégia dos testemunhos que está sendo utilizada pelo Correio da Manhã. Isto porque após a saída de Arthur Bernardes do Rio de Janeiro, quando o caso das cartas já dava sinais de que iria se esvaziar, o Correio da Manhã passou a divulgar que a sua própria redação estaria aberta aos oficiais do exército e marinha que quisessem ver com os próprios olhos a carta de Arthur Bernardes.

Era um convite do Correio da Manhã para que os oficiais das forças armadas tirassem as suas próprias conclusões. Tal atitude levou que a imprensa Bernardista reagisse visto que o ato do Correio da Manhã era de muita ousadia e demonstrava uma confiança que poderia parecer a muitos um sinal de que estaria com a verdade.

Este procedimento do Correio da Manhã abriu margem para que o assunto das cartas não caísse no esquecimento porque nos dias subseqüentes a abertura da redação o jornal expunha notas nas quais relatava que um determinado número de oficiais tinha comparecido à redação do jornal e procedido a uma análise das cartas, chegando a conclusão de que as mesmas seriam verdadeiras.

#### **4.6 Gil Blas**

Durante o episódio das cartas o uso de um vocabulário agressivo foi comum de ambas as partes do confronto político. Como vimos acima a Gazeta de Notícias chegou a recorrer a termos como cloaca, náuseas, imundície, lenço ao nariz, dentre outros. Vejamos mais exemplo desta radicalização, que no caso a seguir envolve a religião:

O candidato do demônio

Os dissidentes parecem muito empenhados em demonstrar que o sr. Arthur Bernardes não é candidato dos católicos e que o nosso Nilo, o nosso impagável Nilo Peçanha-este sim ! - tem uma grande popularidade no seio da igreja.

Os dissidentes enganam-se. Eles pensam que o fato do padre Leôncio estar agora muito assíduo aos apartes na câmara, indica o aumento da fé cristã em favor do nosso Nilo.

Ora há uma circunstância que afasta por completo a idéia de qualquer entusiasmo nesse sentido, e vem a ser esta : o candidato dos dissidentes é bode, é bode preto... ele o é, não por causa da cor da sua pele e da sua barbicha, - isso já seria o bastante para o fazer um autêntico bode- mas devido a maçonaria...

Ao que se saiba, não há no mundo um católico que se alie a um maçom e muito menos que venha a advogar e sustentar a candidatura de um maçom a qualquer coisa, a presidente da república ou a juiz de paz.

Os dissidentes ficaram- e era natural- muito desapontados com o apoio que o sr. Arthur Bernardes tem recebido do clero, não só em Minas, onde esse apoio é geral, como em muitos outros estados. Querem então, para contrabalancear o efeito da atitude do clero, insinuar o nosso bode preto como o candidato do sentimento religioso do País.

É impossível. O nosso Nilo deve contentar-se com a solidariedade apenas do diabo; e o padre Leôncio, esse mesmo, quando sentir o enxofre de quem vem cheios os bolsos do homem, há de benzer-se e correr... ( Gil Blas,p.3, 10 nov.1921)

Como podemos observar Nilo Peçanha foi associado ao demônio e na construção desta associação a Gil Blas recorreu até a referências a cor da sua pele. A Gil Blas também recorreu a um elemento da cultura política nacional: a rejeição da maçonaria por parte dos católicos. Ao expor que Nilo Peçanha era maçom, a revista tentou apelar para os sentimentos religiosos da população para que votassem em Arthur Bernardes.

#### **4.7 Correio da Manhã: Procedimentos complementares**

Apesar do foco do Correio da Manhã, de outubro a dezembro de 1921, ter sido o episódio das cartas, o jornal ainda recorreu a alguns procedimentos complementares. Seus candidatos, por exemplo, estavam em excursão pelo País e não podiam deixar de ser elogiados:

Depois de receber delirantes aclamações populares em Belém, o Sr. Seabra partiu dali para Manaus. Reconforta ver como a propaganda democrática do candidato a vice-presidência está acordando das populações do norte.

Felizmente, o povo se sobreavisa e seleciona entre os que os exploram e os que o consultam.( Correio da Manhã;p.2,04 out. 1921)

Arthur Bernardes aparece novamente como um candidato anti-democrático que estaria sendo imposto a população enquanto José Joaquim Seabra aparece como sendo um candidato que estaria afinado com as aspirações populares.

As denúncias as perseguições que estariam ocorrendo também continuam:

O Sr. Manoel Nobre, ex-deputado federal, atualmente em Aracaju, em telegrama remetido para esta capital, comunica que dez soldados da polícia sergipana, armados de revólveres e a mando do presidente do estado, invadiram a redação do jornal do povo, de que ele é diretor, e, tendo espancado vários tipógrafos, impediram, pelo terror, que os operários continuassem a trabalhar, motivo pelo qual a mesma folha cessou a sua publicação.

O jornal do povo é, em Aracaju, o órgão da Reação Republicana, sustentando a propaganda eleitoral em favor das candidaturas Nilo-Seabra. Essa atitude, ao que parece, irritou sobremaneira o governismo local, amarrado, como tantos outros, aos compromissos criados pela famosa combinação Bernardes.

Daí, uma série de perseguições movidas aos seus redatores e, principalmente, ao ex-deputado Manoel Nobre, membro de uma família de indiscutível prestígio eleitoral, e cuja ação desassombrada mutio incomoda os partidários de rolinha. (Correio da Manhã;p.2,05 out.1921)

Com tais denúncias, o Correio da Manhã exercia um papel político duplo. Em primeiro lugar combatia as perseguições que, possivelmente estavam acontecendo, ao torná-las públicas, criando um certo constrangimento.

Em segundo lugar, tais denúncias serviam para ajudar a colocar a população contra Arthur Bernardes pois realizar perseguições seria um ato indigno de um candidato a presidente.

E ainda a respeito da excursão de Nilo Peçanha :

Telegramas que recebemos de Manaus, onde já se encontra o Sr. Nilo Peçanha, trazem-nos esta notícia auspiciosa: em declaração pública, feita de modo solene e peremptório, o governador abriu a questão presidencial, assegurando aos seus amigos e ao povo do Amazonas a mais completa liberdade de escolha.

Com efeito imediato dessa atitude do Sr. Rego Monteiro, Itacoatiara, importante município ao norte daquela unidade federada, pelos seus elementos mais representativos, presentes na capital, aderiu de pronto à causa da dissidência. Grandes manifestações populares, mostraram logo como o chefe amazonense correspondeu ao desejo dos seus conterrâneos.

Isso quer dizer que, dos dezessete estados tidos e havidos no rol da carneirada bernardista, pelo menos um está fora do número. Esperemos um pouco mais, para ver quantos sobrarão.(Correio da Manhã;p.2,06 out.1921)

Como pudemos observar, o favoritismo de Arthur Bernardes foi mais uma vez combatido. A presença do Amazonas é alardeada ao lado da Reação Republicana enquanto o Correio da Manhã levanta expectativas de maiores defecções no campo Bernardista.

Tais declarações do Correio da Manhã, inclusive não procedem com o exposto na historiografia, porque o estado do Amazonas não aparece em nenhum momento como um grande apoiador da Reação Republicana.

#### 4.8 O retorno de Nilo Peçanha

Dentre as táticas complementares utilizadas pelo Correio da Manhã durante esta terceira fase da campanha apareceu com destaque a sua cobertura dada ao retorno de Nilo Peçanha. Eis algumas das suas manchetes:

A apoteose feita ontem ao senador Nilo Peçanha foi a mais bela, a mais grandiosa das manifestações de carinho já recebidas por um político brasileiro  
A alma do Rio de Janeiro vibrou intensamente, à chegada do candidato popular a presidência da República.  
O bernardismo e o cravo vermelho cautelosamente abstiveram-se de perturbar a ordem. (Correio da Manhã;p.1,06 nov.1921)

Engrandecer o retorno de Nilo Peçanha era estratégico por pelo menos duas razões. Em primeiro lugar tratava-se do esforço para demonstrar Nilo como sendo o candidato da opinião pública, o escolhido pelo povo, que numa real democracia deveria ser o eleito.

Não obstante, a sua consagração ainda teria como conseqüência diferenciá-lo de Arthur Bernardes. Ao falar de como Nilo Peçanha foi ovacionado, é quase que implícita uma referência a vaia recém-tomada pelo mineiro.

É por isso que o seu retorno rende um grande espaço da primeira página. E além disso, o jornal ainda usa seu espaço em dias subseqüentes para comentar o episódio e defender a imagem de que Nilo foi bem recebido.

Em determinado dia, por exemplo, o Correio da Manhã rebate o argumento usado pela imprensa Bernardista de que Nilo só teria sido bem recebido em função de um telegrama de Bernardes para que não fizessem nenhuma manifestação hostil contra o candidato do Rio de Janeiro. O jornal ironiza o telegrama de Arthur Bernardes.

#### 4.9 A idéia de Golpe

Após o episódio das cartas a idéia de golpe ficou mais forte e transparente no discurso do Correio da Manhã. A esperança nas eleições diminuiu e o jornal passou a pregar abertamente que o exército ficasse pronto para intervir caso Arthur Bernardes vencesse. Observemos a seguir um trecho deste discurso:

...quanto à segunda opinião, a do que aconselha aos oficiais a regeneração da República pelo voto, ela não merece mais que um sorriso...

Realmente aconselhar a regeneração pelo voto numa república que tem vinte eleitores e em que só o voto dos governadores representa alguma coisa é uma pilheria do mais puro gênero pincensans rire ...

A única e verdadeira atitude que no atual estado da civilização brasileira cabe ao exército e a marinha de assumir em face dos episódios sucessivos da nossa evolução democrática é a de uma neutralidade vigilante- pronta para intervir.

... o exército é uma grande força material e moral organizadora e armada pela nação para defender as suas liberdades e não para instrumento de tiranias ... Há 32 anos que o povo brasileiro amaldiçoa a desordem republicana que devasta e arruína o País. Essas forças psicológicas acabarão por produzir na sociedade brasileira uma ruptura do equilíbrio precário em que vivemos e determinará uma transformação, que se fará ... no sentido da maior das forças. Essa transformação será por conseguinte regeneradora. A hora dessa transformação se aproxima? Parece que sim. (Correio da Manhã, p.2, 05 nov. 1921)

Notemos a transformação no discurso do jornal. Enquanto na primeira fase da campanha (de maio a junho de 1921) o jornal citava a idéia de golpe associada a uma reação da população contra a “combinação Bernardes”, nesta terceira fase ( de outubro a dezembro de 1921) o Correio da Manhã deixou as esperanças nas eleições de lado e passou a falar mais abertamente a respeito da idéia de golpe. E mais, o golpe, saiu das mãos da população para as mãos das forças armadas.

O golpe não seria mais uma ação da população revoltada pela usurpação dos seus direitos, mas sim uma ação do exército. A população começa a ficar numa posição mais passiva e o jornal passa a recorrer a tradição de que o exército poderia salvar o País.

#### **4.10 A manutenção e Pressão no caso das cartas**

Nas últimas semanas de novembro e no mês de dezembro de 1921, o Correio da Manhã manteve o caso das cartas em aberto e nas manchetes através de um novo recurso. Este recurso eram as discussões que estavam acontecendo no clube militar.

Estas discussões deram farto material para que o Correio da Manhã criasse novos fatos políticos que prejudicassem a imagem de Arthur Bernardes. Assim se mantinha o caso em evidência. Entretanto este não era o único objetivo do jornal.

Através das suas manchetes e editais, o Correio da Manhã procurou pressionar os militares para executar uma condenação a Arthur Bernardes. Os oficiais pró-Bernardes eram criticados e desmoralizados enquanto os pró-condenação eram elogiados como defensores do exército.

Essa manutenção aconteceu até o fim de dezembro quando o Correio da Manhã publicou que o clube militar havia julgado as cartas como verdadeiras. O jornal alardeou a suposta decisão do clube dando como encerrado o caso: caberia a partir de então, esperar o julgamento da nação a respeito do caso como teria proposto o clube militar. Mas o Correio da Manhã já anunciava o resultado do julgamento: Bernardes não seria presidente.<sup>186</sup>

É interessante notar que, no dia 31 de dezembro, o Correio da Manhã declara que Bernardes não vencerá. Mas, apesar de todas as suas declarações anteriores onde afirmava que o exército não aceitaria o mineiro na presidência, o jornal nega que vá ocorrer um golpe pela Reação Republicana.<sup>187</sup>

Pelo contrário, afirma que tais acusações da imprensa bernardista tem o propósito de viabilizar a decretação de estado de sítio por Epiácio Pessoa, o que seria um instrumento para pôr Bernardes no poder.

#### 4.11 Conclusão

No que diz respeito às nossas hipóteses, façamos as nossas considerações finais. O episódio das cartas de Arthur Bernardes é um exemplo lapidar da tentativa de construção de um fato simbólico explosivo que pudesse destruir a sua candidatura.

Relembrando as características da estratégia do jornal, podemos concluir que o caso das cartas foi um ataque-síntese. As cartas visavam no curto prazo desestabilizar a vinda de Arthur Bernardes à capital do Brasil. Mas junto com este objetivo havia também a tentativa de vetar o candidato por completo através de uma ameaça golpista.

A idéia de golpe ganha força e a hipótese de solução democrática fica enfraquecida. O único freio demonstrado pelo Correio da Manhã na sua propaganda pró- golpe seria o medo de um decreto de estado de sítio.

O discurso moralizante se mantém , sendo agora apoiado pelas cartas de Arthur Bernardes que seriam uma prova dos seus desvios de caráter e da falta de moral que estaria, segundo o jornal, corroendo a república.

---

<sup>186</sup> Cf. Correio da Manhã, 31/12/1921. P.1

<sup>187</sup> Cf. Correio da Manhã, 31/12/1921. P.2

O Correio da Manhã ainda se utilizou simbolicamente da cidade do Rio de Janeiro, exaltando a cultura da sua população, o que é representativo acerca do seus vínculos com as camadas urbanas e com o local onde é criado o jornal.

Acerca da luta contra a hegemonia dos grandes estados na escolha do candidato a presidente, o jornal a combate a partir do momento em que afirma que Arthur Bernardes, rejeitado pela população, não poderia se tornar presidente, pois os candidatos afinados com os anseios populares seriam os da Reação Republicana.

Entretanto, devemos notar os limites respeitados neste combate executado pelo jornal: o Correio da Manhã afirma que um candidato não pode ser eleito contra a opinião pública, ou seja, os cidadãos teriam um poder de veto maior que um poder de escolha.

Essa visão ficou clara quando o jornal defendeu que as forças políticas chegassem a um candidato de consenso, isto é, um único candidato para todo o Brasil. O jornal protestava quanto a imposição da candidatura Bernardes o que, em linhas gerais, demonstra o Correio da Manhã como um porta voz das correntes políticas oligárquicas excluídas do processo de escolha dos candidatos estando alinhado na luta pela formação de eixo alternativo de poder.

Este período foi o de maior exposição do Correio da Manhã pois o caso das cartas e a sua campanha foram alvo de grandes discussões. Foi um momento em que o jornal chegou ganhar mais destaque que a própria Reação Republicana, no papel de inimigo da candidatura Bernardes.

Um destes exemplos deste reconhecimento foi o epíteto de empreiteiro de vaias lançado pela Gazeta de Notícias. Desta forma, foi se criando um consenso quanto a decisiva participação do Correio da Manhã no processo de conformação da opinião pública contra Arthur Bernardes. A seguir, veremos a atuação do Correio da Manhã imediatamente após a conclusão do caso das cartas, na reta final da campanha.



## **5 O CORREIO DA MANHÃ E O DESFECHO DA CAMPANHA**

### **5.1 Introdução**

Neste último capítulo dividiremos a reta final da campanha em duas fases distintas. A primeira fase denominamos como um período misto onde prevalece a manutenção da campanha que é seguida até o momento da apuração quando o jornal tenta transmitir uma imagem ilusória do processo.

A segunda fase seria a do período do pós-eleitoral que se caracteriza por ser um momento de contestação dos resultados e ascensão da idéia de golpe, é a fase derradeira do confronto, a qual será finalizada com um súbito silenciamento após o fracasso da revolta tenentista.

## 5.2 A manutenção da campanha

### 5.2.1 Contexto

Esta fase é caracterizada por um momento um pouco menos intenso onde o jornal já não tem mais o mesmo ímpeto criador de fatos políticos. O clímax atingido durante o episódio das cartas falsas é interrompido pelo próprio Correio da Manhã quando este expõe um suposto veredito do clube militar acerca do episódio.

O caso das cartas é dado como encerrado mesmo que temporariamente e a partir de então nota-se um certo esvaziamento do noticiário. O jornal entra num momento em que a primeira página já não é usada com a frequência de antes.

O Correio da Manhã passa a fazer uma espécie de campanha de manutenção. Repetindo alguns procedimentos daqueles que já haviam sido adotados ao longo do trajeto iniciado em maio de 1921 como: divulgar os principais passos da Reação Republicana, atacar os aliados de Bernardes, defender os partidários da chapa nilista, manter a aproximação com o exército, rebater os discursos da imprensa bernardista, dentre outros.

### **A manutenção da campanha**

Observando as linhas gerais da sua atuação podemos distinguir em janeiro que o caso das cartas será lembrado através da defesa do laudo do clube militar. O Correio da Manhã rebatia as acusações contra o laudo e publicava reportagens e opiniões que o embasassem.

Vejamos um exemplo:

O general Tasso Fragoso que passa por homem instruído e parece ter o garbo de sua instrução muito mais apurado que o bigode, resolveu também opinar no caso da carta de insultos ao exército. Está claro que opinou discordando do laudo.

Essa atitude é surpreendente porque o general Tasso Fragoso não só não acompanhou nenhuma das diligências para a verificação da verdade, como se desinteressou da própria assembleia do clube militar que nomeou a comissão incumbida do exame da carta ... (Correio da Manhã, p.2, 04 jan. 1922)

Neste caso, o Correio da Manhã está desqualificando o discurso de um general contra o laudo do clube militar. Sendo assim, podemos perceber que o Correio da Manhã batalhou para que o laudo do clube militar tivesse uma imagem sólida e confiável.<sup>188</sup>

A discussão não se deu somente com pessoas físicas que se manifestassem contra o laudo, pois os ataques à imprensa bernardista também se mantiveram:

... a confusão e o desespero deles é um espetáculo triste de assistir. A página de a pedidos do jornal do comércio é um verdadeiro coro de lamentações, onde cantam vitória nos tons mais lúgubres e onde se arriscam a transcrever quase toda a argumentação inspirada no manancial do coronel Libâneo ...  
... a opinião unânime do País, há de esmagar Rolinha, em desespero de causa, mal grado os esforços da águia de Macae (Washington Luis) e de todas as outras águias menores ... (Correio da Manhã, p.2, 04 jan. 1922)

Como já tínhamos observado no início do nosso trabalho, a seção de cartas do jornal do Comércio era utilizada para a exposição de idéias de adversários da campanha do Correio da Manhã.

Por isso, os ataques foram desferidos. Entretanto, podemos ver que Washington Luís está sendo atacado. Durante muitos meses, o Correio da Manhã poupou a figura do presidente do estado de São Paulo. No entanto, com a eleição se aproximando esses ataques passam a acontecer e com uma certa frequência.

Apesar de algumas inovações, podemos observar muitas continuidades nas estratégias de campanha:

Jornais e cartas de Minas que nos tem chegado as mãos ultimamente, referem-nos que, em desespero de causa, o bernardismo move em todo o estado uma intensa campanha contra esta folha sob o pretexto, calvamente falso, de que hostilizando a candidatura do sr. Bernardes estamos igualmente hostilizando Minas Gerais. Ai está uma campanha, que não nos causa o mínimo desassossego, até mesmo devido aos efeitos contraproducentes que vai obtendo, como demonstra o nosso serviço de assinaturas para o grande estado central... (Correio da Manhã, p.2, 10 jan. 1922)

Assim, acima encontramos novamente o Correio da Manhã fazendo alusão a uma vitimização de Minas Gerais que estaria sendo realizada pelo Bernardismo. Desta vez, entretanto, ao invés de fazer um longo discurso acerca de como jornal carioca preza

<sup>188</sup>

Cf. Correio da Manhã, 04/01/1922 e 12/01/1922. P.2

o estado de Minas, a resposta foi uma irônica alusão ao crescimento do número de assinaturas.

Outro procedimento padrão foi a divulgação das viagens da Reação Republicana. Desta forma, houve dias cuja manchete principal falava a respeito da viagem do dr. Seabra para a capital, para Santos, para o Rio Grande do Sul, dentre outras.<sup>189</sup>

As supostas tentativas de Arthur Bernardes para sabotar a investigação de Serpa Pinto a respeito das cartas contra o exército também renderam mais duas reportagens de destaque por dois dias.

Desta vez, o Correio da Manhã alegou ter descoberto que Bernardes tentou, através do irmão de Serpa Pinto, realizar um suborno para que o perito falseasse as conclusões a favor do mineiro.<sup>190</sup>

Ainda a respeito da carta que teria sido escrita por Arthur Bernardes, temos a declaração de que Edmundo Bittencourt foi a Europa para obter de um perito francês uma análise das cartas.<sup>191</sup>

Esta análise seria, segundo o jornal, apenas para confirmar de vez a sua veracidade, eliminando toda e qualquer dúvida que ainda pudesse existir acerca do episódio.

Pouco tempo depois, temos a manchete onde se afirma que o perito francês concluiu pela veracidade da carta, o que, segundo o jornal, acabaria com qualquer questionamento.

O Correio da Manhã ainda aproveita a oportunidade para acusar Arthur Bernardes de ter tentado subornar o perito Europeu, associando o mineiro mais uma vez a idéia de corrupção.<sup>192</sup> Note-se que o Correio da Manhã dá a estas notícias sobre as cartas apenas um caráter de reforço pois o laudo do clube militar seria conclusivo.

Neste período pré-eleitoral, apesar do encerramento do caso das cartas falsas e da repetição de procedimentos que já vinham sendo adotados desde maio do ano anterior, houve um acontecimento que chamou bastante atenção: trata-se da excursão de campanha de Maurício de Lacerda para Minas Gerais.

---

<sup>189</sup> Cf. Correio da Manhã, 07/01/1922. P.1 e 17/01/1922. P.2

<sup>190</sup> Cf. Correio da Manhã, 05/01/1922. P.2

<sup>191</sup> Cf. Correio da Manhã, 06/02/1922. P.1

<sup>192</sup> Cf. Correio da Manhã, 07/02/1922. P.1

Maurício de Lacerda havia sido excluído politicamente no Rio de Janeiro para que o grupo político de Nilo Peçanha não tivesse atritos com o presidente Epitácio Pessoa.

Logo, a sua viagem ganhou status simbólico maior e foi propalada pelo Correio da Manhã no dia 17 de janeiro. Maurício de Lacerda estaria representando as vítimas do poder de Epitácio Pessoa que era um dos maiores sustentáculos do Bernardismo.

Entretanto, ao fazer campanha no território político que era a base do Bernardismo, Maurício de Lacerda foi agredido. Sua agressão ganhou repercussão no jornal e foi comentada por vários dias, embora de maneira intercalada.

A questão ficou ainda mais tensa quando Maurício de Lacerda teria solicitado um habeas corpus e afirmado que iria processar Arthur Bernardes por crime de responsabilidade.

O ápice deste episódio, no entanto, deu-se em fevereiro. Foi quando o Correio da Manhã publicou, no dia 07 de fevereiro, que J. J. Seabra iria para Minas Gerais, mas desistira diante da falta de segurança; E no dia seguinte, 08 de fevereiro, acusou o Bernardismo por tentativa de assassinato contra Maurício de Lacerda.<sup>193</sup>

Paralelamente a estes ataques, as iniciativas que visavam conquistar o exército permaneceram. O Correio da Manhã anunciou que a marinha se solidarizava com o clube militar, exposto assinaturas das pessoas que apoiavam a moção do clube, anunciado que a imprensa bernardista perdera o respeito pelos militares, dentre outros procedimentos.<sup>194</sup> Essas foram as principais linhas durante o período pré-eleitoral.

### 5.3 As eleições

As eleições ocorreram no dia 1º março de 1922. A seguir, o Correio da Manhã passou a publicar durante vários dias consecutivos notícias a respeito da apuração. Em todas elas era publicado que a Reação Republicana estava à frente.<sup>195</sup>

Somente muito tempo depois o jornal admite a dianteira de Arthur Bernardes. A partir daí o jornal passa a contestar o resultado reforçando as denúncias de fraudes que já estavam fazendo contra os Bernardistas. O Correio da Manhã se negou a admitir o

---

<sup>193</sup> Cf. Correio da Manhã, 07/02/1922 ; 08/02/1922. P.1-2.

<sup>194</sup> Cf. Correio da Manhã, 15/01/1922. P.2

<sup>195</sup> Cf. Correio da Manhã de 02/03/1922 a 10/03/1922. P.1-2

resultado<sup>196</sup> e manteve essa linha até que Nilo Peçanha lançou discursos defendendo a criação de um tribunal de honra para apurar as eleições.

#### 5.4 Tribunal de honra: o ultimato

O Correio da Manhã encampou essa proposta visto que ela se constituía como um meio de continuidade para a campanha. A partir passou a publicar editais em sua defesa. Vejamos este exemplo:

Causou a melhor impressão em todo o País a atitude tomada pela Reação Republicana, propondo a instituição de um tribunal de honra, perante o qual compareçam, em símbolo, os dois candidatos que pleitearam a eleição presidencial, para serem julgados, de acordo com o processo pelos quais o nome de um e o do outro foram apoiados nas urnas. (opinião pública a favor)

Esta conduta dá uma extraordinária força moral, e tão extraordinária quanto indiscutível, á causa que o sr. Nilo Peçanha tem a fortuna de encarnar e torna evidente que a Reação Republicana não foge a nenhum processo de exame da situação a trinta e três anos de prática viciosa do regime tem arrastado o País. Ela pleiteou o poder, mas não o deseja sem a autoridade emanada de um processo regular de apuração da vontade do povo. (congresso sem moral para julgar)

E esta vontade não é, certamente a expressa pelo conjunto das satrapias regionais que sustentaram com o seu aparelhamento político o nome do candidato detestado do povo.

A instituição do tribunal tem a virtude de não ser nova. Dois precedentes a justificam e autorizam. Mas, ainda que não houvesse para ela o argumento dos precedentes, o caso estaria justificado pelo modo como a maioria do congresso nacional empenhou a sua palavra, o seu voto, e pois sua sentença, na fase do reconhecimento de poderes.

Comprometido assim o congresso, para que recurso apelar. O tribunal de honra oferece o meio seguro de resolver o incidente e tem a superioridade indiscutível de colocar a causa nas mãos de homens insuspeitos, que lhe poderão dar o desfecho que melhor julgarem.

Na iminência, como estamos, duma crise institucional da maior gravidade, a idéia do tribunal consolida a confiança da Reação Republicana nos sistemas da escolha do chefe do estado, desde que escoimados dos vícios que lhe emprestam os politiqueiros. (crise)

O tribunal proposto será, de resto, uma instância apenas verificadora, porque a sentença definitiva, na questão presidencial o povo já deu. O Bernardismo esfaimado de poder já está a rir-se da proposta do sr. Nilo Peçanha, como se ela não fosse mais um caso a meditar do que provocar o riso.

Sejamos amigos da Republica, e não amam, positivamente, os que repelem, e desde agora, uma solução com o pensamento de pacificar a nação. Que repitam, porém. Sua autoridade faliu, desde quando se afundaram por tal sorte na aventura de que não sabem sair, a ponto de haverem perdido o senso de uma realidade concreta, que ai está visível e só os obstinados não veem. (Correio da Manhã, p.2, 01abr.1922)

O Correio da Manhã insistiu na tese de que Arthur Bernardes era detestado pela população que já teria dado o seu veredito. A idéia de que não aceitar a instituição do tribunal seria ir contra uma proposta de pacificação do País, insinua novamente a ameaça de golpe como um meio de pressão.

Outra maneira de persuadir a opinião pública de que era necessária uma apuração realizada por um tribunal de honra era a afirmação de que o congresso já

<sup>196</sup>

Cf. Correio da Manhã, 19/04/1922. P.2

estava comprometido com Arthur Bernardes e portanto seu julgamento não seria independente.

A defesa da formação de um tribunal foi assunto recorrente durante o mês de abril. Vejamos outro exemplo:

#### Efeitos do tribunal

A atitude do senador Nilo Peçanha, alvitando o tribunal de honra para o reconhecimento de poderes presidenciais , já produziu um efeito: o de ainda mais focalizar as pretensões do Bernardismo.

Se este confiasse na honestidade e na lisura dos votos, em que se baseia para afirmar que está eleito o sr. Arthur Bernardes, aceitaria imediatamente o alvitre.

Como, porém, nutrem a plena certeza de que aqueles votos não resistem a uma análise severa, só o que lhe serve no caso é o reconhecimento pelo congresso, cuja maioria perdeu o requisito essencial, a isenção de ânimo, para desempenhar o papel de juiz do pleito, visto como se comprometeu duplamente com o presidente de Minas: escolhendo-o candidato na jocosa convenção de 8 de junho e felicitando-o pela “vitória eleitoral”, pouco depois de 1 de março.

Assim o simples protesto contra a parcialidade desse juiz, e protesto elevado como o que fez a Reação Republicana pelo órgão de seu candidato , deu margem a que se alegasse estar ele tramando a revolução.

Diz e diz bem o provérbio que quem não pode, trapaceia. Aferrado no seu último reduto e não podendo mais mistificar, o bernardismo procura atirar para os ombros do adversário pugnaz, que encarna o próprio sentimento nacional, a responsabilidade pelo que possa vir a acontecer, devido a persistência de elevar ao poder um politiquero desmoralizado , peculatório confesso, incompatível com o povo e com as classes armadas.

Se algum dia houve neste País corrente política sobre a qual não se deve articular o mínimo propósito de tramar contra a ordem, esta é sem dúvida a chefiada pelo sr. Nilo Peçanha e Borges de Medeiros.

Todos ainda estão lembrados de que o senador fluminense procurou por todos os modos conjurar, não dizemos uma grande agitação, mas uma simples ebulição do conflito no cenário político da República que chegou da Europa e pode sentir já aquele tempo, toda a extensão da incompatibilidade reinante entre o sr. Bernardes e a opinião pública.

Quaisquer que fossem os seus compromissos com a política mineira – e ele confessou que os tinha – lutar contra a corrente nacional , que derivava de todos os ângulos do País significava pelo menos um atentado a expressão política do regime.

Por sua vez, o sr. Borges de Medeiros, que já apreendera a necessidade de uma reforma, há muito reclamada, nas práticas republicanas, consolidara no terreno político o que esta folha já reivindicara na opinião: a idéia de protesto contra o fato de se reunirem, em boa displicência, senadores e deputados, e deliberarem a revelia do País a escolha do candidato a presidência da Republica... ( Correio da Manhã,p.2,05abr.1922)

Desta forma, o Correio da Manhã colocou mais uma vez Arthur Bernardes na defensiva afirmando que sua negativa quanto à proposta do tribunal de honra seria equivalente a uma admissão de culpa.

Há também neste discurso uma defesa do Correio da Manhã quanto a acusação de que a Reação Republicana seria golpista. O jornal trata de refazer uma releitura dos fatos desde o início da campanha tentando colocar que a culpa dos conflitos seria dos Bernardistas, pois Nilo Peçanha sempre teria defendido o entendimento entre pólos

políticos divergentes. Apesar de negar a acusação de golpista, a ameaça permanece no ar.

Paralelamente a isso, a morte de José Bezerra e a situação em Pernambuco ganham espaço. O governo é denunciado como interventor e perseguidor.<sup>197</sup> O jornal também anuncia que no Maranhão um governador foi deposto dando a entender que um movimento revolucionário está para eclodir.<sup>198</sup>

A ameaça golpista assume sua forma mais ampla e cristalina, tanto que no início de maio o Correio da Manhã publica o seguinte edital:

Querem a luta

Confirmou-se a notícia, que ontem divulgamos, a propósito da atitude do sr. Washington Luis no caso da constituição do tribunal de honra, ou comissão de arbitramento, para a apuração das eleições presidenciais, de 1 de março.

O sr. Washington Luis opõe-se a que se chegue ao conhecimento exato da verdade sobre o pleito nos estados filados á corrente bernardista, e de acordo com o sr. Raul Soares ... repeliu o alvitre justo e moralizador da arbitragem...

Só os cegos não vêem que essa gente persegue o objectivo de submeter o País a sua vontade, seja como for e haja o que houver, não atendendo a nenhuma solicitação do bom senso.

E por uma estranha aberração do espírito partidário, uns e outros chefes do elemento bernardista visam particularmente as classes armadas nas manobras com que supõem dever empolgar o poder.

Na sua famosa carta ao companheiro de aventuras, Bernardes as qualificou de “venais na sua quase totalidade”, ao sentir que o banquete oferecido ao Marechal Hermes podia ter como consequência a apresentação, contra a sua , de uma candidatura militar.

Não há muito, ao confiarem as classes armadas aquela injúria ao desagravo da nação, o sr. Washington Luís disse em São Paulo que “esses soldados não brigam, porque não tem coragem nem dinheiro”.

E ainda agora, ao dar, cercado de policia, um passeio a Itu, onde se encontra o 4º regimento de artilharia montada, cujos oficiais não foram ao seu encontro, o menos que o presidente de São Paulo achou de articular sobre o fato é “que se tratava de uma molecagem”, acrescentando que “se o exercito fosse dissolvido, com isso nada perderia a nação”.

Na reunião do catete, referiu o sr. Raul Soares que, se as classes armadas se levantarem contra bernardes, aos civis cabe o dever de as esmagar...

Esses traficantes da politicagem fingem não perceber uma coisa, e é que não existem os “civis” com que contam para levar por diante os seus planos contra os militares e a nação, visto como bem sabem eles que, antes das classes armadas serem grosseiramente feridas nos seus mais caros melindres pelo peculatório de Belo Horizonte, já o País havia repudiado o seu nome, aceito apenas pelas oligarquias estaduais ...

...a nação foi muito longe na afirmação do seu direito e soberania, para que consinta em que, dois ou três personagens do entremez republicano forcem uma solução incompatível com a moral do regime ... (Correio da Manhã:p.2, 06 maio 1922)

A mensagem do Correio da Manhã adverte que os partidários de Arthur Bernardes querem a luta visto que não aceitaram a proposta de formar um tribunal de honra. Paralelamente a isto, o jornal passa a relembrar as provocações que os partidários

<sup>197</sup>

Cf. Correio da Manhã, 13/04/1922. P.2

<sup>198</sup>

Cf. Correio da Manhã, 27/04/1921. P.2



de Bernardes teriam feito às forças armadas, o que funciona como incitamento para a ação.

No dia seguinte o jornal mantém-se no mesmo tom:

#### A Luta

...não se esqueçam, ao organizarem a elevação de Bernardes ao Palácio da cattede, de que preparam a affronta decisiva à nação, ao exercito, á marinha e ao povo, forças a que vem hostilizando até hoje com a simples obstinação de pensarem tornar triunphante aquelle nome execrado. Continuem a pôr de lado o tribunal de honra, proposto pelo chefe da reacção republicana e acceito pela nação e classes armadas, representadas no club militar e nas guarnições dos estados, como uma válvula de cordura e apaziguamento de paixões.

Promovam a luta, comprando material de guerra, alliciando gente e batalhões, e accumulando dinheiro. Mas façam-no de frente, para que na hora das grandes afirmações de brio e do pundonor desta terra, que ainda não morreu, a nação conheça os quaes os responsáveis pela calamidade desencadeada e possa dar-lhes o castigo merecido... (Correio da Manhã,p.2, 07 de maio1922)

As ameaças de luta continuam embora o jornal tente deixar bem claro a quem caberá a culpa pelo confronto. A aceitação do tribunal de honra é definida como algo fundamental para que seja evitado o confronto. Isto é, a idéia de revolução é utilizada como meio de pressão para que os políticos bernardistas aceitem a proposta do tribunal de honra. Não há mais ambigüidade, foi lançado um ultimato.<sup>199</sup>

Pouco antes dessas ameaças, ganha destaque a situação em Pernambuco onde a proximidade das eleições, a morte de José Bezerra e as intervenções do governo federal chamam a atenção do jornal.

O Correio da Manhã veicula inúmeros ataques a Eptácio Pessoa tentando jogar a opinião pública (entendida neste trabalho como vontade da maioria) contra a intervenção e a favor do candidato escolhido por José Bezerra antes da sua morte.<sup>200</sup> Notícias sobre um movimento revolucionário no Maranhão são divulgados pelo jornal.

O clima no País está tenso. E no dia 13 de maio o Correio da Manhã publica que o Marechal Hermes da Fonseca mais alguns generais solicitaram um habeas corpus.<sup>201</sup> Novas notícias sobre movimentos revolucionários são divulgadas: agora no Paraná.<sup>202</sup>

### 5.5 O caso das cartas

<sup>199</sup> Cf. Correio da Manhã, 07/05/1922. P.2

<sup>200</sup> Cf. Correio da Manhã, 10/05/1922. P.2

<sup>201</sup> Cf. Correio da Manhã, 13/05/1922. P.2

<sup>202</sup> Cf. Correio da Manhã, 24/05/1922. P.2

Em meados de maio, o caso das cartas volta a tona pois o Correio da Manhã divulga que Oldemar Lacerda repeliu tentativas de suborno que visavam fazê-lo confessar que realizou uma falsificação.<sup>203</sup>

Em seguida, no início do mês de julho, acontece a confissão de Oldemar Lacerda. E então, nós temos a versão definitiva do Correio da Manhã: as cartas são verdadeiras. Isso mesmo, segundo o jornal, Oldemar Lacerda teria sido subornado pois logo após a confissão teria viajado para a Europa às custas dos beneficiados pela sua confissão.

O jornal reafirma o valor das suas investigações e relembra as sucessivas afirmações de Lacerda de que as cartas eram verdadeiras. Deste modo, o jornal fecha a sua versão sobre a questão.<sup>204</sup>

Como pouco tempo depois disto teremos obstinados tenentes lutando até a morte contra a ascensão de Bernardes, sendo que muitos, com certeza, acreditavam na veracidade das cartas, fica a questão: é correto chamarmos as cartas de falsas ? Chamá-las de falsas, por mais nos sintamos inclinados a fazê-lo não seria assumir a perspectiva dos vencedores ? Naquele contexto de repressão, estado de sítio e transferências, podemos pôr 100 % de confiança na confissão de Oldemar Lacerda ? Para o Correio da Manhã, não existem as cartas falsas, mas as cartas de Bernardes.

### 5.6 O esvaziamento

Em julho de 1922, como reflexo da repressão ocorre um esvaziamento político do Correio da Manhã. O sua luta contra Bernardes se dá até 5 de julho. No dia primeiro, o jornal publicou na primeira página o telegrama que mandava punir o marechal Hermes da Fonseca.

No dia 02 de julho foi publicado um edital apoiando o marechal Hermes.<sup>205</sup> No dia 03 e 04 o Correio da Manhã endossa os pedidos de habeas-corpus e expõe para o grande público que houve o fechamento do clube militar e a prisão do Marechal Hermes.<sup>206</sup> No dia 05 temos um edital discreto que provavelmente se deveu a repressão combinada com o fracasso do movimento.<sup>207</sup>

<sup>203</sup> Cf. Correio da Manhã, 18/05/1922. P.2

<sup>204</sup> Cf. Correio da Manhã, 03/06/1922. P.2

<sup>205</sup> Cf. Correio da Manhã, 02/07/1922. P.2

<sup>206</sup> Cf. Correio da Manhã, 03/07/1922 ; 04/07/1922. P.1-2.

<sup>207</sup> Cf. Correio da Manhã, 05/07/1922. P.2

A partir do dia 06 de julho, o esvaziamento político é completo.<sup>208</sup> O que causa um profundo estranhamento após mais a leitura por mais de um ano de exemplares que eram eminentemente políticos. Podemos dizer que após o fracasso do levante tenentista de 1922 e onda repressiva que levou à prisão até o dono do jornal, houve uma morte, pelo menos temporária, daquele combativo jornal fundado em 1901.

## 5.7 Conclusão

Durante o período que foi de janeiro até as eleições, o Correio da Manhã manteve a base da sua estratégia embora não tenha feito os ataques com a mesma frequência. Como já foi mencionado, este foi um período menos intenso com menos notícias e um menor uso da primeira página do que na fase quando o caso das cartas estava em ebulição.

A principal preocupação foi manter a imagem de que as cartas de Arthur Bernardes eram verdadeiras, ou seja, o seu ataque-síntese foi sustentado através da defesa do laudo do clube militar. As cartas eram o ataque-síntese visto que servia ao mesmo tempo para aproximar os militares, fortalecer a idéia golpista, desmoralizar Bernardes e fortalecer as oligarquias que buscavam um eixo alternativo (devemos lembrar que na segunda carta publicada Nilo Peçanha era atacado).

No que diz respeito as eleições e a sua apuração, o Correio da Manhã procurou manter um clima de opinião favorável aos seus candidatos. Buscou demonstrar que a Reação Republicana teria recebido muitos votos, mais do que Bernardes. Somente após muito tempo houve uma admissão de que oficialmente Bernardes estava na dianteira. Esta admissão foi acompanhada das acusações de fraude que embasavam as tentativas de contestação.

Neste período final da campanha, o pós-eleitoral, tivemos a oportunidade de ver o Correio da Manhã estimular abertamente a via golpista. As forças armadas continuaram a ser aliciadas, especialmente no caso das cartas que o jornal defendeu até o fim como verdadeiras. Os estímulos ao conflito e a contestação são predominantes.

---

<sup>208</sup>

Cf. Correio da Manhã, 06/07/1922 até 30/07/1922. P.1-3

Mantiveram-se também as linhas gerais da estratégia política como os ataques a Epitácio Pessoa, à imprensa adversária e aos correligionários de Bernardes, assim como as tentativas de associar ao mineiro com as idéias de desmoralização da República.

Com relação ao seu apoio para a formação de um eixo alternativo de poder, pode-se dizer que permaneceu visto os sucessivos ataques contra São Paulo e Minas Gerais e o apoio aos novos métodos de apuração como o tribunal de honra que seria um instrumento para contornar o congresso visto o seu comprometimento com o poder vigente.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No final de abril de 1921, assim que Borges de Medeiros manifestou a sua resistência em aceitar o nome de Arthur Bernardes como candidato a presidência da república, o Correio da Manhã deflagrou uma intensa campanha anti-Arthur Bernardes.

Esta campanha, ao longo do segundo capítulo, teve uma alta repercussão em função da sua agressividade. Nesse primeiro momento, quando o noticiário político era dedicado quase exclusivamente aos ataques contra Arthur Bernardes, o Correio da Manhã passou a promover o nome de Hermes da Fonseca e de Rui Barbosa como alternativas a esta candidatura. Estes, entretanto, não obtiveram o apoio necessário nos meios políticos enquanto o nome de Nilo Peçanha, recém-chegado ao País estava em forte evidência.

Após uma certa resistência ao estilo ambíguo do político campista, o Correio da Manhã acabou por se render a necessidade de apoiá-lo como alternativa a Arthur Bernardes. Um apoio que veio intenso, mas sem perder a sua identidade de jornal “independente” visto que a dissidência parlamentar foi diversas criticada.

No segundo semestre, após a consolidação da Reação Republicana e da sua dissidência no congresso, o Correio da Manhã inventou um fato político que fez a Reação Republicana dividir o protagonismo político com o exército e o próprio jornal: as cartas de Arthur Bernardes.

O debate sobre as cartas aumentou decisivamente a temperatura da campanha, tanto globalmente como no jornal. O periódico também diminuiu o valor dado a disputa democrática e fez crescer a corrente daqueles que viam no golpe a única solução para

impedir a posse de Bernardes. O jornal chegou a assumir abertamente a via golpista. Entretanto executou um movimento pendular entre estimulá-lo e negar que estivesse defendendo o golpe, mantendo uma ambiguidade.

Esta ambiguidade passa a ser menos clara após as eleições quando o jornal passa a falar na luta como algo certo e inevitável, caso os Bernardistas não aceitassem a proposta de um tribunal de honra. O jornal manteve-se na linha de ataque a Bernardes até o estourar das revoltas tenentistas quando foi subitamente silenciado.

O Correio da Manhã foi um órgão de imprensa multirepresentativo o que confirma as nossas hipóteses: encarnava os interesses do comércio (vide capítulo 3) e buscava se associar intensamente aos elementos urbanos (que em grande parte estavam insatisfeitos) como: operários, funcionários públicos e membros das forças armadas. Isto mais a identidade oposicionista e sensacionalista do periódico, atraiu o Correio da Manhã para a adesão à luta das oligarquias dissidentes, tanto que o jornal apoiou também a policultura contra o monopólio do café.

O Correio da Manhã defendeu também uma escolha dos candidatos a presidentes da república que não fosse restrita aos governadores dos estados mais poderosos: segundo o jornal, a opinião do País deveria ser respeitada.

Este discurso se afinou progressivamente com aquele veiculado pelas oligarquias dissidentes em busca de um eixo alternativo. Esta defesa de uma escolha realizada em moldes menos restritivos tem os seus limites e conservadorismo: o Correio da Manhã não toca na questão do voto secreto, que já havia sido levantada há bastante tempo por Ruy Barbosa, e apóia a idéia da formação de uma candidatura de consenso em torno de algum nome que fosse respeitável.<sup>209</sup>

Quanto à idéia de que a República precisava de uma regeneração moral, esta foi uma das principais vias para a crítica do Correio da Manhã à candidatura de Arthur Bernardes. A virulência desses ataques ficou na memória da sociedade e na historiografia. A limitação do papel da imprensa passou a ser discutida com maior ênfase durante esta campanha e culminou com lei Adolfo Gordo no governo Bernardes.

---

<sup>209</sup>

A Reação Republicana também não abordou a questão do voto secreto.

No que diz respeito aos ataques e elogios do jornal, estes seguiram os moldes da estratégia desenhada desde o princípio da campanha sofrendo poucas alterações: os ataques moralistas, a busca de golpes sensacionalistas que pudessem produzir efeitos políticos decisivos, a discussão com os adversários mais representativos e na realização de uma leitura dos fatos que soasse esperançosa para os anti-Bernardistas.

O jornal apresentou precocemente uma inclinação pela idéia de golpe o que demonstra que a crença no regime democrático estava seriamente abalada. O recurso ao exército foi utilizado por Pinheiro Machado em 1910, e, em 1922, o Correio da Manhã buscou desde o início conquistar as forças armadas para o lado anti-Bernardista trabalhando na criação de um clima no qual se forjou a primeira revolta tenentista. Desta forma, o jornal foi um dos principais interlocutores da corrente política que defendia o golpe como alternativa para a crise.

## REFERÊNCIAS

- ABI, RJ. Centro de Pesquisa e Memória do Jornalismo Brasileiro. *A Imprensa na década de 20*. Rio de Janeiro, 1980.
- ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando (Org.). *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- ABREU, Alzira Alves de. Jornalistas e jornalismo econômico na transição democrática. In: \_\_\_\_\_. *Mídia e Política no Brasil: jornalismo e ficção*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- ABREU, Alzira Alves . *A modernização da Imprensa (1870-2000)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ADORNO, Sérgio. Violência, ficção e realidade. In: SOUZA, Mauro Wilton (Org). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ALBUQUERQUE, Afonso de. Um outro quarto poder: imprensa e compromisso político no Brasil. *Contracampo* – Revista do mestrado em Comunicação, Imagem e Informação, n. 4, p.23-57, 2000.
- AMMIRATO, Giacomo. *Homens e jornais*. Rio de Janeiro: Aurora, 1963.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1999.
- ANDRADE, Jeferson. *Um jornal assassinado: a última batalha do Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1991.

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.

AZZI, Riolando. O início da restauração católica no Brasil, 1920-30 (I-II). *Síntese política e econômica*, n. 10 - 11, 1977.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e técnica: história da imprensa brasileira*. v.1. São Paulo: Ática, 1990.

BERSTEIN, Sergei. L'historien et la culture politique. Vingtième Siècle-Rêvue d'histoire. *Fundação Nacional de Ciências Políticas da França*. Paris, jul./set., p.67-77, 1992.

BANDECCHI, Brasil. *Liga Nacionalista*. São Paulo: Parma, 1980.

BARBOSA, Francisco de Assis. Euclides da Cunha: a marca de um drama. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v.271, abr./ jun.,1964.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 6.ed. Rio de Janeiro/ Brasília, J. Olympio: INL, 1981.

BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: imprensa, poder e público (1880-1920)*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

BARRETO, Lima. O triste fim de Policarpo e Quaresma. São Paulo: Ática, 1983.

BARTHES, Roland. A aula. São Paulo: Cultrix, 1977.

BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: Rémond, René (Org.). *Por uma História política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV,1996.

BILAC, Olavo. *A defesa Nacional (discursos)*. Rio de Janeiro: Liga de Defesa Nacional,1917.

BOMÍLCAR, Álvaro. A política no Brasil ou nacionalismo radical. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo,1920.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1976.

BOSI, Alfredo. As letras na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Org.). *O Brasil Republicano*, Tomo III, História geral da Civilização Brasileira, 2 v. São Paulo: Difel, 1977.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história- novas Perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

CAMPOS, André Luis Vieira de. *A República do Pica-Pau amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CAMPOS SALLES, Manuel Ferraz. *Da propaganda à presidência da República*. Brasília: UNB, 1983.

CÂNDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

CARDOSO, Ciro F.S. *Introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, José Murilo de. As forças armadas na 1ª República: o poder desestabilizador. In: FAUSTO, Boris. (Org.). *O Brasil Republicano, Tomo III: história da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1977.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1988.

CELSO, Afonso. *Por que me ufano do meu País*. 4 ed. Rio de Janeiro. Laemmert, 1908.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 200.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano*. Petropolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. "Textos, impressão, leituras". In: HUNT, Lynn (Org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

DELAMARE, Alcebíades. *As duas bandeiras: o catolicismo e a brasilidade*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil/ Centro D. Vital, 1924.

DIMAS FILHO, Nelson. *Jornal do Commercio: a notícia dia a dia, 1827-1987*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1987.

DINES, Alberto. *O papel do jornal. uma releitura*. São Paulo: Summus, 1986.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: historiografia e história*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FLAMARION, Ciro. História e análise de textos. In: FAMARION, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. São Paulo: Campus, 1997.



- FERREIRA, Marieta de Moraes. *Conflito regional e crise política: a Reação Republicana no Rio de Janeiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o estado moderno*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- HUNT, Lynn (Org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HOHLFELDT, Antonio. *Teorias da comunicação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- JANNOTTI, Maria de Lourdes. *Os subversivos da República*. São Paulo, Braziliense, 1986.
- JEANNENEY, Jean-Noel. A mídia. In: Rémond, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.
- LEPETIT, Bernard. *Sobre a escala na história*. In: Revel, Jacques. *O jogo de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- LEVI, Giovanni. Sobre a microhistória. In: Burke, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. *A presença de Alberto Torres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- MARCONDES, Ciro. *Política e imaginário nos meios de comunicação para as massas no Brasil*. São Paulo: Summus, 1984.
- MARSON, Adalberto. *A ideologia nacionalista em Alberto Torres*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. v.5. São Paulo: Cultrix, 1976.
- MELO, José Marques de. *Comunicação, Opinião, Desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- MELLO E SOUZA, Claudio. *Impressões do Brasil*. A imprensa brasileira através dos tempos. Rádio, Jornal e TV. Iniciativa cultural do grupo Machline.

MORAES, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, Atores Políticos e Sociabilidades na Cidade Imperial.(1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.

MUSSE, Christina Ferraz. *Imprensa, Cultura e Imaginário Urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora*. 2006.Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,2006.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: EDUSP, 1974.

NETO, Antonio Fausto. Discurso político e mídia. In: NETO, Antonio Fausto. *Comunicação e Política: Conceitos e abordagens*. Salvador: EFBA, 2004.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e Procedimentos*. São Paulo: Fontes, 2001. p.59-62.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 145-150.

PIRES, Aloildo Gomes. *Eleições presidenciais na Primeira República: uma abordagem estatística*. Salvador: São Judas Tadeu, 1995.

PORTO, Rubens. *A técnica na Imprensa nacional*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

PRESTES, Anita Leocádia. *Os militares e a reação republicana: as origens do tenentismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. p. 58-63.

REYES, Roberto. *Manifestações de Nacionalismo nas Artes e na Imprensa durante a República Brasileira*. 2003. Dissertação(Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,2003.

REVEL, Jacques. *O jogo de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV,1998.

RICOEUR, Paul. ‘Mimésis, référence et refiguration dans temps et récit’. In: *Études Phénoménologiques*, v.6, n.11, p.29-40, 1990.

\_\_\_\_\_. “Définition de la mémoire d’un point de vue philosophique”. In: Barret-Ducrocq, Françoise. *Pourquoi se souvenir?* Paris: Bernard Grasset,1989.

\_\_\_\_\_. “De l’interprétation”. In: L’encyclopédie philosophique. Paris: Puf, 1987.

\_\_\_\_\_. “O Passado tinha um futuro”. In: Morin, Edgar. *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. *A metáfora viva*. Porto: Editora Rés, 1983.

\_\_\_\_\_. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.

\_\_\_\_\_. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições Setenta, 1995.

\_\_\_\_\_. *Do texto à ação*. Ensaios de hermenêutica II. Porto: Rés, 1989.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

TODOROV, T. *Les abus de la mémoire*. Paris: Árlea, 1995.

\_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso*. Lisboa: Edições 70, 1981.

\_\_\_\_\_. *As estruturas narrativas*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1979.

ROBIN, Régine. *História e Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 153-157.

TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro*. São Paulo: Nacional, 1933.

VISCARDI, Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias: uma revisão da política do café com leite*. Belo Horizonte: C/ Arte, 2001.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 1994.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WOOD, Ellen Meiksins. *Democracia contra o capitalismo: a renovação do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo, 1995.

## **FONTES PRIMÁRIAS**

Revista Gil Blas. Cidade do Rio de Janeiro. Edições de março a dezembro de 1921.  
Correio da Manhã. Cidade do Rio de Janeiro. Edições de abril de 1921 até julho de 1922.

Gazeta de Notícias. Cidade do Rio de Janeiro. Edição de outubro a dezembro de 1921.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)